



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO
HUMANO E SAÚDE

UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DE FAMÍLIAS COM SUPERDOTADOS NO
BRASIL

Sheila Perla Maria de Andrade da Silva

Brasília - 2018



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO
HUMANO E SAÚDE**

**UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DE FAMÍLIAS COM SUPERDOTADOS NO
BRASIL**

Sheila Perla Maria de Andrade da Silva

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação.

ORIENTADORA: PROFa. Dra. JANE FARIAS CHAGAS FERREIRA

Brasília - 2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AAN553e Andrade-Silva, Sheila Perla Maria de
Um estudo sobre o perfil de famílias com superdotados no
Brasil / Sheila Perla Maria de Andrade-Silva; orientador
Jane Farias Chagas Ferreira. -- Brasília, 2018.
125 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Processos de
Desenvolvimento Humano e Saúde) -- Universidade de Brasília,
2018.

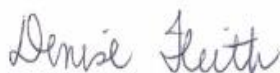
1. Família. 2. Superdotação. 3. Dinâmica familiar. 4.
Desenvolvimento humano. I. Ferreira, Jane Farias Chagas,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA
EXAMINADORA:



Profa. Dra. Jane Farias Chagas Ferreira – Presidente
Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia



Profa. Dra. Denise de Souza Fleith - Membro
Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia



Prof(a). Dr(a). Liliâne Bernardes Carneiro - Membro
Secretaria de Estado de Educação - SEDF



Prof(a). Dr(a). Luciana de Oliveira Campolina - Suplente
Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia

À minha família...

Se eu acordo preocupado
Com as providências como uma conta no banco
Que eu não tenho dinheiro pra pagar
Isso me aflige e atrapalha
Faz com que eu não me dê conta
De outras coisas que eu deveria cuidar

(...)

Dos meus filhos (**Victor e Andrew**) eu sinto saudade
Eu tenho medo que eles achem
Que eu não sinto a falta deles
Como eu acho que eles sentem de mim
Pego o meu carro pelo asfalto
Uso um sapato da mesma maneira
Por influência dos meus pais (**Marileide e Roberto**)

Então me diga
Se você ainda gosta de mim
Porque de você (**Cristiano**) eu gosto
Isso não deve ser assim
Tão ruim

Há quanto tempo eu conheço vocês
Oh, quanto tempo eu ainda vou precisar
E eu dependo do que eu não entendo
Eu pretendo apenas
Que vocês saibam que isso é meu amor

(Letra da música: Me diga. Nando Reis - Adaptada)

AGRADECIMENTOS

Foi uma longa caminhada até aqui, mas se chegamos em algum lugar, certamente, foi porque não estávamos sozinhos. Nesta caminhada de quase três anos, muitos foram os desafios. O maior deles foi enfrentar um problema de saúde que me fez ficar dias hospitalizada em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Mas a vida é feita de desafios e, mesmo com a saúde fragilizada e emocionalmente abatida, continuei minha caminhada. Enfim, é chegado o momento de agradecer todas as mãos que, de alguma forma, me apoiaram nessa trajetória e que tornaram possível a realização desse sonho.

Primeiramente, agradeço à D'us de espírito e de coração toda a dádiva da graça que esteve sobre mim, por Ele ser a minha paz, o meu refúgio, pois o Eterno é bom e sua bondade dura para sempre. Agradeço à D'us por tudo que Ele fez, por tudo que Ele faz, por tudo o que Ele há de fazer e, acima de tudo, por tudo que Ele "É".

À Universidade de Brasília (UnB), meu lugar de construção profissional e acadêmica, dia após dia, há anos. Lembro-me como, se fosse hoje, o primeiro dia que entrei nesta universidade, ainda criança, porém com a certeza de que aquele lugar que tem o mais lindo tom de verde, faria parte de mim. A UnB ensinou-me a amá-la com toda intensidade e a compreender que, apesar de todo o verde, as rosas têm espinhos e podem machucar. Ensinou-me o verdadeiro sentido de "Ser UnB", uma experiência que rendeu muitas lágrimas, muitos risos e muitas conquistas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS). À Claudia Freitas, Secretária do Programa, toda a minha gratidão pela atenção, pelo carinho e pela disponibilidade em ajudar-me. Foram muitos abraços acolhedores diante de todos os meus "aperreios".

Aos meus professores que contribuíram para a minha formação, cada um com sua didática de ensino, compartilhando os seus saberes. À Professora Claisy Marinho, Daniele

Nunes, Maristela Rossato, Eunice Soriano de Alencar, e em especial à Professora Denise Fleith, a qual possuo imensa admiração e respeito, que foi e sempre será minha inspiração profissional. Também agradeço ao Professor e amigo Onofre Miranda por toda ajuda e pelo carinho, um amigo que me incentivou a participar do processo de seleção e me motivou em todos os momentos.

Agradeço às professoras Denise Fleith, Liliane Carneiro e Luciana de Oliveira Campolina por aceitarem o convite de compor a minha banca de defesa, e pela generosidade de ler, avaliar e contribuir com este trabalho. Cada uma, de modo particular, contribuiu com a minha formação e, dessa forma, são referência na minha trajetória acadêmica e profissional.

Meu total agradecimento à minha orientadora, Professora Jane Chagas, que literalmente me abraçou e apoiou em todas as situações. Agradeço por ter tido uma orientadora humilde em sua essência, amável, honesta e, acima de tudo, humana. Sou grata por todas as suas mãos, a que batia e a que sustentava, sempre na hora certa e na medida adequada, sem você essa caminhada não seria possível.

Sou grata à várias pessoas iluminadas que caminharam comigo ao longo dessa trajetória. Aos meus vários colegas de Laboratório e do Grupo de Pesquisa, Evaldo Fernandes, Denise Soares, Sheila Marocolo, Rhaíssa Ramos, Uri Lima e, com muito carinho, à Ana Claudia Ayres que me auxiliou com a aplicação do piloto do questionário, dispondo de seu tempo para contribuir com a minha pesquisa, espero um dia poder retribuir. À minha amiga Alessandra Andrade, que conheci na disciplina Tópicos Especiais em Psicologia de Desenvolvimento, ainda quando estávamos nos preparando para a seleção. Gratidão por ser uma amiga e se preocupar comigo!

À Rayanne Lima, o maior e melhor presente que ganhei no mestrado! Olhando para traz, lembro-me da sua chegada à UnB, ainda na graduação. Sempre reservada, um pouco tímida e extremamente educada, como não poderia ser amor à primeira vista? Gratidão pela sua amizade,

companhia, conselhos, e, sobretudo, por me contagiar com sua juventude e alegria de viver. À Consuelo Medeiros Rodrigues de Lima, Professora do Instituto de Biologia da UnB e mãe da Rayanne, por todos os cafés com tapioca recheadas com ciência. Uma família que, hoje, me sinto parte. Muito obrigada!

Agradeço aos meus colegas de trabalho Josiane Silva, David Cavalcante e, em especial, ao meu chefe Willian Gomes, que entendeu a minha necessidade de afastamento neste último semestre, mesmo com toda demanda atribuída ao Decanato de Gestão de Pessoas da UnB.

Também sou grata aos amigos que fiz no Instituto de Psicologia da UnB, Margarete Sotero, Noemia Morais, Sônia Ramos, Daniel Milke, Maria Helena Bahia, Thamires Rodrigues, Thiago Pereira.

Agradeço à Laene Gama, minha terapeuta, e a toda equipe médica que me ajudaram (ajudam) de forma inacreditável. Ela e outras pessoas foram compondo a minha rede de apoio que cuidaram (cuidam) de mim. MUITÍSSIMO obrigada!

E, finalmente, agradeço à minha família. Meu esposo Cristiano, meu protetor, companheiro, amigo, que esteve ao meu lado em todos os momentos aguentando meus estresses e “aperreios”, respeitando meu espaço e permitindo que eu invadisse o dele com minha papelada e livros, quando o expulsava de casa ou o trancava em outro cômodo da casa para garantir a concentração e silêncio absoluto ao realizar as entrevistas *online*. Enfim, por toda paciência em me suportar, especialmente, neste último semestre.

Aos meus filhos Victor Hugo, razão pelo meu envolvimento com o tema estudado, e Andrew David, meu bebê, que compreenderam a minha ausência e que me abraçavam calorosamente, me motivando a continuar e superar a saudade.

À minha mãe amada, Marileide Andrade, minha companheira, meu porto seguro, que fez o papel de mãe dos meus filhos sempre que estive ausente, que se preocupava em fazer

minha comida e, receosa em me interromper, falava meio sem graça e baixinho que a comida estava pronta. Sou eternamente grata!

Sigo com fé, sigo feliz, sigo eternamente aprendiz!

RESUMO

Embora haja um aumento no número de pesquisas voltadas para a superdotação nos últimos 40 anos, as pesquisas sobre a família com filhos superdotados ainda se apresentam tímida. A revisão de literatura revelou que há carência de estudos que envolvem a família do superdotado e suas dinâmicas como objeto principal, o que demonstra a necessidade de pesquisas voltadas para a família do superdotado, particularmente a brasileira. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi o de traçar o perfil das famílias brasileiras com filhos superdotados. Esta pesquisa teve um delineamento descritivo, com procedimentos quantitativos e qualitativos. Participaram do estudo 140 famílias com filho(s) superdotado(s) distribuídas em todas 18 unidades federativas do Brasil. Para a coleta de dados foi utilizado Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, adaptado ao objetivo do estudo e ao formato digital (*online*), sendo hospedado na Plataforma Survio®. As questões fechadas do questionário foram analisadas por meio de estatística descritiva quantitativa e as perguntas abertas pela Análise de Conteúdo de Bardin. Os Resultados indicaram que as famílias possuíam predominantemente configuração nuclear, formada por pai, mãe e filho e em alguns casos com a presença de um dos avós, que compunham a rede de apoio da família. Houve maior participação das mães, corroborando a literatura quanto à responsividade materna. Os dados mostraram que as famílias possuíam alto nível de escolarização, nível socioeconômico elevado, além de ambiente estimulante e rico em termos de práticas educativas parentais. Os resultados indicaram que as famílias, a partir da identificação de seus filhos como superdotados, alteraram as suas dinâmicas de modo a centralizar as atividades às demandas do filho superdotado. Para a implementação da pesquisa, destacam-se alguns desafios relacionados à ampla extensão do território nacional e à falta de fomento para pesquisas de porte censitário em nosso país. Como implicações para futuras

pesquisas, sugere-se a ampliação do estudo de forma que famílias socioeconomicamente desfavorecidas sejam representadas.

Palavras-chave: família, superdotação, dinâmica familiar, desenvolvimento humano

ABSTRACT

Although there is an increase in the number of research aimed at giftedness in the past 40 years, research on the family with gifted children still presents shy. The literature review revealed that there is a shortage of studies that involve the family of the gifted and their dynamics as the main object, which demonstrates the need for research aimed at the family of the gifted, particularly the Brazilian one. In this sense, the purpose of this study was to delineate the profile of Brazilian families with gifted children. This research had a descriptive delineation, with quantitative and qualitative procedures. Participated of the study 140 families with gifted child (ren) distributed in all 18 units of Brazil. For the data collection, a Questionnaire of Characterization of the Family System was adapted to the purpose of the study and the digital format (online), being hosted on the Survio Platform. The closed questions of the questionnaires were analyzed using quantitative descriptive statistics and the open questions by Bardin's Content Analysis. The results indicated that the families had predominantly nuclear configuration, formed by father, mother and child and in some cases with the presence of one of the grandparents, who made up the family support network. There was greater participation of mothers, corroborating the literature on the responsiveness maternal. The data showed that the families had high level of schooling, high socioeconomic level, as well as a stimulating and rich environment in terms of parental educational practices. The results indicated that families, from the identification of their children as gifted, altered their dynamics in order to activities to the demands of the gifted child. For the implementation of the research highlights some challenges related to the wide extension of the territory national level and the lack of promotion for research of a more census type in our country. As implications for future research, it is suggested that studies with socioeconomically disadvantaged families.

Key words: family, giftedness, family dynamics, human development

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	vi
RESUMO	x
ABSTRACT.....	xii
SUMÁRIO	xiii
INDICE DE FIGURAS.....	xv
INDICE DE TABELAS	xvi
CAPÍTULO 1	1
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 2.....	6
REVISÃO DE LITERATURA	6
A Concepção de Família na Perspectiva do Desenvolvimento Humano	6
A Família Brasileira e os Dados do Censo Demográfico Brasileiro	10
A Superdotação e os Superdotados: Conceitos, Características e Atendimento	15
Características do Superdotado	20
O Atendimento ao Superdotado no Brasil	25
A Família do Superdotado	28
CAPÍTULO 3	38
METODOLOGIA	38
Delineamento	38
Participantes	39
Instrumentos	41
Estudo Piloto	42
Procedimento de Coleta de Dados	45
Aplicação do Questionário Digital	47
Aspectos Éticos da Pesquisa	47
Análise dos Dados	48
CAPÍTULO 4	50
RESULTADOS	50

Perfil Sociodemográfico das Famílias com Superdotados	50
Eventos na Vida do Superdotado que Afetaram a Dinâmica Familiar	58
Percepção da Família acerca do Processo de Desenvolvimento do Superdotado	60
Processo de Identificação.....	63
Mudanças na Dinâmica Familiar Relacionadas ao Processo de Identificação do Superdotado	69
Percepção dos Pais Características do Processo de Desenvolvimento do Superdotado.....	76
CAPÍTULO 5	81
DISCUSSÃO	81
O perfil sociodemográfico das famílias com superdotados e sua relação com os dados nacionais - Censo Brasileiro e Censo Escolar	81
O Desenvolvimento do Superdotado e sua Influência na Dinâmica Familiar	83
A Relação Família-Escola na Identificação e Atendimento do Superdotado.....	86
Rede de Apoio e Suporte às Famílias com Superdotados	91
Questões Metodológicas, Limitações do Estudo e Perspectivas para Pesquisas Futuras	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
Implicações para as Famílias com Superdotados	95
Implicações para a Escola.....	96
Implicações para Políticas Públicas.....	98
Perspectivas para Pesquisas Futuras.....	99
Referências	100
ANEXOS	116

INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Representação da concepção da Teoria dos Três Anéis.....	18
Figura 2. Número de matrículas de superdotados no Brasil de acordo com dados do Censo Escolar 2000 a 2016 (INEP, 2017a)	26

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 Composição da Família – Arranjos de Parentescos: Censos 2000 e 2010	13
Tabela 2 Distribuição de Matrículas na Educação Básica e Matrículas de Superdotados em Classe Comum, por Unidade Federativa	27
Tabela 3 Distribuição de Alunos Atendidos em Salas Multifuncionais	28
Tabela 4 A Distribuição dos Respondentes da Pesquisa por Região (N = 140).....	40
Tabela 5 Distribuição da renda familiar por Região (N = 140).....	41
Tabela 6 Número de Respondentes por Unidade Federativa	51
Tabela 7 Tempo de Residência no Mesmo Domicílio (N = 140)	52
Tabela 8 Escolaridade dos Participantes (N = 140)	53
Tabela 9 Área de Escolaridade Superior (N =120)	54
Tabela 10 Período Escolar por Posição de Nascimento dos Filhos.....	56
Tabela 11 Tipo de Escola por Posição de Nascimento dos Filhos	56
Tabela 12 Atividades de Lazer.....	57
Tabela 13 Frequência dos Eventos na Vida dos Superdotados que Afetaram a Dinâmica Familiar na Percepção dos Pais (N = 140)	59
Tabela 14 Descrição das características dos superdotados atribuídas pela família.....	622
Tabela 15 Mobilização Familiar no Processo de Identificação.....	65
Tabela 16 Barreiras ao Processo de Identificação.....	688
Tabela 17 Organização Familiar e Rede Apoio Para a Realização das Tarefas Domésticas	70
Tabela 18 Convívio com o Superdotado	73
Tabela 19 Organização Familiar do Superdotado	76
Tabela 20 Necessidades da Família com Filhos Superdotados	78
Tabela 21 Momento Marcante para a Família do Superdotado	80

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

A escolha por estudar as famílias que possuem filhos identificados como superdotados justifica-se tanto do ponto de vista de minha trajetória pessoal quanto acadêmica e científica. Quanto à justificativa pessoal, o engajamento na pesquisa teve forte motivação vinculada a entender e melhor atender às demandas que são diariamente impostas à família que tem um de seus membros identificados com superdotados. Sou mãe de um adolescente de 18 anos, atendido em sala de recurso multifuncional desde os 3 anos, por conta de sua leitura precoce. Desde então, são muitas questões, dilemas e inquietações que, ao longo do tempo levaram-me a estudar e buscar conhecimento sobre a superdotação. Nesse processo, ficou claro que outros pais compartilhavam da mesma busca por respostas.

Quanto aos aspectos acadêmicos e científicos, este estudo justifica-se pela constatação de que há uma lacuna na literatura sobre superdotados no Brasil ao tratar dessa temática (Chagas & Fleith, 2011; Ferreira & Fleith, 2012). Ainda com relação aos estudos realizados com famílias de superdotados, verifica-se a necessidade de que sejam investigados aspectos sobre o perfil, dinâmica e organização familiar (Pedro, Odega, Moraes & Chacon, 2016; Pederro et al. 2017).

Pensar a pesquisa no âmbito da família de superdotados implica investigar aspectos familiares a partir de um cenário de excepcionalidade. Nesse sentido, envolve o reconhecimento da complexidade envolta na conceituação de família e no entendimento das peculiaridades do desenvolvimento do superdotado.

A família é apontada, por vários estudiosos do desenvolvimento humano, como um dos contextos que exerce forte influência ao longo do curso de vida dos indivíduos e na formação da sociedade (Bronfenbrenner, 2011; Dessen, 2010; Dessen & Braz, 2005). A necessidade de pesquisas sobre família tem sido destacada já a algum tempo (Dessen, 2005 e Kreppner, 2000). Corroborando essa perspectiva da relevância dos processos desencadeados no âmbito familiar,

alguns estudiosos indicam que o ambiente familiar é um dos contextos responsável pela promoção do desenvolvimento do potencial humano, tanto em seus aspectos cognitivos, socioemocionais, criativos e produtivos (Aspesi, 2007; Carneiro, 2015; Chagas & Fleith, 2011; Ferreira & Fleith, 2012; Reichenberg & Landau, 2009). Nesse sentido, tanto as características familiares quanto de seus membros exercem influência recíproca e mútua entre si.

A multiplicidade e variedade de fatores, decorrentes de diversas ordens – cultural, político, econômico, social – não nos permite fixar um modelo ou conceito único de família. Nessa direção, Dessen (2005) sublinha que “estudar a família é uma tarefa difícil, tendo em vista a complexidade que a envolve” (p.113). A autora explica que a família é um sistema complexo, que possui uma combinação de subsistemas integrados e interdependentes e que sofrem influência com o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida. Portanto devemos compreender família como um sistema em constante transformação. A família é definida, a partir de pressupostos sistêmicos, como sistema elementar, que possui características particulares e complexas formada tanto biologicamente como por afinidades, que se interagem e desenvolvem, transmite significados e que transforma a história e cultura (Bronfenbrenner, 2011; Dessen & Braz, 2005).

As relações desenvolvidas neste microsistema – família – possuem características específicas de singularidade e de complexidade, resultando em um contexto em desenvolvimento. Assim, podemos entender a complexa relação familiar, partindo da perspectiva da família como ambiente não compartilhado, cujas relações entre seus membros geram experiências diferenciadas para cada um de seus membros. Portanto, cada membro da família vivencia, de maneira particular, a chegada de uma criança com alguma excepcionalidade (Kreppner, 1992).

Outra questão importante para o estudo da família com superdotados, tem a ver com o conceito de superdotação, como uma construção sócio-histórico-cultural. No Brasil, o conceito

de superdotação utilizado em documentos oficiais preconiza que são superdotados aqueles que apresentam um alto potencial, combinado ou isolado, nas áreas intelectual, acadêmica, de liderança e psicomotricidade, além de manifestar uma elevada criatividade, um alto envolvimento com a aprendizagem e também com a realização de tarefas de seu interesse (Brasil, 2008). Para Joseph Renzulli (2014, 2016), pessoas superdotadas são as que apresentam alguma habilidade acima da média, elevado nível de envolvimento associado aos interesses do superdotado em termos de motivação e comprometimento, além de apresentarem criatividade.

A superdotação não é um fenômeno raro, havendo pesquisadores que defendem uma prevalência de até 3% da população, considerando apenas aspectos do desenvolvimento cognitivo, enquanto outros postulam que há uma probabilidade de que 15 a 20% da população seja superdotada se forem incluídos outros aspectos como: liderança, criatividade, talentos artísticos e psicomotores (Sabatella, 2005; Renzulli, 2016).

A Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1998), além de defender que toda criança tem direito à educação e acesso a conhecimentos independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas, destaca o termo necessidades educacionais especiais como pressuposto para atendimento especializado a depender da capacidade ou dificuldade de aprendizagem. Nesta concepção, a superdotação é facilmente relacionada a este tipo de atendimento, o que vai de encontro com a crença de que o superdotado não enfrenta adversidades, objeções, obstáculos e desafios no processo de aprendizagem, ou, ainda, que os superdotados serão bem-sucedidos na vida, visão que é justificada pela sua alta capacidade generalizada (Alencar, 2007).

Os superdotados não compõem um grupo homogêneo, os tipos de superdotação criativo-produtivo e acadêmico exigem diferentes recursos de suas famílias a depender de suas capacidades, interesses e necessidades peculiares (Dalosto & Alencar, 2016; Olszewski-Kubilius, Lee & Thomson, 2014). A falta de conhecimento da sociedade, em geral, traz para a

superdotação conceitos equivocados e estigmas que transformam a sua especificidade em um peso ou problema, gerando um processo de isolamento ou de segredo do que se é capaz e hábil.

A família com superdotados costuma ser bastante responsiva quanto às demandas do superdotado. Os pais de crianças e adolescentes superdotados têm uma rotina e dinâmica familiar centradas em aspectos educacionais voltados para o desenvolvimento das habilidades superiores e precoces que reconhecem em seus filhos, investindo tempo, recursos e atenção no sentido de terem acesso a oportunidades adequadas de identificação e atendimento educacional especializado (Alencar e Fleith, 2001; Aspesi, 2007; Maia-Pinto, 2012; Silva-Fleith, 2008; Winner, 1998).

Nesse processo de engajamento familiar no desenvolvimento de superdotados, são verificados alguns mitos vinculados às características dos superdotados e suas famílias que podem se transformar em barreiras a serem transpostas. Entre esses mitos, Pérez (2011) e Winner (1998) destacam:

1. O mito da perfeição e superdotação global – a associação da superdotação à genialidade e perfeição, especialmente no que diz respeito às habilidades cognitivas, é uma crença social muito comum, entendendo que o superdotado é bom em tudo.

2. Talentosa, porém não superdotada – quando não é considerado a superdotação voltada para as áreas artísticas, musical e esportivas, considerando como superdotados apenas as pessoas com altas habilidades acadêmicas.

3. O pai condutor: a crença de que os superdotados são criados, fabricados pelos seus pais, quando muito estimulados.

4. Hereditariedade – crença de que a superdotação é inata, descartando o desenvolvimento das habilidades.

5. Superdotação e sucesso – crença de que o todo superdotado alcançará êxito, sendo bem-sucedido quando adulto.

Esses mitos, ainda podem fortalecer falsos conceitos, o que pode significar conflitos nas relações da família com a escola, resistência de aceitação do fenômeno, entre outras questões que alteram o funcionamento da família.

Estudo realizado por Pedro, Odega, Moraes e Chacon (2016) demonstra como os estudos relacionados à família de superdotados ainda são pouco investigados. Dos 53 artigos analisados pelos autores, foram identificados apenas quatro artigos publicados entre 2002 e 2015, o que corresponde à 7,55% das publicações brasileiras. Outro dado que merece destaque é o de que os artigos versam sobre a influência da família no desenvolvimento de estudantes superdotados, características e desejo parental.

A pesquisa com enfoque na família do superdotado demonstra o caráter dinâmico e mutuamente influenciado das características do filho superdotado, na família, de forma a mobilizar todos os seus membros e sua rede de apoio social (Chagas, 2008; Silva & Fleith, 2008). Com isso, há uma reorganização e uma reestruturação das dinâmicas e rotinas familiares.

Diante disso, e compreendendo a importância que a família exerce, não apenas para o desenvolvimento do filho superdotado de forma isolada, mas também como unidade geradora da sociedade, este estudo teve como objetivo geral traçar o perfil das famílias brasileiras com filhos superdotados. Foram definidos como objetivos específicos:

- Traçar o perfil sociodemográfico de famílias brasileiras com filhos superdotados;
- Descrever as mudanças na dinâmica familiar relacionadas ao processo de identificação do superdotado;
- Identificar na percepção dos pais características do processo de desenvolvimento do superdotado

CAPÍTULO 2

REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, no sentido de atender aos objetivos propostos, são apresentados um conjunto de pesquisas e de concepções teóricas relacionados ao desenvolvimento familiar e à família de superdotados. Na primeira seção, serão descritos aspectos conceituais sobre a família, de forma mais abrangente, a partir de uma perspectiva do desenvolvimento humano. Na segunda seção, no sentido de demonstrar aspectos gerais do perfil das famílias brasileiras, serão considerados dados vinculados ao Censo Demográfico Brasileiro das três últimas décadas, 1991, 2000 e 2010. Na terceira seção, serão detalhadas a concepção de superdotação adotada nesta pesquisa e as principais características dos superdotados e do atendimento dessa população no Brasil. E, na quarta e última seção, serão abordadas as características de famílias de superdotados: suas dinâmicas e desafios a partir de revisão de literatura.

A Concepção de Família na Perspectiva do Desenvolvimento Humano

As primeiras tentativas de descrever e definir a família como instituição de suma importância para a sociedade, levam em consideração sua evolução desde as civilizações pré-históricas. Nesse processo, são reconhecidas as transformações que aconteceram na sua estrutura, no conjunto de costumes, valores e crenças e em sua dinâmica (Hironaka, 2000, 2003). Na medida em que novas formas e critérios de agrupamento familiar foram sendo estabelecidos, as concepções de família também incorporaram especificidades desse processo evolutivo (Barreto, 2013; Faco & Melchiori, 2009; Machin, 2016).

Em meados do século XX, conforme aponta Rooke e Pereira-Silva (2012), há um crescimento dos estudos sobre família, especialmente a partir de uma perspectiva do desenvolvimento humano e de uma concepção sistêmica. Nesse sentido, Dessen e Braz (2005),

explicam que a família, a partir desses pressupostos, é um sistema complexo e que possui uma combinação de subsistemas integrados e interdependentes, que sofre influência do contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida. Para as autoras "a família constitui um contexto em desenvolvimento, que promove a evolução dos indivíduos, sendo considerada um nicho ecológico primário para a promoção da sobrevivência e da socialização da criança, transmitindo significado social à vida de seus membros" (Dessen & Braz, 2005, p.120).

A família assim concebida, é o local primário no qual se dão as trocas de influências, sendo responsável pela transmissão de valores, crenças e significados que estão presentes na sociedade (Bronfenbrenner, 2011; Dessen, 2010; Kreppner, 2000). A família é o sistema no qual se inicia o processo de desenvolvimento da pessoa, local que transcorre boa parte dos processos iniciais que vão influenciar na formação do ser humano ao longo de seu curso de vida (Dessen, 2010; Dessen & Polônia, 2007; Kreppner, 2000; Szymanski, 2001; Weber, 2008).

Esse conceito de família ainda evidencia o entrelaçamento das questões biológicas, sociais, culturais e históricas que influencia nas relações familiares, tais como os laços de consanguinidade, as formas legais de união, o grau de intimidade nas relações, as formas de moradia, dentre outras (Petzold, citado em Falcão, 2006). Sendo assim, a família é sustentada pelas diversas interações íntimas e intergeracionais que ocorrem entre seus membros: esposa-esposo, genitores-crianças, avós-netos e demais pessoas que dela fazem parte.

Ainda de acordo com Dessen (2010), adotar alguns parâmetros anteriormente mencionados como: consanguinidade, heterossexualidade, domicílio, paternidade etc., por si só, não são capazes de dar conta da complexidade da família. Somados a estes, existem outros critérios basilares para se pensar uma definição de família entre os quais destaca: a opinião de seus membros, a afetividade e a proximidade entre aqueles que compõem o sistema.

Nesta perspectiva, Bronfenbrenner (2005, 2011) considera que a família impacta na maneira como o indivíduo apreenderá as normas sociais de convivência, as regras e valores

culturais que fundamentam os processos de socialização. Para o autor, as relações familiares ao mesmo tempo em que constituem um sistema particular, tem papel relevante na mediação das relações da pessoa com outras unidades sociais.

A literatura tem apontado a família como um contexto de desenvolvimento que tem um impacto importante no desenvolvimento humano ao longo do curso de vida (Cerqueira-Silva, Dessen, & Costa-Júnior, 2011; Dessen & Braz, 2005; Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008; Poletto & Koller, 2008; Stasiak & Weber, 2008; Stasiak, Weber & Tucunduva, 2014). As investigações têm enfatizado as influências recíprocas entre seus membros, a partir de estudos que envolvem as interações diádicas, triádicas ou poliádicas, o que possibilita um melhor entendimento das relações familiares (Rooke & Pereira-Silva, 2012). Diante de uma infinidade de temas que são investigados sobre o contexto familiar, vamos nos deter a aprofundar dois que têm relação mais direta com os objetivos desta pesquisa: as relações entre pais e filhos e a dinâmica familiar.

Entre as várias possibilidades de interações que tem sido objeto de estudo, Morris, Cui e Steinberg (2013), Stasiak et al. (2014) e Weber (2008) ressaltaram a qualidade nas interações entre pais e filhos no que concerne às práticas parentais. Estas práticas ou os comportamentos sociais dos pais para com os filhos variam de acordo com as situações vivenciadas, se referem às estratégias utilizadas pelos pais a fim de educar seus filhos, o que inclui a utilização de diálogos com finalidade explicativa, castigos ou punições, e até recompensas.

Também é significativa a quantidade de trabalhos voltados a esclarecer qual a melhor forma de educação para os filhos (Reppold, Pacheco & Hutz, 2005; Stasiak et al., 2014; Weber, 2007, 2008) e quais são as implicações dessas práticas (Alvarenga & Piccinini, 2001, 2009; Bolsoni-Silva, Rodrigues, Abramides, Souza & Loureiro, 2010; Cia, Pamplin & Del-Prette, 2006; Dessen & Szelbracikowski, 2006; Olszewski-Kubilius, 2001; Sampaio, 2007; Pereira-Silva & Dessen, 2006; Siqueira & Dias, 2013; Stasiak et al., 2014; Szelbracikowski & Dessen, 2006, Weber, 2007; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

As práticas parentais podem ser positivas ou negativas (Abidin, 1995; Pereira-Silva & Dessen, 2006; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). Nesse sentido, Ribeiro, Porto e Vandenberghe (2015) ressaltam que as práticas parentais podem ser influenciadas pelo nível de estresse parental, que em níveis mais elevados podem comprometer a dinâmica da família, acarretando consequências negativas para os pais e para os filhos. Entende-se por estresse parental a reação frente a situações adversas, que influenciam o comportamento (Rodrigues & Nogueira, 2016).

Nesta direção, Dessen e Szelbracikowski (2006), por exemplo, pontuam que as práticas parentais podem se tornar válvulas de estresse para os pais, afetando a dinâmica familiar e gerando problemas de comportamento, como: agressão física e verbal, mentira, rebeldia, delinquência; como também padrões de pensamento e sentimentos, como atribuições hostis e irritabilidade. Por outro lado, as práticas parentais podem resultar em comportamentos positivos, relacionados à qualidade das atividades desenvolvidas pelos filhos como: interações mais ativas, adaptação em diferentes contextos, além de comportamento moral voltados para os valores e culturalmente aceitos (Rodrigues & Nogueira, 2016).

No estudo desenvolvido por Sbicigo e Dell’Aglío (2012) quanto à qualidade das relações familiares, foram estudadas variáveis de coesão, hierarquia, apoio e conflito e indicadores de adaptação psicológica como: autoestima, autoeficácia e baixos níveis de autodepreciação. As autoras concluíram que as relações familiares funcionais são importantes para a expressão de características psicológicas positivas e ainda ressaltaram que a percepção do clima familiar é influenciada pelas características individuais.

Desta forma, compreender a dinâmica e clima familiar requer mapear o funcionamento da família. Esse funcionamento é afetado pelas características individuais de seus membros, pela qualidade das relações entre os seus membros e também pelo contexto social a que estes indivíduos estão expostos e onde estão imersos. Assim, as transformações societárias

influenciam a dinâmica familiar de modo particular a depender de sua estrutura, história e posição socioeconômica, o que também interfere nas interrelações entre os membros da família (Oliveira, 2009).

Assim, cada família se organiza e se desenvolve a partir de uma estrutura de relações (Baptista & Garcês, 2001; Dias, 2011). Esta estrutura, ao longo do tempo, reúne uma série de transformações que levam aos padrões relacionais. Sendo assim, cada família é um microsistema com dinâmica própria, repleta de singularidades e com uma organização complexa de crenças, valores e práticas. Desta maneira, a família por um lado tem uma estrutura flexível de relações, o que permite transformações ao longo do ciclo de vida familiar, ao mesmo tempo em que vão se constituindo padrões relacionais, funcionais e comunicacionais (Dias, 2011).

Diante do exposto e do entendimento de que a família é o primeiro espaço de desenvolvimento da criança, um sistema aberto que partilha e recebe influências mútuas, recíprocas e interdependentes, consideramos para fins deste estudo uma definição de família apoiada nas concepções de Dessen (2007) e Bronfenbrenner (2011), ou seja, a família é concebida como um sistema primário, singular, complexo e dinâmico, formada por laços afetivos entre os seus membros, no qual se dão as trocas de influências intergeracionais e a transmissão de valores, crenças e significados que estão presentes na sociedade.

A Família Brasileira e os Dados do Censo Demográfico Brasileiro

A família é considerada umas das instituições mais persistentes ao longo do tempo, é a célula germinal da sociedade e como tal é anterior ao Estado, o que lhe confere valor e importância para o entendimento da própria constituição das organizações sociais (Dill & Calderan, 2011). Por outro lado, como parte da sociedade, evolui gradativamente de acordo

com as modificações sócio-histórica-culturais. Desta forma, a família brasileira encontra-se em um momento de transformação, tanto do ponto de vista conceitual, quanto estrutural e funcional. Nesse sentido, vários autores apontam para o surgimento de novas formas ou tipologias familiares que vão se distanciando do modelo patriarcal (Dias, 2011; Dill & Calderan, 2011; Santana, 2014).

Para Santos (citado em Santana, 2014), existe uma grande variedade de conceitos de família na literatura brasileira, o que demonstra que não há uma definição unívoca de família, mas que cada uma delas está fundamentada em uma determinada corrente de pensamento, visão de mundo ou experiência pessoal. Em um âmbito mais macro essa concepção vai orientar as políticas públicas, enquanto em âmbito micro vai influenciar na maneira como as pessoas agem e pensam. Essa diversidade de definições e tipos de famílias, implica em respeito às diferenças, não devendo haver, portanto, preconceitos ou discriminações.

No Brasil, vários fatores têm contribuído para as mudanças na organização, nas relações, nas dinâmicas, complexidade e valores relacionados à família. Esses fatores são tanto internos como externos à família e dizem respeito à aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos. Entre estes, destacam-se: a saída da mulher do domicílio familiar para o mercado de trabalho, os processos de urbanização, o controle da fecundidade e natalidade, o aumento de pessoas que vivem sozinhas, o aumento no número de divórcios, a monoparentalidade, a união homoafetiva, a união estável, entre outros (Carvalho & Lopes, 2016; Dias, 2011; Dill & Calderan, 2011; Santana, 2014).

É interessante notar o processo evolutivo pelo qual passa o conceito de família a partir das definições adotadas nos Censos Demográficos Brasileiros realizados nas três últimas décadas: 1991, 2000 e 2010. Fica clara a evolução histórica que o conceito de família vai sofrendo no sentido de alinhar-se às transformações sociais ao longo do tempo. O Censo realizado em 1991, definiu família como:

a) o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica¹ ou normas de convivência² que morassem no mesmo domicílio; b) a pessoa sozinha que morasse em Domicílio Particular; c) o conjunto de, no máximo, 5 pessoas que morassem em um Domicílio Particular, embora não estivessem ligadas por laços de parentesco e/ou dependência doméstica (IBGE, 1991, pp. 44-45).

Com as mudanças sociais em curso, principalmente relativas ao gênero (famílias monoparentais femininas) e ao recasamento, pode ser observado uma ampliação no conceito de família adotado nos censos das duas próximas décadas (IBGE, 2000, 2010), que passou a incluir diversos arranjos e níveis de parentesco. As mudanças implementadas estão descritas e comparadas na Tabela 1, apresentada a seguir.

¹ Dependência doméstica a situação de subordinação dos empregados domésticos e agregados em relação ao chefe da família.

² Norma de convivência o cumprimento de regras estabelecidas para convivência de pessoas que residem no mesmo domicílio e não estão ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica.

Tabela 1

Composição da Família – Arranjos de Parentescos: Censos 2000 e 2010

Arranjos de Parentesco Censo Demográfico (Composição da Família)	
CENSO 2000	CENSO 2010
(1) Pessoa Sozinha	(1) Pessoa Responsável
(2) Duas ou mais Pessoas sem Parentesco	(2) Cônjuge/Companheiro sexo diferente
(3) Casal sem Filhos	(3) Cônjuge/Companheiro mesmo sexo
(4) Casal sem Filhos e com Parente	(4) Filho(a) do Responsável e Cônjuge
(5) Casal com Filho	(5) Filho(a) somente do responsável
(6) Casal com Filhos e com Parentes	(6) Enteado(a)
(7) Outro Parente	(7) Pai/Mãe
(8) Mulher Responsável sem Cônjuge com Filho	(8) Sogro(a)
(9) Mulher Responsável sem Cônjuge com Filho e com parentes	(9) Neto(a)
(10) Homem Responsável sem Cônjuge com Filho	(10) Bisneto(a)
(11) Homem Responsável sem Cônjuge com Filho e com parentes	(11) Irmão(ã)
	(12) Genro/Nora
	(13) Outro Parente
	(14) Indivíduo em domicílio coletivo
	(15) Convivente
	(16) Agregado(a)
	(17) Pensionista
	(18) Empregado(a) Doméstico(a)
	(19) Parente do(a) Empregado(a) Doméstico(a)

Nota: Dados do Censo Demográfico dos anos de 2000 e 2010 (IBGE)

Os arranjos de parentesco que foram utilizados para descrever a composição da família no Censo de 2000 estavam delimitados pela inserção de sogros, netos e empregados domésticos, que a partir de então passaram a compor a configuração familiar. Já o Censo 2010 traz um leque de possíveis arranjos familiares de forma a identificar as atuais configurações de família no Brasil. Nesse sentido, Saboia, Cobos & Matos (2012, p. 64), propõe que:

A família é um conjunto de pessoas que vive em um domicílio particular, cuja constituição se baseia em arranjos feitos pela pessoa, individualmente ou em grupos, para garantir alimentação e outros bens essenciais para sua existência. Sua formação se dá a partir da relação de parentesco ou convivência com o responsável pela unidade

doméstica, assim indicado e reconhecido pelos demais membros da referida unidade como tal.

Desta forma, a família corresponde a uma pessoa ou grupo de pessoas, ligadas ou não por laços de parentesco, que moram em um domicílio particular. Como família, caracteriza-se todo “tipo de arranjo em que os integrantes, residentes em um mesmo domicílio, eram ligados por laços de parentesco, em grau específico, por meio de sangue, adoção ou casamento” (IBGE, 2016, p. 26). Diante dessa concepção, a família pode ser (IBGE, 2011, p. 20-21):

- Unipessoal - quando constituída por uma única pessoa;
- Nuclear - quando constituída somente por: um casal; um casal com filho(s) (por consanguinidade, adoção ou de criação) ou enteado(s); uma pessoa (homem ou mulher) com filho(s) (por consanguinidade, adoção ou de criação) ou enteado(s), independentemente da pessoa que foi indicada como responsável pelo domicílio. Assim, foi definida como nuclear a família constituída somente por: (a). Pessoa responsável com cônjuge; (b). Pessoa responsável com cônjuge e com pelo menos um filho(a) ou enteado(a); (c). Pessoa responsável com pelo menos um filho(a) ou enteado(a); (d). Pessoa responsável com pai ou padrasto e com mãe ou madrasta; (e). Pessoa responsável com pai ou padrasto, com mãe ou madrasta e com pelo menos um irmão ou irmã; (f). Pessoa responsável com pai ou padrasto; (g). Pessoa responsável com mãe ou madrasta; (h). Pessoa responsável com pai ou padrasto e com pelo menos um irmão ou irmã; (i). Pessoa responsável com mãe ou madrasta e com pelo menos um irmão ou irmã.
- Estendida - quando constituída somente pela pessoa responsável com pelo menos um parente, formando uma família que não se enquadre em um dos tipos descritos como nuclear;

- Composta - quando constituída pela pessoa responsável, com ou sem parente(s), e com pelo menos uma pessoa sem parentesco agregado(a), pensionista, convivente, empregado(a) doméstico(a), parente do empregado(a) doméstico(a).

Conhecer detalhes sobre o perfil da família brasileira é importante para avaliar o quanto a família com superdotados corresponde a essas características ou não, o que trará implicações importantes para a definição de políticas públicas educacionais em geral e, de forma mais particular, voltadas para o atendimento das necessidades específicas desse grupo familiar.

Ainda nessa perspectiva, os dados do último Censo³ demonstra que a unidade doméstica formada por um núcleo tradicional de família, composta por um casal heterossexual com filhos, esteve presente em 49,9% dos lares visitados, enquanto que em 50,1% das famílias representaram àquelas com um novo formato. Mulheres que vivem sozinhas somavam 3,4 milhões, enquanto que 10,1 milhões de famílias eram formadas por mães ou pais solteiros. É importante salientar que o aumento de famílias monoparentais registrado em uma década – 2000 a 2010 – chefiadas por mulheres teve um aumento de 22,2% para 37,3% (Saboia, Cobos & Matos, 2012).

Os diferentes tipos de organização familiar têm implicações diretas para a investigação das complexas relações familiares, e, isso demanda instrumentos cada vez mais sofisticados, com capacidade de captar as informações de forma mais adequada e mais próxima da realidade, tanto do ponto de vista censitário e estatístico quanto das pesquisas científicas (Costa & Marra, 2013; Saboia, Cobos & Matos, 2012; Santana, 2014).

A Superdotação e os Superdotados: Conceitos, Características e Atendimento

³ Considerando a população brasileira registrada pelo Censo 2010 (190.732.694)

A preocupação com a terminologia a ser empregada ultrapassa questões meramente semânticas, quando o assunto é superdotação. É a partir da compreensão que se tem sobre esse fenômeno que serão reconhecidas, planejadas e definidas as formas de identificação e de atendimento para essa população (Maia-Pinto, 2012; Renzulli, 2014). Daí a importância de delimitação, em termos operacionais, do que venha a ser superdotação.

O termo superdotação esteve, por muito tempo, associado à dimensão cognitiva, especialmente ao conceito de inteligência, mensurada por testes que verificavam o quociente de inteligência (QI) (Güenther, 2006; Perez, 2006; Renzulli, 2014; Sabatella, 2005; Winner, 1998; Virgolim, 2014). Ultrapassando essas ideias clássicas, baseadas em testes de aptidão mental, estudiosos contemporâneos apresentam outros modelos teóricos para explicar o fenômeno da superdotação, entre os quais destacamos o Modelo Diferenciado de Superdotação e Talento elaborado por Gagné (2004) e o Modelo dos Três Anéis, elaborado por Renzulli (2016).

O Modelo Diferenciado de Superdotação e Talento –MDST, elaborado por Gagné (2004), diferencia os termos superdotação e talento. Para o autor, a superdotação estaria associada a aspectos genéticos, enquanto o talento seria o produto das interações ou predisposições naturais com o ambiente, ou seja, com os contextos que envolvem o indivíduo, normalmente a família e a escola (Almeida, Fleith & Oliveira, 2013). Nesta direção, o desenvolvimento de talentos seria fruto de treinamento e estimulação, ou seja, de prática e educação (Pocinho, 2009).

Ainda no sentido, de explicar o Modelo elaborado por Gagné, Almeida, Fleith e Oliveira, (2013) sinalizam que a partir desses pressupostos, a superdotação implicaria a relação entre aptidões, ou seja, seriam aquelas habilidades naturais, que se expressam de forma espontânea em pelo menos uma das áreas de conhecimento. Por outro lado, o talento seria uma

habilidade ou competência que poderia ser desenvolvida a partir de treinamento sistemático em um domínio do conhecimento.

No Modelo dos Três Anéis, Renzulli (2016) considera a superdotação como a intersecção interativa de três fatores: habilidades acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade. Renzulli (2016) considera que os comportamentos de superdotação podem ser desenvolvidos em algumas pessoas, em um dado momento e sob certas circunstâncias. Essa concepção inova ao apresentar a superdotação em uma perspectiva de desenvolvimento humano, que pode emergir em diferentes contextos e ao longo do curso de vida de uma pessoa (Virgolim, 2014). Nesse sentido, constitui-se a partir do *continuum* das habilidades humanas, como potencial, que ao longo do tempo desenvolve-se em níveis e intensidades diferenciadas ou podem permanecer latentes.

Esse autor ilustra a sua teoria utilizando três círculos ou anéis, que representam cada um dos componentes do Modelo dos Três Anéis, que estão dispostos sob um pano de fundo que representa o contexto ou ambiente. O contexto ou ambiente é entendido como uma trama de Interrelações dinâmicas que vão favorecer ou não o desenvolvimento do talento ou superdotação. A representação do Modelo dos Três Anéis pode ser visualizada na Figura 1, apresentada a seguir.



Figura 1. Representação da concepção da Teoria dos Três Anéis. Renzulli (2016, p. 95)

O primeiro anel do Modelo, diz respeito à habilidade acima da média. Na perspectiva de Renzulli, a habilidade acima da média está relacionada tanto a habilidades gerais, quanto específicas. Essas habilidades acima da média estão relacionadas a um desempenho potencial ou superior que pode se manifestar em um grupo entre 15 a 20% dos indivíduos. Entre as habilidades gerais, destacam-se: à capacidade de processamento de informações, análise e solução de situações, de pensamento abstrato, entre outros. As habilidades específicas consistiram nas habilidades ou capacidade de adquirir conhecimento e técnicas vinculadas a um campo do conhecimento específico como: fotografia, artes, música, matemática, dança, esportes, entre outros (Renzulli, 2014, 2016)

O segundo anel do Modelo, está relacionado ao envolvimento ou comprometimento com a tarefa. Esse anel refere-se às questões motivacionais que fazem com que o indivíduo se engaje em uma área específica ou em atividades de seu interesse por um período de tempo prolongado. Esse anel tem sido descrito como perseverança, persistência, trabalho árduo, autoconfiança, prática dedicada, entre outros (Renzulli, 2014, 2016)

O terceiro anel que compõe o Modelo dos Três Anéis é a criatividade. A criatividade aqui concebida não somente traços ou características individuais, mas como um elemento que tem várias características do pensamento, do processo e da produção criativa e que se expressam por meio da originalidade de pensamento, da curiosidade, da sensibilidade estética, da adoção de procedimentos e convenções incomuns (Chagas, 2008; Maia-Pinto, 2012, Renzulli, 2014, 2016).

Para Renzulli (2011, 2016), existem dois tipos de superdotação: a superdotação acadêmica e a superdotação criativo-produtiva. A superdotação acadêmica ou escolar refere-se ao alto rendimento acadêmico, facilidade de aprendizagem, e são comumente bem aceitas e valorizadas em escolas tradicionalistas. Por outro lado, a superdotação criativo-produtiva está relacionada à criatividade e originalidade.

A concepção de superdotação como apresentada pelo Modelo dos Três Anéis (Renzulli, 2016) é adotada para fins desta pesquisa, entendendo-se que a superdotação é um fenômeno multifacetado que envolve um processo complexo que envolve interações e interconexões dinâmicas e recíprocas entre as características individuais e do ambiente onde a pessoa está inserida.

É importante destacar que vários documentos oficiais que normatizam as diretrizes da educação no Brasil definem a superdotação com base na concepção teórica de Renzulli. Também, verifica-se que as práticas educativas adotadas nos atendimentos educacionais especializados para o superdotado partem dessa concepção e são orientados por outros aspectos elaborados do Modelo Triádico como o Modelo de Enriquecimento Escolar e o Modelo das Portas Giratórias (Renzulli, 2014, 2016; Virgolim, 2014).

Outra definição também encontrada em documentos oficiais, utilizada pelo Ministério da Educação – MEC, concebe o superdotado como aquele que demonstra potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança,

psicomotricidade e artes, apresentando elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (Brasil, 2008).

Ainda, encontramos em estudos e documentos da área no Brasil, a associação dos termos altas habilidades/superdotação para designar pessoas superdotadas, o que tem sido amplamente discutido por vários pesquisadores e profissionais que atuam com a temática (Chagas, 2008; Fleith, 2007; Guenther, 2012; Pereira, 2010; Virgolim, 2007, 2014).

Apesar de serem considerados os termos altas habilidades, talento e superdotação como sinônimos, nesta pesquisa optamos, por uma questão de consistência interna, utilizar ao longo do texto apenas os termos superdotação ou superdotado.

Características do Superdotado

Como já mencionado anteriormente, as características individuais de cada um dos membros das famílias influenciam na dinâmica familiar mútua e reciprocamente. Com isso, além da influência que a concepção de superdotação tem sobre a maneira como serão planejadas as ações para identificação e atendimento das necessidades dessa população, as características peculiares do superdotado afetarão a família, na medida em que a família também influenciará no seu desenvolvimento.

Encontramos na literatura, vários estudos que discorrem sobre as características de indivíduos superdotados (Alencar e Fleith, 2001, 2007, 2013; Chagas-Ferreira, 2014, França, Del Prette & Del Prette, 2017; Freitas-França, Del Prette & Del Prette, 2018, Pocinho, 2009; Perez, 2004; Renzulli, 2016; Virgolim, 2007, 2014). Entre essas características recebem destaque aquelas associadas a aspectos cognitivos e socioemocionais (Alencar, 2007; Alencar & Fleith, 2001; Chagas, 2008; Chagas-Ferreira, 2016; Wilson, 2015; Winner, 1998). No entanto, cabe ressaltar que os superdotados não fazem parte de um grupo homogêneo, ou seja,

não apresentam um perfil único (Alencar & Fleith, 2001, 2006; Almeida, Fleith & Oliveira, 2013).

Conhecer as características do superdotado é importante para o processo de identificação, acompanhamento e suporte dessa população e suas famílias. Tomando por base a concepção adotada neste estudo, os superdotados podem apresentar características variadas a depender de sua área de interesse, suas características individuais e do seu contexto sócio-histórico-cultural. As características cognitivas são normalmente enfatizadas quando falamos de superdotação, tendo em vista o próprio desenvolvimento do superdotado e o destaque de suas habilidades. Por outro lado, características socioemocionais se destacam quando o assunto é o ajustamento pessoal e emocional deste indivíduo.

Almeida et al. (2013) elencam as características dos superdotados sublinhando que não são exclusivamente intelectuais. Neste sentido, esses autores destacaram essas particularidades divididas em quatro dimensões (pp. 32-33):

1. Capacidades Cognitivas: Observação atenta e penetrante; captação fácil de princípios e conceitos; retenção e evocação estratégica da informação; curiosidade intelectual, questionamento e espírito investigativo; imaginação e fantasia especulativa; apreensão fácil dos elementos de um problema; elevado raciocínio e facilidade em lidar com conceitos abstratos; formas diversas de resolução de problemas; habilidade para processar informações rapidamente.
2. Aprendizagem: Aprendizagem rápida e com recurso a diversos meios; conhecimentos mais amplos; domínio e evocação fácil da informação; extração de pistas e generalização da informação; salto de etapas na aprendizagem; seleção de certas áreas e temas curriculares; tendência para a investigação (construção pessoal do conhecimento); busca deliberada do “como” e do “porquê”; habilidade matemática; compreensão da estrutura da língua;

vocabulário amplo e bem estruturado; fluência verbal; leitura mais rápida e profunda; utilização eficaz de estratégias de autorregulação da aprendizagem.

3. **Motivação:** Motivação intrínseca, não incentivada por reforços externos; preocupações transcendentais e pouco convencionais; necessidade “obsessiva” de ocupação mental; envolvimento e entusiasmo nas tarefas; competitividade na sua área; diversidade de interesses e projetos; aspirações profissionais elevadas; escolhas vocacionais e desenvolvimento de carreira mais cedo; colecionismo, leitura de biografias; atenção à novidade e singularidade de interesses; organização dos tempos livres mais cedo.
4. **Personalidade:** Trabalho independente e autônomo; sentido de autocrítica; sentido de humor; espírito de liderança; responsabilidade; riqueza de vida interior (introversão); muita atividade e abertura às experiências e novidade; sensibilidade fina; persistência; autoconfiança; preocupações éticas e estéticas em tenra idade.

Do ponto de vista cognitivo, quanto às características comumente associadas ao superdotado, destacam-se a linguagem, a leitura e escrita precoces, vocabulário avançado, aprendizagem rápida, pensamento analítico e abstrato, concentração e boa memória, ideias originais, criatividade, interesse por diversos idiomas (Alencar & Fleith, 2001; Reichenbergand & Landau, 2009).

De acordo com Wilson (2015), quando a leitura e escrita são precoces, aumenta a probabilidade de que essas crianças sejam identificadas pelos pais e professores como superdotados ainda na primeira infância. No entanto, o autor ressalta que a leitura precoce, por si só, não significa resultado de superdotação, porém é possível que esteja relacionado a uma alta capacidades. Ainda nesse sentido, sinaliza que geralmente leitores precoces emergem de famílias que valorizam a educação.

Na mesma direção, Alencar e Fleith (2001) sugerem que o ambiente familiar estimulador pode favorecer o desenvolvimento das potencialidades do superdotado, do mesmo modo que em situações contrárias podem limitar ou mascarar essas potencialidades. Embora a leitura esteja aparentemente relacionada à superdotação intelectual linguística, Perez e Freitas (2016) consideram que esta característica se faz presente também em outras áreas.

Ainda na perspectiva de apresentar características dos superdotados, Winner (1998) destaca juntamente com a precocidade outros fatores. Entre esses aspectos destacam-se atributos como: curiosidade, questionamentos complexos e persistência em obter a informação, interesse quase obsessivo em determinada área, leitura precoce (anterior aos 4 anos de idade), fascínio por números, memória prodigiosa, e elevado raciocínio lógico e abstrato.

A esse conjunto de atributos, recebem destaque na literatura, algumas qualidades voltadas para a criatividade, entre as quais devem ser consideradas: as ideias originais, senso crítico, imaginativo e inventivo, determinação, coragem de correr riscos, tolerância a lidar com ambiguidades, compreensão de ideias divergentes (Alencar & Fleith, 2011; Renzulli, 2016; Virgolim, 2007).

Encontramos na literatura também, um conjunto de pesquisadores e estudos que investigaram as características socioemocionais do superdotado (Alencar & Fleith, 2001; Almeida, Fleith & Oliveira, 2013; Chagas, 2008, 2014; Maia-Pinto, 2012; Renzulli, 2016; Silverman, 1986; Winner, 1998). Para Renzulli (2016) as pessoas que apresentam comportamento de superdotação tendem a ser perseverantes e com forte intensidade emocional, tendo uma tendência ao perfeccionismo.

Piske e Stoltz (2012) e Piske (2013) corroboram Silverman (1986, 1993), apontando que se observa uma elevada emotividade nos superdotados. Para as autoras, os superdotados são intensos, buscam alcançar um alto grau de eficácia, sofrem por suas inadequações, são autocríticos, além de serem pessoas sensíveis aos sentimentos dos outros. Em seu estudo, Piske

e Stoltz (2012) concluem que esses aspectos além de exercerem uma influência constante no desenvolvimento de superdotados, devem ser alvo de estratégias específicas em programas e atendimentos educacionais especializados.

Entre características socioemocionais do superdotado que são amplamente citados na literatura, destacam-se: (a) idealismo e senso de justiça; (b) perfeccionismo e autoimposição de padrões de alto desempenho; (c) elevado nível de energia investido na realização de tarefas de interesse; (d) senso de humor para lidar com as discordâncias da vida; (e) paixão por aprender; (f) grande concentração em atividades de interesse; (g) tendência em questionar regras e autoridades; (h) sensibilidade a críticas; (i) sensibilidade emocional, empatia e identificação com o outro; e (j) consciência aguçada de si mesmo (Alencar e Fleith, 2001, 2007, 2013; Chagas-Ferreira, 2014, Perez, 2004; Piske, 2013; Piske & Stoltz, 2012; Renzulli, 2016; Virgolim, 2007, 2014).

As características socioemocionais dos superdotados podem dificultar as relações interpessoais, inclusive entre os membros família (Alencar & Fleith, 2001). Podemos tomar como exemplo a tendência de questionar regras e autoridades, que pode causar conflitos nas relações pais-filhos. Sendo assim, há evidente necessidade de que os pais saibam lidar e estimular seus filhos de forma que inseguranças e outros dificultadores não inibam o desempenho de suas capacidades, retraindo-os e isolando-os. Estas situações de estresses podem interferir na aprendizagem e no desenvolvimento socioemocional, sentindo-se inaptos diante de seus contextos de vida (Almeida et al. 2013).

Dabrowski, de acordo com Oliveira, Barbosa e Alencar (2017) muito contribuiu para o entendimento das questões emocionais do superdotado, por meio de sua Teoria da Desintegração Positiva. Essa teoria considera o desenvolvimento emocional do superdotado, apesar de não ser uma teoria específica sobre superdotação. Nesse sentido, Oliveira et al. (2017) destacam que segundo Dabrowski, o superdotado possui uma estrutura emocional estabelecida

pela aquisição de valores mais altruístas, vivendo de forma mais intensa, o que pode gerar uma tensão interna provocada pelo conflito entre os objetivos e a demanda do ambiente (Maia-Pinto, 2012).

O Atendimento ao Superdotado no Brasil

Com relação ao atendimento de superdotados no Brasil, de acordo com o último censo escolar realizado, existem cerca de 186,1 mil escolas de Educação Básica no Brasil e 48.817.479 alunos matriculados, destes 971.372 estão matriculados na Educação Especial, sendo 15.751 matrículas de alunos superdotados (INEP, 2017).

Com base nos dados do Censo 2016 podemos identificar que o quantitativo de alunos superdotados regularmente matriculados em classes comuns ainda expressa um número modesto se considerarmos pelo menos 3% da população, como estimados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), esse valor chegaria a 5.721.981[3] superdotados em todo o país. Assim, o número de matrículas de superdotados em classes comuns representa apenas 0,3% do valor estimado pela OMS.

No entanto os números de registros de matriculados vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. As matrículas em classes comuns de alunos superdotados entre os anos de 2000 a 2016 teve um aumento de quase 15.000 alunos, conforme dados do Censo Escolar desse período ilustrado na Figura 2.

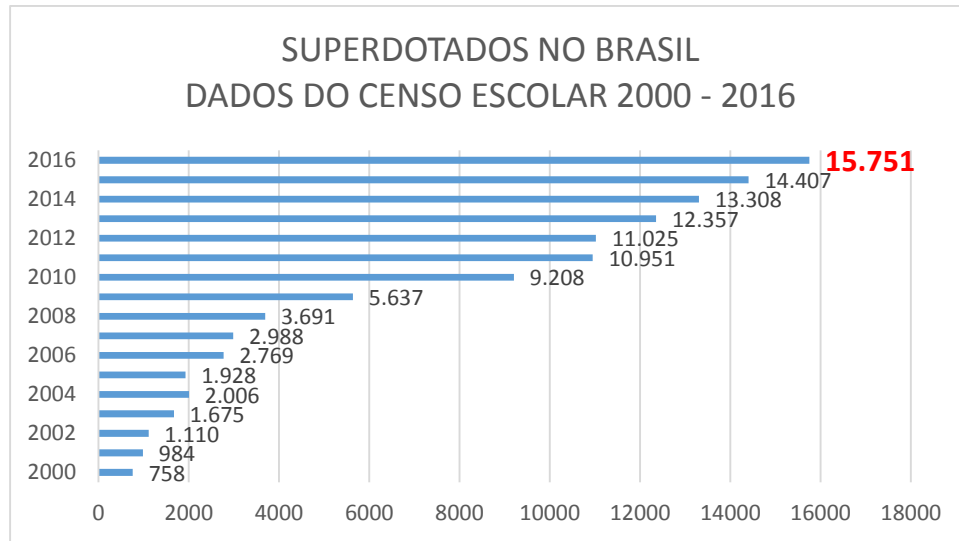


Figura 2. Número de matrículas de superdotados no Brasil de acordo com dados do Censo Escolar 2000 a 2016 (INEP, 2017a)

Ainda de acordo com esses dados, o Sudeste é a região brasileira que mais apresentou registros de superdotados no país, sendo o estado de São Paulo o que apresentou maior número ($n = 1.622$) e o Rio de Janeiro com o menor número ($n = 857$). O Norte é a região brasileira que menos apresentou registros de superdotados do país, sendo o estado de Rondônia o que apresentou maior número ($n = 643$) e Roraima com o menor número ($n = 60$). De forma geral, o estado com maior número de registros foi o Paraná ($n = 2.061$).

Apesar da região Sudeste apresentar o maior número de registro de matrícula de superdotados, são as regiões Centro-Oeste e Sul que apresentam um quantitativo maior se comparadas com o número de matrículas da Educação Básica, com 0,07%, sendo o Distrito Federal a Unidade Federativa com maior fração (0,22%). Nesta relação podemos verificar que a proporção das matrículas de superdotados ainda é bem tímida (Tabela 2).

Tabela 2

Distribuição de Matrículas na Educação Básica e Matrículas de Superdotados em Classe Comum, por Unidade Federativa

Unidade Federativa	Ensino Regular*	Superdotados	%
NORTE	5.022.376	1.767	0,04
Acre	268.958	119	0,04
Amapá	229.419	278	0,12
Amazonas	1.168.331	83	0,01
Pará	2.353.025	476	0,02
Rondônia	446.486	643	0,14
Roraima	150.049	60	0,04
NORDESTE	14.311.229	2.327	0,02
Alagoas	876.196	75	0,01
Bahia	3.589.170	586	0,02
Ceará	2.208.883	210	0,01
Maranhão	2.031.171	626	0,03
Paraíba	1.003.545	114	0,01
Pernambuco	2.271.593	199	0,01
Piauí	936.007	227	0,02
Rio Grande Norte	845.655	210	0,02
Sergipe	549.009	80	0,01
SUDESTE	19.267.501	4.978	0,03
Espírito Santo	898.295	1.216	0,14
Minas Gerais	4.626.301	1.283	0,03
Rio de Janeiro	3.580.998	857	0,02
São Paulo	10.161.907	1.622	0,02
SUL	6.413.233	4.272	0,07
Paraná	2.543.462	2.061	0,08
Santa Catarina	1.527.483	488	0,03
Rio Grande do Sul	2.342.288	1.723	0,07
CENTRO-OESTE	3.628.254	2.407	0,07
Distrito Federal	662.691	1.484	0,22
Goiás	1.438.640	338	0,02
Mato Grosso	847.308	199	0,02
Mato Grosso do Sul	679.615	386	0,06
Total	48.642.593	15.751	0,03

Nota. *Valores excluindo as matrículas da Educação Especial. Dados obtidos na sinopse do Censo Escolar 2016.

O estudo desenvolvido por Carneiro (2015), que teve como objetivo mapear e avaliar programas de atendimento educacional para superdotados no Brasil, considerou que o número

de superdotados atendidos nos programas brasileiros é muito pequeno em relação ao quantitativo de alunos matriculados na Educação Básica.

Os resultados do estudo de Carneiro (2015) demonstraram que as regiões do país com programas de atendimento ao superdotado mais consistentes e duradouros estão localizados nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, do país. Enquanto, a região Nordeste apresentou aspectos deficitários no que diz respeito à implementação dos serviços de atendimento ao aluno superdotado. Ainda, a pesquisadora ressalta que, de forma geral, os profissionais da área da educação de superdotados avaliaram as ações do Ministério da Educação (MEC) e suas Secretarias Estaduais/Municipais, como pouco eficazes.

Ainda com base no estudo de Carneiro (2015), foi evidenciado que 5.597 alunos superdotados estavam sendo atendidos em 162 Salas de Recursos Multifuncionais em todo território nacional, sendo esta sua distribuição detalhada na Tabela 3.

Tabela 3

Distribuição de Alunos Atendidos em Salas Multifuncionais

Região	Matrícula da Educação Básica – Censo Escolar 2004 (<i>n</i> = 49.771.371)	Matrículas de alunos com AH/SD – Censo Escolar 2014 (<i>n</i> = 13.308)	Alunos participantes da pesquisa (<i>n</i> = 5.597)
Norte	5.131.557	1.431	881
Nordeste	14.806.714	1.753	351
Centro-Oeste	3.654.528	2.049	1.879
Sudeste	19.705.590	4.962	2.072
Sul	6.472.982	3.113	414

Nota. Dados da tabela extraído de Carneiro, 2015, p.108.

A Família do Superdotado

Estudiosos da área concordam quanto a importância da família na educação e no desenvolvimento social das crianças em geral, e de crianças superdotadas em particular.

(Chaga-Ferreira, 2016; Reichenbergand & Landau, 2009; Silva & Fleith, 2008). Apesar disso, outros autores notificam a escassez de estudos sobre famílias de superdotados (López-Aymes, Acuña & Damián; 2014; Olszewski-Kubilius, Lee & Thomson, 2014).

A literatura na área tem indicado que as características individuais de crianças e adolescentes superdotados exerce forte influência no ambiente familiar (Aspesi, 2007; Chagas 2008; Chaga-Ferreira, 2014; Silva & Fleith, 2008; Winner, 1998). Nessa direção, Dessen e Braz (2005) e Olszewski-Kubilius, Lee e Thomson (2014) afirmam que a família impacta o processo de desenvolvimento das crianças em termos de suas atitudes, crenças, traços de sua personalidade, influenciando profundamente o que a criança realiza. Neste aspecto, Callahan (2004) considera que o desenvolvimento da personalidade do filho depende da saúde da família e de como ela lida com o estresse e os conflitos, e ressalta que o papel da família e o ajuste pessoal de superdotados sugere ambiente familiar que enfatiza as relações de apoio como importantes para a alta autoestima e o ajuste geral dos superdotados.

Reichenbergand e Landau (2009) consideram o papel da família preponderante no processo de identificação do superdotado, principalmente, quando se considera que esse processo não deve limitar-se a aplicação de testes psicométricos, e acrescentam que a utilização de entrevistas com a família e o superdotado são importantes para conhecer as relações emocionais e sociais dessa família.

Habitualmente, é na fase escolar que se inicia o processo de identificação, mesmo que os pais já tenham notado algum comportamento diferenciado na criança (Almeida et al. 2013). A escola é, também, um agente fundamental para que essa identificação seja efetuada de forma a garantir que os alunos que apresentam comportamento de superdotação não sejam negligenciados. O fato é que a escola deve estar preparada e sensível às questões que importam

a superdotação. A família e a escola são por assim dizer fundamentais no processo de identificação do superdotado.

Fleith (2016) lembra que a família é um contexto crítico e essencial no desenvolvimento dos superdotados. A autora ressalta que o ambiente familiar tem sido caracterizado como estimulador da independência dos filhos, valorizando a educação formal e estabelecendo altos padrões de desempenho.

Entre as várias características que são associadas às características de famílias com superdotados, Silva e Fleith (2008) destacam que: (a) são ambientes centrados no filhos, onde pais são dedicados e investem tempo e recursos para o desenvolvimento social, educacional e profissional de seus filhos; (b) os pais possuem altas expectativas sobre o desempenho do superdotado, o que tem influência sobre a forma que o superdotado se dedica e se esforça às atividades; (c) impacto das crenças parentais sobre o superdotado, que promove o suporte e o acesso a oportunidades; (d) os pais e os valores familiares fornecem modelo de valores e atitudes; e (e) os pais concedem autonomia para que o superdotado tome suas próprias decisões, assim os pais depositam sob os filhos superdotados alto nível de atuação e monitoramento, mas não são rígidos, dominantes e autoritários.

Estudo realizado por Aspesi (2007) aponta como características do ambiente familiar de superdotados: (1) posição especial entre os membros da família, sendo, o filho superdotado, geralmente, primogênito ou filho único; (2) As crianças superdotadas crescem em ambientes enriquecidos; (3) As famílias são centradas nos filhos, em que a família busca assegurar que seus filhos recebam treinamento, pelo menos, relacionado ao seu talento; (4) Os pais definem padrões de altos de desempenho, expressando alta expectativa em relação ao rendimento dos filhos; (5) Os pais conferem independência aos filhos, ao mesmo tempo em que monitoram seu desenvolvimento; e (6) O ambiente familiar que conduzem o desenvolvimento dos filhos como

aquele que combina alta expectativa e estímulos, ao mesmo tempo em que oferece suporte e apoio aos filhos.

A identificação de um filho como superdotado, pode afetar a dinâmica e organização familiar. Nesse sentido Fedhusen (1992) sublinha que existe forte tensão familiar diante dos comportamentos dos filhos superdotados, e argumentam a necessidade de suporte e orientação à família, especialmente no que se refere às dinâmicas familiares e situações frequentes que partem das características do superdotado. Ainda, Colangelo e Deffman (1983) afirmam que o superdotado pode causar na família sentimentos de inadequação, em que os pais não se sentem preparados para apoiar emocionalmente seus filhos, além de experimentarem sentimentos de dificuldades em suprir as necessidades de recursos educacionais e de estímulos necessários para o desenvolvimento de suas potencialidades. Almeida et al. (2017) ressaltam que é frequente que pais e professores tenham dúvidas quanto à adequada estimulação ao superdotado.

Na mesma direção, Abad e Abad (2016) ressalta que os superdotados muitas vezes demonstram grande sensibilidade e excitabilidade, o que pode fazer de atividades corriqueiras da família como: viagens, visitas familiares, atividades religiosas, um momento de tédio para o nível de curiosidade e de imaginação. Assim sendo, a maneira com que as famílias resolvem estes conflitos prenuncia o desenvolvimento, negativo ou positivo, do superdotado.

Conhecer as características familiares e individuais de superdotados, favorece os serviços de orientação e o suporte educacional e de apoio. Nesse sentido, Ferreira e Rangni (2017) apontam que além do recebimento de informação e orientação, os pais têm necessidade de conhecer e interagir com outros pais de superdotados, a fim de partilharem suas experiências, conflitos e conquistas.

López-Aymes, Acuña e Damián (2014) realizaram estudo com objetivo de identificar as características de 30 famílias mexicanas que possuíam, pelo menos um filho superdotado, apresentando ao final do estudo uma proposta de serviço de suporte/orientação educacional para

essas famílias. O estudo foi exploratório-descritivo, para tanto, foi utilizado questionário de caracterização da família e sua percepção sobre o significado de ter um filho superdotado. As famílias apresentaram perfil socioeconômico baixo ou médio, com nível de escolarização básica.

Os resultados do estudo de López-Aumes et al. (2014) apontaram que famílias com filhos superdotados são organizadas a partir das características dos filhos superdotados, mas que, embora compartilhem de algumas dessas características, as famílias são formadas por indivíduos com suas próprias personalidades. Os resultados sugeriram que essas famílias necessitam de convívio com outras famílias que possuam filhos superdotados, formando um grupo de apoio. Os autores ressaltam que ter um filho superdotado não representa necessariamente uma família extraordinária, ou uma dificuldade para dinâmica familiar de forma geral, embora os resultados tenham indicado a necessidade de suporte à família, que demonstraram falta de conhecimento sobre o tema. Foi apresentado pelos autores uma proposta de programa estruturada em três blocos, sendo o primeiro conceitual, o segundo voltado à atividade de grupo e apoio, e o terceiro voltado para a solução dos problemas apresentados no segundo bloco.

As dinâmicas das famílias de superdotados são afetadas pela precocidade apresentada por seus filhos, por questões que envolvem a assincronia e características socioemocionais. Com relação às questões de precocidade, Gama (2007) afirma que a família percebe desde muito cedo a precocidade no desenvolvimento de um filho, quando comparam seus filhos com os demais da sua idade, caracterizando-os como diferentes.

A precocidade pode levar a um desenvolvimento de expertise acelerado em indivíduos ainda muito jovens, como descreve Silva e Fleith (2008) sobre atletas talentosos. Os referidos autores sublinham que as crenças e valores da família tem impacto no desenvolvimento do talento em relação ao gênero, sendo as meninas menos incentivadas às práticas esportivas. Da

mesma forma, Chagas (2008) sugere que a família constitui o elemento de maior impacto sobre o jovem superdotado e suas habilidades.

A assincronia é um fenômeno comum no desenvolvimento do superdotado, com um desenvolvimento não uniforme nos diferentes aspectos que o constituem. Ela é descrita como o desenvolvimento intelectual, afetivo, psicomotor e cronológico não linear, que resulta em intensa sensação de desacerto nas relações, como o descompasso entre o desenvolvimento emocional e intelectual (Ourofino & Guimarães, 2007). Fleith e Alencar (2007) ressaltam que há uma disparidade entre o desenvolvimento cognitivo e maturidade física ou emocional da pessoa. Esta heterogeneidade muitas vezes gera experiências conflituosas para a família e para o superdotado.

Alguns pesquisadores reconhecem que as características socioemocionais dos superdotados podem trazer grande preocupação para a família (Chagas & Fleith, 2011; Ourofino & Guimarães, 2007; Virgolim, 2007). Nesse sentido, Ourofino e Guimarães (2007, p. 48) destacam algumas características como: (1) Dificuldades nos relacionamentos sociais, (2) Dificuldades em aceitar críticas, (3) Não conformismo e resistência a autoridades, (4) Recusa em realizar tarefas rotineiras e repetitivas, (5) Excesso de competitividade, (6) Intensidade de emoção, (7) Preocupações éticas e estéticas, (8) Ansiedade, (9) Persistência, e (10) Autoconsciência elevada.

Virgolim (2007) sublinha outras características conexas à dimensão emocional do superdotado, como o perfeccionismo. Para esta autora o perfeccionismo não está associado à busca pela perfeição, mas sim com a ideia de jamais falhar. A autora ressalta que o perfeccionismo resulta em prejuízo para a autoestima, para as relações, além de impacto negativo para a saúde do superdotado, uma vez que a mente impõe altos padrões, nem sempre possíveis de serem alcançados e muitas vezes assincrônicos com sua idade, o que gera forte impacto no funcionamento da família e em sua rotina.

Chagas e Fleith (2011), a partir da percepção do superdotado, de seus professores e familiares, desenvolveram um estudo qualitativo com o objetivo de examinar características cognitivas, acadêmicas e sociais de adolescentes talentosos e identificar fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento de suas habilidades. Como resultado, as autoras, apontaram como características cognitivas e acadêmicas o autodidatismo, facilidade para aprender e dedicação aos estudos. Já em relação às características afetivas e sociais estão a determinação, timidez e preferência pelo isolamento social. Os resultados indicaram mais da metade das famílias possuíam uma configuração tradicional, tinham como prioridade a educação e o desenvolvimento dos filhos talentosos, e possuíam uma variedade de atividades de lazer em suas rotinas. Com relação ao desempenho parental, os pais avaliaram mais positivamente que os filhos adolescentes em todas as categorias avaliadas pelo instrumento utilizado: comunicação, uso do tempo, ensino, frustração, satisfação e necessidade de informação. (Chagas & Fleith, 2011; Ferreira & Fleith, 2012).

Pérez (2011) ressalta que as famílias buscam serviços de apoio a partir das dificuldades originadas na escola ou mesmo em casa e, também, conclui que é preciso investimentos na formação de profissionais da área da educação, bem como para as famílias e a sociedade. O estudo de Pérez (2011) teve como objetivo mostrar como os mitos e crenças populares sobre o superdotado podem conduzir à criação de uma imagem patológica e deturpada. Para tanto, a autora utilizou-se da análise crítica do livro de Bergès-Bounes e Calmettes-Jean: “A cultura dos superdotados? ”.

A literatura tem nos mostrado, também, que existem diferenças nos papéis dos pais e das mães (Aspesi, 2003, 2007; Chagas-Ferreira, 2016). Chagas-Ferreira (2016), sublinha que a importância da responsividade materna, uma vez que, normalmente, são as mães que buscam as redes de apoio, as oportunidades de desenvolvimento das habilidades dos filhos, mantendo-se alerta quanto aos seus potenciais. Nesse sentido, Aspesi (2003) sublinha que as mães se

dedicam aos papéis de cuidados e de afeto, enquanto os pais se reservam aos papéis intelectuais e as brincadeiras, e afirma que tanto os pais quanto as mães apresentam ansiedade e preocupação quando o assunto é educação dos filhos. A autora destaca questões relacionadas ao ajustamento social, a desmotivação escolar e a sofrimentos relacionados às características do filho superdotado como preocupações e anseios mais frequentes.

Sakaguti (2010) ressalta que, em alguns casos, a exposição do filho a uma avaliação/teste psicológico pode causar forte angústia nos pais. As avaliações requerem recursos financeiros e, normalmente, não acontecem em um único momento, desta forma não estão acessíveis a todas as famílias brasileiras. Além disso, as características da superdotação como não são homogêneas, às vezes, podem ser confundidas e encaminhadas para outros tipos de avaliação, como por exemplo Autismo ou Hiperatividade, que geralmente acontecem por falta de conhecimento de profissionais sobre as características socioemocionais específicas de indivíduos superdotados, quando são assumidas como sintomas patológicos (Sabatella, 2005). Esses encaminhamentos equivocados podem causar conflitos e estresse no ambiente familiar.

Chagas-Ferreira (2014, p. 290) aponta outros aspectos do ambiente familiar que devem ser considerados ao se pensar no desenvolvimento do superdotado. Para a autora:

São variáveis do ambiente familiar que promovem o desenvolvimento do superdotação:

(a) a história da família; (b) o ambiente familiar enriquecido, combinado às altas expectativas parentais; a priorização da educação; a valorização da independência, da autonomia, da curiosidade e da expressão emocional e verbal; as relações familiares mais coesas e harmoniosas; o estilo parental mais flexível e a posição especial na família.

Há também, segundo a autora, os aspectos negativos do contexto familiar, como o despreparo dos pais para lidar com filhos superdotado, inseguranças na tomada de decisões dos processos educativos, exibicionismo, superestimulação ou alto nível de exigência; falta de

recursos para acesso e oportunidade de atendimento especializado, o baixo nível de escolarização dos pais. Dentre os ambientes que podem influenciar no desenvolvimento e comportamento do superdotado, destaca-se o ambiente familiar, onde os processos familiares agem de forma favorável ou desfavorável, levando em consideração o clima psicológico, afetivo, de crenças e valores, além das práticas parentais.

Olszewski-Kubilius, Lee e Thomson (2014) ressaltam que a família é o lugar onde se inicia a formação de sentimentos e de interações íntimas e intensas com as pessoas que possuem um significado na vida, além, é claro, de alimentar bases para as crianças desenvolverem habilidades sociais e empatia. As autoras examinaram as relações entre ambiente familiar e competência social de estudantes superdotados. Esta pesquisa utilizou uma abordagem quantitativa, em que participaram mais de 1500 estudantes e suas famílias (mães ou pais) de um universo de 26 mil alunos participantes de programas acadêmicos para jovens superdotados entre os anos de 2005 e 2008. Os dados foram coletados de forma online e buscou mensurar o ambiente familiar e as competências sociais desses estudantes, e concluiu que os filhos superdotados possuem uma visão positiva de seus pais, indicando alto grau de intimidade entre os membros da família. O resultado desse estudo ainda destaca positivamente a competência social, capacidade interpessoal e relação entre pares.

Olszewski-Kubilius, Lee e Thomson (2014) salientam que, tanto os estudantes superdotados quanto seus pais, avaliaram positivamente seu ambiente familiar, classificando-os como conectado, flexível, solidário e afetuoso, equilibrado no que se refere à disciplina e autonomia, apresentando um ambiente de respeito e bom relacionamento entre os membros familiares, com destaque para a comunicação. Os resultados também sugerem que as diferenças na percepção dos pais e dos filhos sobre o funcionamento da família estavam ligadas à angústia psicológicas nas crianças, incluindo depressão e ansiedade. Em um estudo de caso realizado com uma estudante universitária superdotada, primogênita, oriunda de uma família de formato

tradicional, Chagas (2013) identificou a influência dos pais e do irmão da estudante, estabelecendo positivos e negativos no desenvolvimento de suas relações sociais. Se por um lado as características da superdotada causavam inveja e conflitos entre os seus pares, por outro lado, essas mesmas habilidades serviam de modelo para o irmão caçula, que muitas vezes se espelhava em seus comportamentos. Essa família tinha características que são corroboradas por estudos mencionados anteriormente como: ambiente familiar acolhedor, amigável e, que apesar de modesto, havia um alto investimento em educação.

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA

Delineamento

No sentido de atender aos objetivos propostos, foi adotado o delineamento descritivo no planejamento desta pesquisa. Os delineamentos descritivos têm como finalidade identificar características, fazer levantamento de perfil, produzir conhecimento sobre sujeitos e situações, classificar, relacionar e interpretar dados conexos à fenômenos físicos e humanos de forma detalhada. Para tanto, são utilizadas técnicas, instrumentos e procedimentos para a obtenção de declarações e informações como questionários, entrevistas, observação, diário de campo, entre outros (Dalfovo, Lana, & Silveira, 2008; Poupart, Deslauriers, Groulx, Lapemère & Mayer, 2008; Tomas, Nelson & Silverman, 2012).

Ainda de acordo com os autores citados anteriormente, em estudos descritivos podem ser utilizadas abordagens qualitativas e quantitativas em função dos objetivos adotados e em função da amplitude da amostragem. Com relação aos instrumentos ou técnicas de coleta de dados, Tomas, Nelson e Silverman (2012) destacam que a utilização do questionário se mostra adequada para a obtenção de dados em pesquisas descritivas. Os autores indicam esse instrumento quando o pesquisador necessita, por exemplo, “obter respostas das pessoas, com frequência, em uma ampla área geográfica” (p.39).

A adoção do questionário em formato digital (*online*) é uma opção que se avoluma em pesquisas, devido ao seu baixo custo de aplicação, ser de acesso rápido e fácil, sendo disponível em várias plataformas e modelos. São indicados em estudos que envolvem a participação de uma amostra ampliada de uma população e em pesquisas de opinião. O crescente uso da internet, favorece a aplicação desse tipo de instrumento e a divulgação *online* como parte do

método empregado (Faleiros, K ppler, Pontes, Silva, Goes, & Cucick , 2016; Freitas, Janissek-Muniz, Andriotti, Freitas & Costa, 2004).

Participantes

Foram adotados como critérios de inclusão das famílias neste estudo: (a) que a família fosse composta por brasileiros e (b) que a família tivesse pelo menos um dos filhos identificados como superdotados. Não houve necessidade de comprova o dessa condi o por meio de laudos, diagnósticos ou declara es, uma vez que essas famílias seriam previamente indicadas por profissionais que atuavam em atendimentos educacionais especializados aos alunos superdotados.

Participaram deste estudo de 140 famílias com filho(s) superdotado(s) de todas as cinco regiões geográficas do Brasil, com representatividade de 18 Unidades Federativas, sendo 17 estados e o Distrito Federal. As famílias constituíam, em sua maioria, uma configura o nuclear, formada por casais heterossexuais com filhos, e com alto nível de escolariza o. As mães foram as principais respondentes do questionário, considerando-se tanto as unidades federativas quanto as Regiões do país (85% dos respondentes). Maiores detalhes sobre a distribui o dos respondentes por região do país podem ser observados na Tabela 4, apresentada a seguir.

Tabela 4

A Distribuição dos Respondentes da Pesquisa por Região (N = 140).

Dados	NORTE		SUL		CENTRO-OESTE		NORDESTE		SUDESTE	
	<i>n</i> = 7		<i>n</i> = 40		<i>n</i> = 49		<i>n</i> = 9		<i>n</i> = 35	
	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)
<i>Respondente familiar</i>										
Mãe	5	71,4	34	85	43	89,8	8	88,8	30	85,7
Pai	2	28,6	5	12,5	5	10,2	1	11,2	5	14,3
Outros	0	0	1	2,5	1	2	0	0	0	0
Total	7	100	40	100	49	100	9	100	35	100

Com relação ao nível de escolaridade (N = 140), a maioria dos participantes possuía o Ensino Superior Completo (85,7%, *n* = 120), sendo que entre estes, 38,3% possuíam especialização (*n* = 46), 9,2% possuíam mestrado (*n* = 11) e 4,2% eram doutores (*n* = 5). Os outros 14,3% possuíam a Educação Básica (*n* = 20). No que diz respeito às áreas de formação, verificou-se que boa parte desses participantes, cursaram graduação ou pós-graduação em Ciências Humanas (*f* = 49) e Educação/Licenciaturas (*f* = 33).

Com relação à renda familiar, as famílias domiciliadas na Região Centro-Oeste apresentaram maior renda, sendo que 38,8% possuíam renda superior a 10 salários mínimos. Por outro lado, os participantes cujas famílias residiam na Região Nordeste apresentou a maior variação de renda. Maiores detalhes sobre a distribuição da renda familiar por Região brasileira podem ser observados na Tabela 5, apresentada a seguir.

Tabela 5

Distribuição da renda familiar por Região (N = 140).

Dados	NORTE		SUL		CENTRO-OESTE		NORDESTE		SUDESTE	
	<i>n</i> = 7		<i>n</i> = 40		<i>n</i> = 49		<i>n</i> = 9		<i>n</i> = 35	
	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)	(<i>n</i>)	(%)
<i>Renda Familiar</i>										
Até 1 salário mínimo	2	28,6	1	2,5	1	2	1	11,2	1	2,9
de 1 a 3 salários mínimos	2	28,6	11	27,5	7	14,3	2	22,2	8	22,8
de 3 a 6 salários mínimos	0	0	14	35	9	18,4	2	22,2	9	25,7
de 6 a 10 salários mínimos	3	42,8	7	17,5	13	26,5	2	22,2	10	28,6
Acima de 10 sal. mínimos	0		7	17,5	19	38,8	2	22,2	7	20
Total	7	100	40	100	49	100	9	100	35	100

Instrumentos

Para atender aos objetivos desta pesquisa, foi utilizado para a coleta de dados o questionário em formato digital: Questionário *Online*.

Questionário Online. Para atender aos objetivos desta pesquisa foi utilizado um questionário *online*, adaptado do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar – QCSF (Dessen, 2009), que, de acordo com a autora, permite-nos obter informações quanto à estrutura e dinâmica familiares e também conhecer as relações que são estabelecidas nesse contexto.

O QCSF é um instrumento desenvolvido para a coleta de dados que vai além de informações sociodemográficas, sendo também possível recolher informações sobre a rede social de apoio, lazer e outros dados do contexto familiar. Esse instrumento foi elaborado com base em uma concepção sistêmica de família, e é dividido em três partes essenciais: (a) identificação da família, (b) informações de escolaridade, ocupação, renda familiar, religião, condições de moradia e constelação familiar, e (c) caracterização do sistema familiar,

informações sobre atividades de lazer e de rotina da família. O questionário é composto por um conjunto de perguntas abertas e fechadas.

Para este estudo, o QCSF foi adaptado aos objetivos desta pesquisa, sendo mantidas as três seções do questionário original e acrescentadas de questões abertas sobre o processo de identificação da superdotação, características e eventos associado ao desenvolvimento de superdotados. O questionário teve o seu layout original modificado para se adequar ao formato digital como disponibilizado pela plataforma Survio®. Nesse sentido, foram realizados testes para verificar a interface interativa com o formato das questões: múltipla escolha, resposta única, seleção de itens, entre outras funcionalidades da plataforma. Maiores detalhes sobre o questionário online podem ser visualizados no Anexo 2.

Estudo Piloto

Antes de iniciar a coleta formal deste estudo foi realizado um estudo piloto para calibração/avaliação dos instrumentos de pesquisa. A aplicação do Questionário em formato Piloto, foi efetuado em duas etapas. A primeira etapa teve como finalidade verificar se os itens do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar (Dessen & Cerqueira-Silva, 2009) atendia aos objetivos do estudo. Na segunda etapa, testamos as condições da plataforma virtual onde o questionário seria hospedado, de forma a corrigir as dificuldades apontadas na primeira fase de aplicação do questionário piloto.

Após a adaptação do questionário de Dessen e Cerqueira-Silva (2009) para o formato digital em sua versão preliminar acrescentado da seção de caracterização do superdotado, o mesmo foi aplicado a três participantes. Como a pesquisa tinha como meta uma abrangência nacional, a primeira preocupação foi a de atingir o maior número possível de famílias com filhos superdotados em todo território nacional, com os mais variados níveis de escolaridade e de

acesso. Preferimos adotar linguagem menos formal e, atendendo ao cronograma da pesquisa, optamos pela aplicação de questionário em formato virtual, para tanto escolhendo a plataforma da Survio®.

A seleção da plataforma Survio® se deu pela sua interface interativa e, por ser uma plataforma completamente adaptada à tecnologia mobile, que tem suporte em telefonia celular móvel, sendo acessível à todas as camadas da população. Assim, entendemos ser o celular, uma tecnologia presente na vida da maioria das famílias brasileiras, público alvo do nosso estudo.

O Survio® é um sistema de pesquisas *online* desenvolvida na República Tcheca e disponível no Brasil desde o final do ano de 2012. A plataforma se destaca por oferecer diversos modelos editáveis de pesquisa, com uma interface intuitiva e simples. A Survio® é utilizada em plataforma *web* e é compatível com os principais navegadores do mercado, além de ser perfeitamente adaptado aos aparelhos de celular.

O uso dos recursos que a internet nos proporciona surgem, nas últimas décadas, como uma nova possibilidade de se fazer pesquisa, expandindo o seu alcance e adquirindo novos contextos. Assim, o que era necessário ser feito *in loco*, como no caso da aplicação de questionário e até mesmo entrevistas, passaram a ser feitos em um delineamento abstrato e dinâmico das redes de comunicação, em particular do uso do Survio® e das redes sociais, rompendo com as restrições e dificultadores para a realização de encontros com participantes distantes.

Nesta etapa, foram observados os quesitos: (a) tempo de resposta ao questionário, (b) possíveis dificuldades no entendimento das questões, e (c) possíveis desacordos das questões adicionadas ao questionário relativas ao superdotado. Colaboraram, neste momento, três participantes (pilotos), todas do sexo feminino, com nível de escolaridade superior (graduação). Esses participantes foram identificados por: 1P, 2P e 3P.

O tempo que cada participante desta fase levou para responder ao questionário foi: $1P^1 = 32\text{min}$; $2P^1 = 38\text{min}$ e $3P^1 = 26\text{min}$. Então, calculou-se a média simples $(1P^1 + 2P^1 + 3P^1)/3$ do tempo dispensado para as respostas, tendo assim um tempo médio de 32 minutos.

A primeira versão do questionário tinha 51 perguntas, distribuídas no formato de questões fechadas e abertas, contendo a opção “não se aplica” em algumas questões sequenciadas, a exemplo, “você possui empregada doméstica?” seguida da pergunta “Trabalha para a família há quanto tempo?”, mesmo para as respostas negativas, o que requer maior tempo dispensado ao questionário e possíveis dificuldades de entendimento da questão.

Mesmo considerando o tempo de 32 minutos como razoável, tendo em vista a quantidade de questões fechadas e abertas, optamos por ampliar o acesso aos recursos personalizados disponíveis na plataforma Survio®, na tentativa de reduzir o tempo de resposta. Todas as questões foram analisadas a partir da devolutiva dos participantes dessa fase. Foram detectados erros na formulação de questões e duplicidades que foram corrigidas. Foram identificadas dificuldades em compreender algumas questões que foram descartadas ou tiveram seu conteúdo reelaborados.

Uma nova versão do questionário resultou a partir da devolutiva dos participantes, sempre observando os objetivos da pesquisa. Com a revisão, o questionário ganhou novas questões passando a ter 57 questões. Foram realizadas correções de conteúdo e também no formato dos itens, inserindo novas escalas para resposta. Por se tratar de um questionário já validado e amplamente utilizado em estudos sobre família, especialmente no que se refere à caracterização da família (Dessen, 2009; Dessen & Cerqueira-Silva, 2009; Pereira-Silva, Dessen & Barbosa, 2015; Pozzobon, Linares, Argimon, Falceto & Marin, 2015; Rodregues & Dessen, 2015; Rooke & Pereira-Silva, 2016) faz-se necessário salientar que as adaptações/alterações efetuadas, limitou-se à inclusão de questões de caracterização do superdotado e adaptação de itens para versão eletrônica em plataforma virtual.

Desta forma, na segunda fase da aplicação piloto do questionário foram incluídos participantes a partir de critérios relacionados à idade e nível de escolarização que fossem mais amplos e representativos para um estudo mais censitário. Desta vez, o questionário foi aplicado a cinco participantes, identificados por: 1P², 2P², 3P², 4P² e 5P². Esses participantes não foram os mesmos da primeira aplicação. A idade dos participantes variou entre 20 e 60 anos e o nível de escolarização foi do Ensino Fundamental I (séries finais – 6º ao 9º ano) ao Ensino Superior. Da mesma forma, que na primeira aplicação piloto do questionário, foi solicitado que esses participantes calculassem o tempo de resposta e sinalizassem possíveis dificuldades no entendimento das questões. O tempo que cada participante levou para responder ao questionário foi: 1P² = 42 min, 2P² = 38 min, 3P² = 22 min, 4P² = 33 min e 5P²=31 min. Calculamos a média simples (1P², 2P², 3P², 4P² e 5P²/5) do tempo dispensado para as respostas, tendo assim um tempo médio de 33,2 minutos.

Como devolutiva, os participantes dessa segunda aplicação piloto, indicaram a necessidade de tornar o questionário menos formal, ajustando algumas palavras e termos. Também foram feitos alguns ajustes na formatação para facilitar e agilizar as respostas aos itens. De posse do questionário revisado e corrigido na Plataforma, deu-se início à coleta de dados.

Procedimento de Coleta de Dados

O convite para a participação deste estudo foi compartilhado via internet e tecnologia Mobile tanto por meio de contatos individuais como por meio de grupos formados nas redes sociais: *WhatsApp, Facebook e Messenger*.

A maioria das famílias que participaram deste estudo foi convidada por profissionais que atuam com a área de superdotação no país a partir de um convite postado em uma rede

social contendo o link para acesso ao questionário online e Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido era apresentado logo após a apresentação dos objetivos da pesquisa, havia a possibilidade de dar prosseguimento ao preenchimento do questionário se houvesse a aquiescência do participante por meio de sua concordância em participar da pesquisa. Maiores detalhes sobre o TCLE podem ser visualizados no Anexo 1. A rede social que agregava esse grupo/comunidade virtual foi o *WhatsApp* que, na época da pesquisa, contava com 136 pesquisadores, professores e estudiosos da área em todo o Brasil. A maior parte dos membros deste grupo/comunidade virtual trabalhavam no Atendimento Educacional Especializado (AEE), nos Núcleos de Atividades para Altas Habilidades e Superdotação – NAAH/S e/ou em instituições públicas ou privadas de ensino superior. Havia entre esses profissionais representantes de todas as unidades federativas do Brasil.

Além deste grupo/comunidade virtual, as famílias foram contatadas por meio de grupos da rede social *Facebook* e *Messenger* os quais fazem parte famílias de superdotados de todo país, como o grupo Mãe de Crianças Superdotadas, (AH/SD) - Altas Habilidade/Superdotação, além dos grupos dos NAAHS de várias localidades do Brasil.

A ideia de utilização de recursos virtuais relacionados às redes sociais se deu pela busca em maior alcance de números de famílias, levando em consideração a grande extensão territorial do Brasil e a possibilidade, dentro dos recursos disponíveis para esse estudo, deste alcance.

Os dados foram coletados utilizando-se plataforma digital e questionário *online*. A plataforma digital escolhida para a aplicação do questionário foi o *Survio*®, por apresentar condições favoráveis para a coleta de dados, bem como para o processamento dos dados coletados.

Aplicação do Questionário Digital

Os dados nesta fase foram coletados em ambiente virtual de forma eletrônica. A totalidade dos acessos foram efetuados por meio de *link* direto, disponibilizado no momento da divulgação/convite para participação na pesquisa. Nos 5 primeiros dias de divulgação da pesquisa, o questionário registrou um histórico de visualização de 272 famílias, e um total de 211 que iniciaram o questionário, porém não finalizaram. Naquele momento já contávamos com 95 questionários respondidos. Ao término do período programado para coleta dos dados por meio do questionário virtual, que compreendeu o prazo de 23 dias, o questionário registrou um histórico de 803 visitas ao questionário, sendo que destas 181 iniciaram e não concluíram o preenchimento do questionário e 140 responderam completamente, o que corresponde a 17,4% da totalidade das famílias que tiveram acesso ao questionário.

Para o início da coleta de dados, todas as famílias participantes foram esclarecidas e orientadas quanto aos objetivos da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1). O TCLE foi disponibilizado, imediatamente, no acesso ao questionário, de modo que o questionário só se iniciava após o aceite do TCLE.

Aspectos Éticos da Pesquisa

Seguindo os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, submetemos o projeto para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa. Seguindo a Resolução 196/6 do Conselho de Saúde, que fixa as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres humanos e obtivemos sua aprovação sob o parecer nº 2.385.573 /2017.

Análise dos Dados

As questões abertas e fechadas que compunham o questionário tiveram tratamento analítico diferenciado. As questões fechadas foram analisadas por meio de análises descritivas quantitativas e as questões abertas por meio análises descritivas qualitativas.

Na medida em que o questionário virtual era respondido, alimentava-se o banco de dados na plataforma Survio®, gerando relatórios estatísticos quantitativos. A partir do relatório final gerado pela Survio® foi realizada a análise de dados de acordo com a natureza dos itens do questionário. As análises quantitativas foram processadas automaticamente pela plataforma Survio®.

As questões abertas do questionário foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e categorizadas a partir dos objetivos específicos da pesquisa: (1) Traçar o perfil sociodemográfico de famílias brasileiras com filhos superdotados, (2) Descrever as mudanças na dinâmica familiar relacionadas ao processo de identificação do superdotado, e (3) Identificar na percepção dos pais características do processo de desenvolvimento do superdotado

As categorias foram elaboradas utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos, obedecendo três etapas, conforme recomendado Por Bardin (2011): Pré-análise; descrição analítica e interpretação referencial.

A pré-análise consistiu na organização dos dados das respostas discursivas, elaborando o corpus de análise, utilizando-se de técnicas de classificação dos dados por temas ou categorias desmembrando do texto e organizando os dados relevantes, verificando frequência e percentual de forma quantitativa e qualitativa nos momentos que se fizeram necessário uma interpretação semântica, lexical e inferencial do reconhecimento da intenção comunicativa.

A descrição analítica partiu do corpus para uma análise mais aprofundada para que houvesse uma interpretação dos dados, em uma análise qualitativa das respostas discursivas mais longas, levando em consideração o referencial teórico adotado neste estudo e seu objetivo.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados das análises dos dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio do questionário *online*, conforme descrito no método. Com o objetivo de traçar perfil de famílias brasileiras com filhos superdotados serão considerados três aspectos que serão apresentados como subseções deste capítulo: O perfil sociodemográfico das famílias com superdotados; os eventos na vida do superdotado que afetaram a dinâmica familiar; e a percepção da família acerca do processo de desenvolvimento do superdotado.

Perfil Sociodemográfico das Famílias com Superdotados

O Questionário *Online* (Anexo II) foi respondido completamente por 140 famílias distribuídas em todo território nacional, sendo que a Região com maior número de respondentes foi a Região Centro-Oeste ($n = 49$; 35%), seguida das Regiões Sul ($n = 40$; 28,6%), Sudeste ($n = 35$; 25%) e Regiões Nordeste ($n = 9$; 6,4%), Norte ($n = 7$; 5%). As Unidades Federativas com o maior número de participantes foram o Distrito Federal ($n = 46$; 32,9%) e o Paraná ($n = 37$; 26,4%). Outros detalhes acerca da distribuição dos respondentes por Unidade Federativa podem ser visualizados na Tabela 6, apresentada a seguir.

Tabela 6

Número de Respondentes por Unidade Federativa

Unidade Federativa	<i>n</i>	%
Amazônia	3	2,2
Bahia	1	0,7
Ceará	1	0,7
Distrito Federal	45	32,2
Goiás	2	1,4
Minas Gerais	2	1,4
Pará	2	1,4
Paraíba	1	0,7
Paraná	37	26,5
Pernambuco	2	1,4
Piauí	2	1,4
Rio de Janeiro	22	15,7
Rio Grande do Norte	1	0,7
Rio Grande do Sul	3	2,2
Rondônia	1	0,7
Santa Catarina	1	0,7
São Paulo	13	9,3
Sergipe	1	0,7
Total	140	100

Nota. As Unidades Federativas suprimidas nesta Tabela apresentaram $n = 0$.

Com relação ao local de residência das famílias ($N = 140$), os resultados indicaram que a maioria morava em centros urbanos. As famílias estavam assim distribuídas: 62,9% na Área Urbana – Centro ($n = 88$); 32,9% na Área Urbana – Periferia ($n = 46$) e 4,3% Área Rural ($n = 6$). Ficou evidenciado com relação ao tipo de moradia que 60% das famílias moravam em casa ($n = 84$), 36,4% em apartamento ($n = 51$), 0,7% em barraco ($n = 1$) e 2,9% outros ($n = 4$).

Com relação à situação de moradia, 65,7% dos respondentes informaram que moravam em residência própria, 24,3% moravam em residências alugadas, 7,1% residiam em moradias

cedidas, e os outros 2,9% indicaram que residiam em imóveis próprios-financiados, sítio, no local de trabalho ou em imóvel *sub judice*.

Sobre a qualidade das condições de moradia, os participantes avaliaram-na como: 25,7% Excelente ($n = 36$); 37,1% Muito Boa ($n = 52$); 26,4% Boa ($n = 37$); 10% Razoável ($n = 14$) e 0,7% Precária ($n = 1$). Com relação ao tempo de residência, 57,9% residiam no mesmo domicílio há mais de 5 anos. Maiores detalhes sobre o tempo de residência das famílias no mesmo local podem ser visualizados na Tabela 7, apresentada a seguir.

Tabela 7

Tempo de Residência no Mesmo Domicílio (N = 140)

Tempo	<i>n</i>	%
Menos de 1 ano	20	14,3
de 1 a 3 anos	20	14,3
de 3 a 5 anos	19	13,6
de 5 a 10 anos	34	24,3
Há mais de 10 anos	47	33,5
Total	140	100

Em relação ao estado civil, 68,6% dos respondentes informaram que eram casados ($n = 96$); 15,7% tinham união estável ($n = 22$); 10% eram separados/divorciados ($n = 14$); e 5,7% eram solteiros ($n = 8$). Ainda sobre o estado civil ($N = 132$), 72% dos participantes declararam ser este o seu/sua primeiro(a) companheiro(a) ($n = 95$); 22% como segundo(a) companheiro(a) ($n = 29$); 6,1% como terceiro(a) companheiro(a) ($n = 8$); sendo que 6,1% não responderam a este item ($n = 8$). Quanto ao tempo de união 18,9% tinham menos de 10 anos de união ($n = 25$); 25,8% tinham entre 10 e 15 anos de união ($n = 34$); 27,3% entre 15 e 20 anos de união ($n = 36$); e 23,5% tinham acima de 20 anos de união ($n = 31$).

O questionário foi respondido em sua maioria por mães, representando 85 % das respostas ($n = 119$), 13,6% por pais ($n = 19$) e 1,4% por outros responsáveis ($n = 2$). Quanto à escolaridade, 73,6% dos respondentes possuíam Ensino Superior Completo ($n = 103$), sendo que destes 32,9%, possuíam especialização ($n = 46$), 7,9% eram mestres ($n = 11$) e 3,6% eram doutores ($n = 5$). Maiores detalhes sobre o nível de escolaridade e a área de formação dos respondentes podem ser visualizados, respectivamente, nas Tabela 8 e 9, apresentadas a seguir.

Tabela 8

Escolaridade dos Participantes (N = 140)

Escolaridade	<i>n</i>	%
Alfabetizado	0	0
Ensino Fundamental I (séries iniciais) – Incompleto	1	0,7
Ensino Fundamental I (séries iniciais) – completo	0	0
Ensino Fundamental II (séries finais) - incompleto	2	1,4
Ensino Fundamental II (séries finais) – completo	1	0,7
Ensino Médio – incompleto	1	0,7
Ensino Médio – completo	15	10,7
Ensino Superior – incompleto	17	12,1
Ensino Superior – completo	41	29,3
Especialização	46	32,9
Mestrado	11	7,9
Doutorado	5	3,6
Total	140	100

Tabela 9

Área de Escolaridade Superior (N = 120)

Área de Formação	<i>n</i>	%
Ciências Humanas	49	40,8
Ciências Exatas	6	5
Ciências Biológicas	23	19,2
Cursos Tecnólogos	9	7,5
Educação/Licenciaturas	33	27,5
Total	120	100

Com relação à situação laboral, 75% dos participantes ($n = 105$) informaram estar trabalhando. A atividade laboral foi distribuída conforme a frequência das respostas como: (1) atividades que exigiam para sua execução o Ensino Superior (53,3%, $n = 56$); (2) atividades laborais que podem ser exercidas sem uma formação superior (41%, $n = 43$); (3) serviços básicos, que não requeriam nenhum nível de escolaridade formal para sua execução 5,7%, ($n = 6$).

Em relação à quantidade de dias na semana para as atividades laborais, 70,5% informaram trabalhar de: segunda a sexta-feira ($n = 74$); 10,5% de segunda-feira a sábado ($n = 11$); 5,7% de segunda-feira a domingo ($n = 6$); 5,7% por escala ($n = 6$); e 5,7% em dias alternados ($n = 6$).

No que diz respeito à renda familiar, 25% indicaram uma renda superior a 10 salários mínimos ($n = 35$); 25% renda entre 6 e 10 salários mínimos ($n = 35$); 24,3% renda entre 3 e 6 salários mínimos ($n = 34$); 21,4% apresentavam renda entre 1 e 3 salários mínimos ($n = 30$); e somente 4,3% apresentavam renda de até 1 salário mínimo ($n = 6$).

Com relação à configuração familiar, os resultados demonstraram que a maioria das famílias tinham uma configuração tradicional, formada por laços de consanguinidade, sendo apenas uma monoparental feminina. Destas, 83,5% das famílias participantes da pesquisa eram

famílias nucleares, formadas por pai, mãe e filhos ($n = 116$). As demais, 11,5% das famílias eram ampliadas, sendo 14 delas formadas por pai, mãe, filhos e sogro(a), uma formada por mãe, filhos e outros parentes e uma formada por pai, mãe, filhos e empregado doméstico. Com relação à quantidade de crianças no domicílio, 43,6% dos participantes declararam haver 2 crianças no domicílio ($n = 61$), 37,9% declararam que havia apenas 1 criança no domicílio ($n = 53$), 10,7% declararam que não havia crianças no domicílio (possivelmente seus filhos eram adolescentes) ($n = 15$), 6,4% declararam que havia 3 crianças no domicílio ($n = 9$), e 1,4% declararam que tinham 4 crianças no domicílio ($n = 2$).

Quanto à escolaridade dos filhos, 5,7% indicaram que seus filhos não estavam matriculados em creche/escola por não ter idade escolar e, portanto, não estudavam ($n = 8$); 1,4% indicaram que os filhos desistiram de estudar, não revelando os motivos ($n = 2$); apenas 0,7% indicou que o filho não estudava por não ter conseguido vaga em creche/escola pública ($n = 1$). Em relação ao período escolar dos filhos, a maioria indicou o período parcial para o primeiro filho (78,6%) e 14,3% para o período integral. Quanto ao tipo de escola, se pública ou particular, os dados demonstraram, que em relação ao primeiro filho, que 53,6% estavam matriculados em escola particular e 42,1% deles em escola pública. Maiores detalhes sobre o período escolar e tipo de escola por ordem de nascimento e posição familiar dos filhos podem ser visualizados nas Tabelas 10 e 11, apresentadas a seguir.

Tabela 10

Período Escolar por Posição de Nascimento dos Filhos

Posição de nascimento	Período Escolar			
	Integral (n)	%	Parcial (n)	%
Primogênito	20	14,3	110	78,6
2º Filho	16	11,4	78	55,7
3º Filho	3	2,1	22	15,7
4º Filho	2	1,4	2	1,4

Tabela 11

Tipo de Escola por Posição de Nascimento dos Filhos

Posição de nascimento	Tipo de Escola			
	Pública (n)	%	Particular (n)	%
Primogênito	59	42,1	75	53,6
2º Filho	43	30,7	52	37,1
3º Filho	13	9,3	11	7,9
4º Filho	3	2,1	0	0
5º Filho	2	1,4	0	0

Nota. Dados representados em relação ao número de filhos matriculadas em creche/escolas.

Com relação às atividades de lazer⁴ em que as famílias costumavam participar, os dados revelaram que os eventos culturais e visitas museus estavam entre os mais frequentes ($f = 132$), indicados por 94,3% das famílias, seguidos de assistir TV em casa ($f = 122$), encontros com familiares e amigos ($f = 108$) e ir ao cinema ($f = 108$). As atividades de menor frequência relatadas foram: participar de festas típicas e regionais ($f = 35$) e soltar pipa/papagaio, que

⁴ Entendemos como lazer o conjunto de ocupações às quais o sujeito pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após finalizada as obrigações familiares e sociais.

apresentou a menor frequência ($f = 18$). Maiores detalhes sobre atividades de lazer realizadas pelas famílias podem ser visualizadas na Tabela 12, apresentada a seguir.

Tabela 12

Atividades de Lazer

Atividades de Lazer	<i>f</i>	%
Eventos culturais e visitas à museus	132	94,3
Assistir TV em casa	122	87,1
Encontros familiares e/ou com amigos	108	77,1
Ir ao Cinema	108	77,1
Saídas à restaurantes ou lanchonetes	101	72,1
Viagens, esportes e xadrez	95	67,9
Jogar jogos de tabuleiro	81	57,9
Jogar vídeo game	81	57,9
Estudos	77	55,0
Atividades religiosas	65	46,4
Receber visitas em casa	56	40,0
Jogar bola na rua ou praça	47	33,6
Participar de gincanas escolares	39	27,9
Festas típicas ou regionais	35	25,0
Soltar pipa/papagaio	18	12,9

Para classificar as atividades de lazer, de modo geral, em níveis de importância, foi utilizada escala tipo *Likert* de cinco pontos, onde cinco indicava a maior importância e 1 de menor importância. Nesse quesito, 68,6% das famílias classificaram as atividades de lazer como sendo muito importantes para a família ($n = 96$), 20% classificaram tais atividades como importante ($n = 28$), 10,7% classificaram como de moderada importância ($n = 15$), e apenas 0,7% classificou essas atividades como de pouca importância ($n = 1$).

Em relação aos cuidados com os filhos quando não estavam na escola, 36,5% dos respondentes indicaram que estes ficavam sob os cuidados da mãe ($f = 99$), 24,7% sob os cuidados do pai ($f = 67$), 14,4% sob os cuidados dos avós ($f = 19$), 7,4% sob os cuidados de um empregado doméstico ($f = 20$), 6,3% sob os cuidados de irmãos ($f = 17$), e 1,1% sob os cuidados de uma babá ($f = 03$), 0,7% sob os cuidados de um vizinho ($f = 2$) e 8,9% indicaram outros cuidadores ($f = 24$).

Em relação a ordem de nascimento do superdotado, 54,3% eram primogênitos ($n = 76$); 22,9% eram o segundo filho ($n = 32$); 7,1% eram o terceiro filho ($n = 10$) e 15,7% das famílias indicaram que possuíam mais de um filho superdotado ($n = 22$).

Eventos na Vida do Superdotado que Afetaram a Dinâmica Familiar

Foram identificados alguns eventos ou mudanças no curso de vida escolar dos superdotados que tiveram implicações na dinâmica familiar, entre os quais destacamos: (a) Troca de Escola, (b) Repetência escolar, (c) *Bullying*, (e) Problemas de Relacionamento, (f) Problemas de Comportamento, (g) Envolvimento com Brigas, e (h) Mudança de Cidade. Justificamos estes eventos como não normativos pelo fato de que estas ocorrências não atingem todas as pessoas do grupo etário, social e/ou econômico. Por exemplo, no momento da escolha da escola, a família espera que essa instituição atenda aos seus anseios educacionais, quando existe a necessidade de mudança de escola pelo não atendimento adequado, em particular ao superdotado, este evento torna-se não-normativo.

Nesse sentido, os resultados indicaram que 40,7% dos superdotados mudaram de escola ($n = 57$), sendo que destes 36 mudaram pelo menos uma vez; 65,7% foram vítimas de *bullying* ($n = 92$), sendo que 51 destes estiveram envolvidos nesses eventos por mais de vez; 65,7% tiveram problemas de relacionamento ($n = 92$), sendo que destes 57 mais de uma vez; 62,9%

tiveram algum problema de comportamento ($n = 88$), sendo que destes 41 mais de uma vez. O evento de menor ocorrência foi repetência escolar, sinalizado por 5% dos pais ($n = 7$), sendo que destes 4 foram reprovados uma única vez. Na Tabela 13 podem ser visualizados maiores detalhes sobre a frequência desses eventos relacionados aos superdotados, conforme relatado pelas famílias.

Tabela 13

Frequência dos Eventos na Vida dos Superdotados que Afetaram a Dinâmica Familiar na Percepção dos Pais (N = 140)

Evento	Sempre acontece		Mais de uma vez		Uma única vez		Nunca aconteceu	
	<i>f</i>	%	<i>F</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Mudança de Escola (n = 57)	12	21,1	9	15,8	36	63,2	33	23,6
Repetência Escolar (n = 7)	2	2,4	1	0,4	4	2,4	133	95
Suspensão Escolar (n = 15)	0	0,0	4	1,5	11	6,5	125	89,3
<i>Bullying</i> (n = 92)	15	17,6	51	19,6	26	15,3	48	34,3
Discriminação (n = 74)	11	12,9	53	20,4	10	5,9	66	47,2
Problemas de relacionamento (n = 92)	25	29,4	57	21,9	10	5,9	48	34,3
Problemas de comportamento (n = 88)	17	20,0	41	15,8	20	11,8	60	42,9
Envolvimento com brigas (n = 58)	2	2,4	29	11,2	27	15,9	80	57,2
Mudança de cidade (n = 42)	1	1,2	15	5,8	26	15,3	96	68,6

Outro evento que merece destaque está associado à aceleração de séries escolares. Os pais indicaram que 24,3% dos filhos foram acelerados ($n = 34$), sendo que destes, 88,2% foram acelerados em apenas 1 série escolar ($n = 30$), 8,8% foram acelerados em 3 séries escolares ($n = 3$) e 2,9% foi acelerado em 2 séries escolares ($n = 1$).

Também foi perguntado aos pais, acerca de aspectos que envolviam questões de saúde e outros tipos de acompanhamento escolar especializado. Nesse sentido, os pais indicaram que

52,1% dos superdotados faziam algum acompanhamento psicopedagógico ($n = 73$); 24,5% informaram que seus filhos superdotados costumavam adoecer com alguma frequência ($n = 34$), sendo que 100% dos problemas de saúde estavam relacionadas à alergodermatologias.

Em relação a ter ou não outro diagnóstico (Dupla-excepcionalidade), os resultados demonstraram que 97,1% dos superdotados, como indicados por seus pais, não possuíam uma segunda condição ($n = 136$). Entre a segunda excepcionalidade indicadas por 2,9% dos pais, foram mencionadas a Síndrome de Asperger e Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Autismo ($n = 4$).

Percepção da Família acerca do Processo de Desenvolvimento do Superdotado

A partir da análise dos dados das questões abertas do Questionário *Online* destacam-se algumas características do superdotado relatadas pelos pais, quanto a aspectos do desenvolvimento. Entre os aspectos mais gerais foram mencionados, o desenvolvimento:

1. Motor - indicaram a precocidade no sentar e andar.
2. Linguagem - foi mencionada a fala precoce, a leitura precoce e a facilidade de aprendizagem de outros idiomas.
3. Sensorial - facilidade para a identificação de formas geométricas, cores e sequências lógicas, como jogos de tabuleiro, xadrez, jogo da memória, quebra-cabeças.
4. Atenção e Memória - Facilidade para decorar, rapidez na resolução de jogos da memória.

Essas famílias ainda pontuaram outras características como:

- (a) quanto às suas convicções: de forte opinião, teimoso, desafiador;
- (b) quanto ao nível de atividade: precoce, de boa memória, de pensamento rápido;
- (c) quanto ao temperamento: calmos, concentrados, sensíveis; e
- (d) quanto às relações interpessoais: preferências por relacionar-se com colegas de

idade e série escolares mais avançados.

Maiores detalhes sobre aspectos do desenvolvimento do superdotado podem ser visualizados na Tabela 14, onde também estão adicionados exemplos das respostas mais frequentemente mencionadas pelos pais. A Tabela 14 é apresentada a seguir.

Tabela 14

Descrição das características dos superdotados atribuídas pela família

Característica	Exemplos das respostas dos pais
Fala precoce	<p>“Eu desconfiei muito precoce quando ele começou exatamente a falar por volta de um ano, um ano e seis ele já falava com uma certa influência muito explicado para idade”</p> <p>“Ele falou muito cedo, mas não entendíamos isso como diferente”</p> <p>“Ela desenvolveu a fala muito bebê ainda”</p>
Atenção e memorização	<p>“Desde muito pequenininha ela prestava muito atenção em filmes infantis (...) ela falava a fala inteira dos desenhos!”</p> <p>“Ela era muito curiosa e prestava atenção em tudo”</p> <p>“Uma das coisas que me chamou atenção é que ele era muito rápido (...) quando ele tinha 3 anos eu comprei um quebra-cabeça para a idade dele né (...) ele montava muito rápido e já encostava o quebra-cabeça para lá, quanto eu chamava para brincar ele dizia que não, que o quebra cabeça é muito chato e que já havia aprendido tudo”</p>
Leitura prematura	<p>“Ele leu muito cedo, ele lia todas as placas e cartazes na rua (...) ele tinha só 1 aninho, era um bebê!”</p> <p>“(ela) após um ano de idade tinha imensa curiosidade com leitura de livros infantis, leitura por nomes de lojas comerciais e nomes de rua”</p>

A partir da análise de conteúdo das respostas abertas do questionário (N = 140) foram elaboradas três subseções a partir dos objetivos específicos da pesquisa: (a) Processo de Identificação, (b) Mudanças na dinâmica familiar relacionadas ao processo de identificação do superdotado, e (c) Percepção dos pais características do processo de desenvolvimento do superdotado. Para cada subseções duas categorizações foram criadas.

Processo de Identificação

Esta subseção foi definida a partir das respostas dos participantes quanto ao processo de identificação do superdotado. Esse processo dizia respeito à mobilização familiar e às dificuldades enfrentadas. Desta forma, os resultados deste eixo foram organizados em duas categorias: (1) Mobilização familiar no processo de identificação ($f= 225$) e (2) Barreiras ao processo de identificação ($f = 125$).

Mobilização Familiar no Processo de Identificação

A categoria Mobilização Familiar foi definida como estratégias e recursos utilizados pelas famílias no sentido de obter avaliação diagnóstica, orientação ou reconhecimento das habilidades de seus filhos e o atendimento de suas necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, foram elaboradas quatro subcategorias: (a) reconhecimento das habilidades pelos pais ($f = 74$); (b) procura por avaliação diagnóstica ($f = 66$); (c) indicação de profissionais ($f = 57$); e (d) identificação de queixas escolares e problemas nas relações interpessoais ($f = 58$). As definições de cada uma dessas categorias são apresentadas na sequência, juntamente com a Tabela 15 que detalha a frequência de cada subcategoria associada a exemplos das respostas dos participantes.

Definições das subcategorias:

1. **Reconhecimento das habilidades pelos pais:** reuniu as respostas dos pais vinculadas ao reconhecimento e desenvolvimento das habilidades precoces do superdotado: como facilidade de aprendizagem, fala e memória, entre outros.

2. **Procura por avaliação diagnóstica:** para esta subcategoria foram contempladas respostas relacionadas a busca por avaliação por meio de testes e instrumentos psicométricos e

pedagógicas, falso diagnóstico, sofrimento no processo avaliativo, falta de acesso, recursos financeiros para custeio das avaliações.

3. **Indicação de profissionais:** esta subcategoria agregou às respostas relacionadas à mobilização familiar em busca da identificação por meio da indicação de psicólogos, médicos, família ou auto indicação.

4. **Queixas escolares e problemas nas relações interpessoais:** esta subcategoria compreende os problemas de comportamento e nas relações, discriminação, preconceitos e *bullying*, desinteresse pela escola, sistema tradicional de ensino.

Tabela 15

Mobilização Familiar no Processo de Identificação

Categories	Exemplo das Respostas dos Pais	
	<i>f</i>	
Reconhecimento das Habilidades pelos Pais	74	<p>“Falou sua primeira palavra aos 3 meses de idade, sempre foi muito precoce, inteligente e tranquila desde bebê” (P.04)</p> <p>“Descobrimos bem cedo, pelo fato dele ter aprendido a falar antes de um ano e com dois anos ele já conhecia cores, falava as palavras com um vocabulário correto e não falava palavras errado e decorava letras de música com muita facilidade” (P. 35)</p> <p>“(…) leu aos 3 anos e meio, possui um vocabulário perfeito e hiperfoco em inglês, português e matemática” (P. 103)</p> <p>“Após ele ser aprovado em dez universidades americanas” (P. 95)</p> <p>“Desempenho acima da média e destaque acadêmico. Facilidade em várias áreas e maturidade social” (P. 106)</p>
Procura por Diagnóstico	66	<p>“Resolvemos levá-lo para a testagem por uma neuropsicóloga que o tratou com o WISC IV e assim tivemos a constatação” (P. 15)</p> <p>“(…) avaliações realizadas por uma pedagoga com especialização em superdotação”. (P. 34)</p> <p>“A busca começou pelo TDAH e no final chegamos a AH” (P. 30)</p> <p>“A professora do jardim de infância "diagnosticou" ele como criança hiperativa! Reclamações como: ele conversa demais, faz as atividades muito rápido e depois só incomoda” (P. 33)</p> <p>“Havia uma dúvida se estava no espectro autista e foi encaminhado a um neuropsicólogos para diagnóstico” (P. 39)</p> <p>“Devido ao fator financeiro e falta de profissionais preparados e com conhecimento na área para me orientar” (P. 80)</p>
Indicação por Profissionais	57	<p>“Uma professora fez análise mais aprofundada e o encaminhou para o atendimento de altas habilidades da Secretaria de Educação”. (P. 58)</p> <p>Em uma consulta ao pediatra, ele notou algo diferente nela, dizendo que deveria consultar um neurologista” (P. 79)</p>
Queixas Escolares e Problemas nas Relações Interpessoais	28	<p>“Problemas de desinteresse pela escola e achando tudo muito maçante” (P. 45)</p> <p>“Por apresentar desinteresse na escola, a escola sugeriu que levássemos nosso filho ao neurologista” (P. 77)</p> <p>“Queixas da escola sobre comportamento e frequentes buscas de profissionais” (P. 29)</p> <p>“(…) apresentava agressividade (...) não gostava de ir à escola, pois não aprendia nada” (P. 31)</p> <p>“Apresentava irritabilidade com os demais colegas e percebemos que sua impaciência era devido aos colegas não chegarem às mesmas conclusões que ele e tão rápido quanto ele” (P. 13)</p> <p>“Após sofrer <i>bullying</i>, procurei orientação psicológica e a profissional fez a avaliação” (P. 121)</p> <p>“Problemas de exclusão do meu filho na escola, até ser excluído da atividade de formatura do 5º ano” (P. 50)</p>

Barreiras ao Processo de Identificação

A categoria Barreiras no Processo de Identificação foi estabelecida a partir das respostas dos participantes, quando estes indicaram a predominância de fatores que recomendavam dificuldades no processo de identificação do filho superdotado.

Para esta categoria foram elaboradas cinco subcategorias: Falta de Conhecimento de Pais e Professores sobre a Temática da superdotação ($f = 69$), Resistência à aceitação da superdotação ($f = 16$), Dificuldades Relacionadas ao Diagnóstico ($f = 18$), Características Desenvolvimentais Peculiares ($f = 12$) e Investimento Financeiro ($f = 10$). Essas subcategorias são definidas em seguida e os exemplos das respostas dos participantes e suas frequências podem ser visualizadas em detalhes na Tabela 16.

Definições das subcategorias:

1. **Falta de conhecimento de pais e professores sobre a temática da superdotação:** para esta subcategoria foram consideradas as respostas que compreenderam as dificuldades de acesso à profissionais de apoio e orientação familiar, falta/falha no acolhimento, além da falta de conhecimento familiar e/ou social.

2. **Resistência dos pais:** esta subcategoria foi elaborada a partir das respostas dos pais que estavam relacionadas à não aceitação dos pais quanto à identificação do filho como superdotado.

3. **Dificuldades relacionadas ao diagnóstico:** esta subcategoria compreende os relatos dos pais em relação à demora no processo de avaliação e identificação do superdotado, bem como os de falsos diagnósticos.

4. **Características desenvolvimentais peculiares:** envolve as respostas relacionadas às características intelectuais, criativas, socioemocionais e desafiadoras que o filho apresentava, além do assincronismo observado.

5. **Investimento financeiro:** foram consideradas nesta subcategoria, as respostas que

compreenderam dificuldades que envolviam recursos financeiros para que a família pudesse investir na educação e demandas exigidas no processo de desenvolvimento do filho superdotado.

Tabela 16

Barreiras ao Processo de Identificação

Categoria		Relatos
	<i>f</i>	
Falta de Conhecimento de Pais e Professores sobre a Temática da superdotação	69	<p>“(…) a não ajuda da creche/escola que inclusive nos culpou por estimularmos demais nossa filha”(P. 9)</p> <p>“Falta de acolhimento da escola, que entendia seus comportamentos de insatisfação como rebeldia e desobediência” (P. 15)</p> <p>“A falta de conhecimento e aceitação na escola por parte dos professores e equipe diretiva” (P. 23)</p> <p>“Falta de conhecimento sobre o assunto, falta de orientação, despreparo da escola e professores e do pediatra.” (P. 84)</p> <p>“Falta de conhecimento do tema” (P. 42)</p> <p>“Saber como lidar” (P. 82)</p>
Resistência dos pais	16	<p>“A minha resistência. A achava normal porque eu era assim quando criança” (P. 2)</p> <p>“Minha própria resistência” (P. 36)</p> <p>“Talvez a própria percepção de minha filha de ser diferente, especial”. (P. 119)</p>
Dificuldades Relacionadas ao Diagnóstico	18	<p>“Demora no diagnóstico” (P. 37)</p> <p>“Demora para realizar os testes” (P. 35)</p> <p>“Meios de se comprovar de forma documental a superdotação” (P. 83)</p> <p>“Até ser identificado, era interpretado como uma criança com TDAH” (P. 19)</p> <p>“Suspeita de estar dentro do espectro autista” (P. 16)</p> <p>“A correlação com outros comportamentos voltados ao TOD” (P. 27)</p>
Características Desenvolvimentais Peculiares	12	<p>“O comportamento desafiador, diferenciado” (P. 21)</p> <p>“A timidez tornava difícil a identificação” (P. 128)</p> <p>“Sei que está sendo difícil para ele, pois o corpo dele não tem maturidade para sua mente” (P. 25)</p>
Investimento Financeiro	10	<p>“Eu pago com muita dificuldade a escola e não tinha como pagar as profissionais que descobri que cobravam muito caro” (Resp. 90)</p> <p>“Valores muito altos das consultas dos poucos profissionais que temos.” (P. 97)</p>

Mudanças na Dinâmica Familiar Relacionadas ao Processo de Identificação do Superdotado

Esta segunda subseção foi elaborada a partir das respostas vinculadas à percepção dos pais quanto às mudanças e estabilidades na organização familiar em termos das divisões das atividades domésticas e alterações na dinâmica e rotina da família a partir da descoberta ou identificação da superdotação do filho. Para tanto, as categorias elaboradas associadas a este Eixo dizem respeito aos cuidados dispensados aos filhos, às alterações implementadas na rotina da família e o auxílio de outros membros da família ou rede de apoio. O detalhamento das atividades mencionadas pelos pais pode ser visualizado na Tabela 17, apresentada a seguir.

Tabela 17

Organização Familiar e Rede Apoio Para a Realização das Tarefas Domésticas

Atividade	Mãe	Pai	Filho mais velho	Avó	Empregado	Vizinho	Sozinho
Alimentação/Banho	117	74	16	17	12	-	29
Levar à escola	101	79	6	13	7	-	19
Ler/Contar histórias	112	69	15	10	-	-	27
Levar a atividades de Lazer/escolares	126	108	11	0	-	1	11
Colocar para dormir	107	71	4	6	-	-	23
Cozinhar	124	60	17	19	23	-	7
Limpar a casa	115	51	26	9	40	-	5
Lavar/passar roupas	109	33	10	10	38	-	3
Comprar comida	125	103	11	11	3	-	2
Orientar empregada nas atividades	66	14	-	6	-	-	-

A partir das respostas dos participantes às perguntas abertas, foram organizadas duas categorias vinculadas ao Eixo II: (1) Convívio da família com o superdotado ($f = 286$) e (2) Organização Familiar do Superdotado ($f = 140$).

Convívio da Família com o Superdotado

Esta categoria foi definida em termos dos dilemas e/ou dificuldades enfrentadas na família quanto ao convívio com o filho superdotado. A partir dessas respostas foram elaboradas quatro subcategorias: (1) Educação do superdotado ($f = 175$); (2) Percepção polarizada ($f = 59$); (3) Aprendizagem Constante ($f = 30$); e (4) Discriminação ($f = 22$). Essas subcategorias são definidas a seguir e os exemplos das respostas dos pais e suas frequências podem ser visualizados na Tabela 18.

Definições das subcategorias:

1. **Conflitos e dilemas relacionados com a educação do superdotado:** esta subcategoria diz respeito às atividades voltadas para a educação do superdotado que indicaram estabilidade ou mudança na rotina familiar. As respostas para esta subcategoria, após agrupamento, representaram questões de inquietude familiar, tais como dificuldades de acesso ao atendimento especializado e profissional, dificuldades relacionadas à escola de ensino regular, bem como às demandas do filho superdotado, além de acesso a profissionais, apoio e orientação familiar, falta/falha no acolhimento.

2. **Percepção polarizada:** na elaboração desta subcategoria foram agrupadas respostas que apresentavam aspectos contraditórios quanto à percepção dos pais acerca das características do superdotado.

3. **Aprendizagem constante:** esta subcategoria foi construída envolvendo os aspectos positivos de convívio com um filho superdotado, bem como quanto as trocas de conhecimento entre membros da família.

4. **Discriminação:** esta subcategoria aglutinou as respostas relacionadas à discriminação, preconceito, *bullying*.

Tabela 18

Convívio com o Superdotado

Categoria		Relatos
	<i>f</i>	
Conflitos e dilemas relacionados com a educação do superdotado	175	<p>“Um desafio, ainda mais com o nosso sistema educacional. Sempre ouço como é bom não ter que estudar com o meu filho, mas a luta para deixá-lo estimulado e suprir essa necessidade de aprendizado é uma loucura!” (P. 15)</p> <p>“Muito difícil... Muita gente não entende. Principalmente os professores da escola normal. A falta de informação deixa tudo muito mais difícil.” (P. 24)</p> <p>“Sofrido pela falta de atendimento adequado, a inclusão não funciona quando se trata de Altas habilidades/ superdotação. Então como não estamos na classe de baixa renda para que ele possa fazer parte de programas de incentivo aos superdotados, acabam ficando de fora. Porém a renda familiar não é suficiente para atender tudo o que é necessário para uma criança talentosa (...) (P. 48)</p> <p>“Acho que em relação à instituição de ensino. Se esta está ou não pronta para receber o seu filho. Pois aprendi que as escolas e os profissionais da educação, em regra, não estão preparados para receber os especiais. Ou seja, qualquer criança que não esteja dentro dos padrões das escolas.” (P. 31)</p> <p>“Financeiro, para realizar o atendimento necessário a eles; pedagógico, porque às escolas não conhecem esse perfil de estudante, e não se interessa ofertar atividades diversificadas para a necessidade deles.” (P. 80)</p> <p>“Muitas principalmente na hora da identificação” (P. 05)</p> <p>“Acima de tudo: meu filho é superdotado? Qual a importância da identificação? Por que ele não pode se desenvolver normalmente como as outras crianças? Por que precisa de tanto acompanhamento? Por que em determinadas situações parece tão infantil se é tão inteligente? Entre muitas outras.” (P. 16);</p> <p>“Compreender as exigências que uma criança diferente dos "manuais" traz para a família é difícil. No caso do meu filho, ele tem muita facilidade para a apreensão de conteúdo, mas manifesta algumas dificuldades de relacionamento na escola e com vizinhos (já tivemos que acompanhar mais de perto em anos anteriores; agora isso melhorou). Também tem dificuldades na realização de tarefas que exijam produção de texto (dificuldades para identificar as ideias prioritárias e também na execução, com letra irregular que costuma receber críticas na escola). Isso já foi considerado preguiça e descaso, e precisei conversar na escola para que percebessem que as dificuldades são parte da condição dele. Superdotados ainda parecem ter um estigma de que deveriam ser bons em tudo.” (P. 38)</p>

Tabela 18

Convívio com um Superdotado (cont.)

Categoria	<i>f</i>	Relatos
Percepção polarizada	59	<p>“.. A sensibilidade extrema dificulta nos momentos de tarefas escolares e o perfeccionismo traz uma tensão também, porque ele exige de si mesmo e quer que tenhamos condições de fazer o que ele pensa e consegue. Por outro lado, é incrível aprender com ele e ver a criatividade que tem, o bom humor, as brincadeiras inovadoras, sempre tem novidade.” (P. 14)</p> <p>“Complexo. Ele é uma criança muito intensa e perfeccionista (...). Por outro lado, sou superdotada também e me vejo muito nele. Para o pai é mais difícil de se relacionar, por acreditar que tudo é frescura e que ele é um menino muito cheio de vontades. (...) é muito bom ver ele crescer e se desenvolver quando está realizado e se sente pertencente a um espaço. Mas, quando se sente deslocado e incompreendido (especialmente na escola), fica muito triste e nervoso, o que afeta o relacionamento de toda a família.” (P. 18)</p> <p>“Não é fácil como todos acham. É ter uma criança ávida por informações e com questionamentos (...) lidar com a ansiedade dele e estar constantemente buscando por ajuda profissional. É ter escola não inclusiva! (...) é ver por muitas vezes seu filho ser excluído ou tido como chato por ter interesses diferentes e não se encaixar. É ter pouquíssimos lugares especializados mesmo no RJ. Mas é muito gratificante saber que com a ajuda da família ele ainda fará grandes feitos.” (P. 52)</p> <p>“Muitas vezes é difícil, (...) não posso oferecer seus interesses em área de esportes, cursos e ele cansa a mente de quem cuida, (...) Não sei muitas vezes como lidar, (...). Atitudes dele que talvez não seja tão compreendida, acaba em brigas, reclamações, estresses e isso se torna difícil para ele e para nós que perdemos a paciência” (P. 55)</p>
Aprendizagem constante	30	<p>“É uma experiência maravilhosa! O mundinho deles é fascinante! Aprendo todos os dias com ele!” (P. 33)</p> <p>“É um crescimento para toda a família considerando que há a necessidade de apoio profissional e isto, amplia a rede de contatos com pessoas muito inteligentes; às demandas dos superdotados faz com que a família evolua intelectualmente e na forma de se relacionar...;” (P. 42)</p> <p>“Excelente, é uma troca de conhecimento o tempo todo, brincamos, estudamos, pesquisamos e experimentamos juntos as novidades do dia a dia.” (P. 125)</p> <p>“Ser mãe já é especial, mas ter um filho superdotado é maravilhoso.” (Resp. 130)</p>
Discriminação	22	<p>“As pessoas de fora achar que um superdotado tem a obrigação de saber tudo...” (P. 02)</p> <p>“Preconceito, arrogância e ignorância dentro das escolas” (P. 25)</p> <p>“A aceitação destas crianças no colégio! Acabam sofrendo muito <i>bullying</i> por se destacarem sempre!” (P. 33)</p>

Organização Familiar do Superdotado

A categoria Organização Familiar do Superdotado foi definida considerando aspectos mencionados pelos pais quanto à (re) organização da família para atender às necessidades e demandas do filho superdotado, incluindo seus conflitos, dúvidas e dilemas. Para tanto foram elaboradas duas subcategorias: (1) Alto padrão de investimento parental ($f = 175$); e (2) Percepção de estabilidades ou continuidades na rotina familiar ($f = 22$). Essas duas subcategorias são definidas logo abaixo e os exemplos das respostas dos pais e suas frequências detalhadas na Tabela 19, apresentada a seguir.

Definições das subcategorias:

1. **Alto padrão de investimento parental:** esta subcategoria foi organizada a partir das respostas das famílias que estavam relacionadas ao investimento prestado ao superdotado, seja ele relativo à dedicação familiar para com o filho superdotado, ou ainda quanto aos recursos de todas as ordens.

2. **Estabilidades e continuidades na rotina familiar:** para esta subcategoria foram agrupadas as respostas que declaravam não haver qualquer alteração na organização familiar percebidas.

Tabela 19

Organização Familiar do Superdotado

Categoria	<i>f</i>	Relatos
Alto padrão de investimento Parental	96	<p>“Ele precisa de acompanhamento na hora de fazer a lição, para ajudar a focar e produzir o que é pedido. Por esse motivo é necessário que um dos adultos esteja razoavelmente livre nesse horário, para ficar próximo a ele. Fora isso, há necessidade de acertar agendas para levar e trazer de atividades extracurriculares (psicóloga, natação, violão) - mas isso é semelhante às necessidades da outra filha.” (P. 38)</p> <p>“Eu, mãe, vivo em função do meu filho. O pai trabalha em turno (quando em folga divido com ele as minhas funções). Tenho que adaptar os horários e atividades da irmã por conta dele. Acaba que ficamos exaustos, principalmente, e eu sem tempo para dar conta de atividades domésticas!” (P. 73)</p> <p>“Investimos financeiramente nas altas habilidades (línguas, arte musical e desenho) identificadas na minha filha, são incentivadas permanentes na vida diária dela. Ela estuda em período integral, quando chega em casa a família dialoga sobre a rotina dela, troca ideias e afeto. No final de semana ela faz uma agenda conosco para diversão, lazer e estudo. Uma criança bem-humorada no geral, mas perspicaz em tudo que faz. Sempre a família faz com que a relação esteja alinhada a necessidade da filha. Temos um custo financeiro alto com nossa filha. Queremos dar uma boa base na educação da minha filha como também fortalecer sua maturidade diante dos desafios. Recebe acompanhamento psicológico e atenção diária dos pais.” (P. 118)</p> <p>“Eu (a mãe) parei de trabalhar para poder acompanhar.” (P. 26)</p>
Continuidades e Estabilidades na rotina familiar	44	<p>“Normalmente” (Resp. 05); “Nesse quesito é tudo normal” (P. 07); “Não temos trabalho pois ele é responsável” (P. 27); “A rotina não mudou por ele ser superdotado, continuamos fazendo tudo do mesmo jeito.” (P. 31)</p>

Percepção dos Pais Características do Processo de Desenvolvimento do Superdotado

Esta subseção refere-se à percepção dos pais acerca das necessidades das famílias com superdotação e os eventos marcantes nessa jornada com o superdotado. Nesse sentido, os resultados foram organizados em duas categorias: (1) Necessidade de formação parental sobre a superdotação ($f = 140$); e (2) Momento marcante para a família do superdotado ($f = 140$).

Necessidade de Formação Parental sobre a Superdotação

Essa categoria foi definida levando em consideração as respostas dos pais acerca das necessidades que a família tem de formação. Para esta categoria foram elaboradas quatro subcategorias: (1) Estímulo e Suporte Afetivo ($f = 85$); (2) Orientação e Formação ($f = 46$); (3) Ampliação da Parceria com a Escola ($f = 7$); e (4) e Necessidade de Identificação mais rápidas ($f = 2$). Essas subcategorias são definidas a seguir e os exemplos das respostas dos participantes e suas frequências detalhadas na Tabela 20.

Definições das Subcategorias:

1. **Estímulo e suporte afetivo:** esta subcategoria está relacionada aos aspectos afetivos, paciência, aceitação, respeito, empatia, bem como relativo ao empenho dos pais na promoção de estímulos que auxiliem no desenvolvimento das potencialidades do filho superdotado.

2. **Orientação e formação:** subcategoria relacionada à necessidade de saberes, de informações e conhecimento, como também as respostas que compreendem o suporte e apoio de profissionais especializados, apoio, orientação, acolhimento e acesso à profissionais especializados.

3. **Ampliação da parceria com a escola:** para esta subcategoria foram agrupadas respostas que compreendem na necessidade da família e a escola comungarem de um mesmo objetivo, de uma aproximação e um bom relacionamento família-escola.

4. **Necessidade de identificação mais rápida:** esta subcategoria compreende respostas relativas à necessidade de a identificação ser efetuada de forma mais rápida e tão logo seja notada a superdotação.

Tabela 20

Necessidades da Família com Filhos Superdotados

Categoria	<i>f</i>	Relatos
Estímulo e Suporte Afetivo	85	<p>“Fazer uma base visando Respeito e humildade” (P. 09)</p> <p>“Aceitar a criança e respeitar sua sensibilidade, tentar compreender a ansiedade e a frustração dele com a estrutura educacional vigente.” (P. 14)</p> <p>“Deixá-los desenvolver o seu potencial e estimulá-los naquilo que eles não são tão bons. Arte e música são fundamentais. Apesar do meu filho ser totalmente matemático acho superimportante esse lado ser estimulado” (P. 15)</p> <p>“Estímulo e respeito” (P. 46)</p> <p>“Total empenho na busca para saciar suas curiosidades e estar atento, pois no caso específico dele, possui pouca habilidade motora e baixa autoestima.” (P. 71)</p>
Orientação e Formação	46	<p>“É primordial que os pais busquem mais conhecimento desenvolver habilidades ser criativos e não fantasiar a superdotação como se fosse algo sobrenatural” (P. 08)</p> <p>“Informação! Meu filho tem 10 anos, tem 3 anos que existe essa suspeita, mas só tem 4 meses que ele foi contemplado para a sala de recursos.” (P. 24)</p> <p>“Não precisamos saber tudo, mas devemos saber buscar ajuda com sabe” (P. 41)</p> <p>“Conhecimento de como podem lidar como a situação de forma ampla e disponibilidade de tempo.” (P. 51)</p> <p>“Procurar um especialista e uma escola que faça esse acompanhamento do filho” (P. 01)</p> <p>“Os pais devem procurar especialistas e encaminha-lo para que sejam orientados” (P. 02)</p> <p>“Um bom neuropsicológico e uma boa escola” (P. 05)</p>
Ampliação da Parceria com a Escola	7	<p>“Conhecimento sobre as AH/SD e as parcerias com os educadores e profissionais da área” (P. 104)</p> <p>“ ampliação da parceria com a escola como temos hoje” (P. 25)</p> <p>“Parceria com a escola” (P. 29)</p>
Necessidade de Identificação mais rápida	2	<p>“Identificarem essa superdotação o quanto antes, se munir de informação, entender a complexidade das suas mentes e se revestir de muito amor e paciência” (P. 18)</p> <p>“Identificar cedo e por acompanhar para dar suporte ao desenvolvimento e estimulação nas áreas que não tem tanto interesse.” (P. 22)</p>

Momento Marcante para a Família do Superdotado

Esta categoria aglutinou as respostas dos pais vinculadas aos momentos que foram por eles sinalizados como marcantes para as suas famílias. Desta forma, foram elaboradas quatro subcategorias: (1) Escassez de Atendimento Escolar Adequado ($f = 85$); (2) Conquistas e Reconhecimento do Filho(a) ($f = 26$); (3) Identificação e Aceitação Social ($f = 15$), e (4) Discriminação e Preconceito ($f = 07$). Essas subcategorias são definidas a seguir e os exemplos das respostas pais e suas frequências forma detalhadas na Tabela 21, apresentada abaixo.

Definições das subcategorias:

1. **Conquistas e reconhecimento do filho(a):** esta subcategoria compreende os momentos marcantes relativos ao reconhecimento das habilidades, precocidade, que se destacavam no processo de desenvolvimento do filho superdotado
2. **Identificação e aceitação social:** para esta subcategoria registra-se o momento de diagnóstico, avaliação, testes, bem como os momentos relacionados ao sentimento de aceitação social.
3. **Escassez de atendimento escolar adequado:** esta subcategoria está relacionada às questões enfrentadas pela família no que se refere ao sistema escolar, acolhimento e apoio escolar, acesso às escolas especializadas.
4. **Discriminação e preconceito:** subcategoria que compreende as respostas relacionadas ao preconceito, discriminação, *bullying*.

Tabela 21

Momento Marcante para a Família do Superdotado

Categorias		Exemplos de Respostas dos pais
	<i>f</i>	
Conquistas e reconhecimento do filho(a)	85	<p>“Começar a falar com 1 ano e meio e ler com essa idade” (P. 05)</p> <p>“Início de reconhecimento da escrita e associações lógicas com 18 meses e o primeiro "por que?" Aos 17 meses” (P. 11)</p> <p>“Quando começou o processo de leitura e como num piscar de mágica já estava lendo tudo!!!! Surpreendente!!!!” (P. 94)</p> <p>“Ele ter vencido um concurso de redação em primeiro lugar competindo com escolas particulares de alto nível enquanto era estudante em uma escola pública, o que lhe proporcionou o prêmio de bolsa de estudos em uma escola particular.” (P. 136)</p> <p>“Quando foi aprovado para universidades americanas.” (P. 95)</p> <p>“Quando ela participou pela primeira vez de um concurso de desenho” (P. 114)</p> <p>“Suas conquistas, já foi medalhista de prata, bronze, ouro no Kumon, já ficou em segundo lugar na Olimpíada Internacional de Matemática.” (P. 130)</p>
Identificação e Aceitação social	26	<p>“O atendimento diagnóstico! Aí veio a explicação de tudo!” (P. 131)</p> <p>“A avaliação” (P. 133)</p> <p>“Sua felicidade ao receber o diagnóstico e descobrir a razão de se sentir pouco compreendido pelas demais crianças.” (P. 140)</p> <p>“Quando foi identificada sua superdotação” (P. 135)</p> <p>“Quando se sentiu aceito e integrado no grupo escolar” (P. 25)</p> <p>“Quando ele consolidou amizade com a turma da escola.” (P. 76)</p> <p>“Foi o de interação com outros com altas habilidades também. O encontrar/fazer parte da mesma tribo.” (P. 112)</p>
Escassez de atendimento escolar adequado	15	<p>“Explicar para as filhas que o sistema educacional está engessado. Explicar que uma sala de recurso não tem recursos.” (P. 125)</p> <p>“A falta de escolas e professores com capacidade suficiente para prestar o acompanhamento necessário” (P. 01)</p> <p>“Ter que levá-lo para duas escolas onde ele estudava uma longe da outra a pé” (P. 02)</p>
Discriminação e preconceito	7	<p>“Quando ele se sentiu diferente, excluído e mal por não se enquadrar ao nível dos seus colegas. Por ter interesses diferentes e ninguém compartilhar na escola.” (P. 55)</p> <p>“No terceiro ano do fundamental sofreu <i>bullying</i> por parte da Diretora da escola (que era particular) iniciando a decadência escolar” (P. 80)</p> <p>“Quando meu filho pediu para não falar na escola sobre suas características” (P. 88)</p>

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO

Neste capítulo vamos discutir os resultados apresentados com objetivo traçar um perfil de famílias brasileiras com filhos superdotados. Nesse sentido, este capítulo será subdividido em cinco subseções. Na primeira subseção serão examinados aspectos do perfil sociodemográfico da família com superdotados levando-se em consideração aspectos sobre a família brasileira e o atendimento educacional especializado apontados no Censo Escolar e no Censo Demográfico brasileiros. Na segunda subseção serão discutidos os resultados sobre o desenvolvimento do superdotado e sua influência na dinâmica familiar. Na terceira subseção, será apreciada a relação família-escola na identificação e atendimento do superdotado, uma vez que essa relação tem impacto importante sobre a dinâmica familiar. Na quarta seção, a partir dos resultados verificados serão realizadas ponderações acerca da rede de apoio e suporte às famílias com superdotados. Por último, discorreremos sobre algumas limitações do estudo e perspectivas para futuras pesquisas evidenciados a partir dos resultados desse estudo.

O perfil sociodemográfico das famílias com superdotados e sua relação com os dados nacionais - Censo Brasileiro e Censo Escolar

Com relação à representatividade, o número de superdotados registrados no Brasil, de acordo com os dados de matrículas do Censo Escolar de 2016, ainda se mostrou pequeno, apesar de seu considerável aumento no número de registros entre os anos 2006 e 2016, com um número próximo de 15.000 de matrículas a mais em todo território nacional, esse número ainda é tímido – especialmente se considerarmos a estimativa a OMS em que 3 a 5% da população seja superdotada – o que implica significativamente

no que se refere à execução da pesquisa. No entanto, avaliamos como positivo o alcance da pesquisa, tendo em vista ser um estudo que buscou dados em âmbito nacional, porém que dificulta a possibilidade de generalização.

Com relação à estrutura familiar e sua configuração, os resultados indicaram que a maior parte das famílias participantes eram formadas por pais casados ou em união estável, indicando que os padrões de formação dessas famílias se apresentam como tradicionais e estáveis com relação à conjugalidade, considerando o tempo de união.

Quanto ao arranjo familiar houve predominância de núcleo familiar constituída por pai, mãe e filhos, ou seja, família nuclear. Isso indica que essas famílias têm uma configuração que não obedece à distribuição censitária brasileira (IBGE, 2010, 2016). Poucas famílias apresentaram a configuração de família estendida, sendo os sogros o principal extensor, o que vai de encontro à tendência indicada pelo Censo Demográfico 2000-2010 que ampliou os arranjos de parentesco para melhor identificar os novos formatos da família brasileira (IBGE, 2010).

A maioria das famílias residiam em área urbana – centro e periferia – sendo o tipo de residência casa e apartamento. Os participantes avaliaram suas residências, de modo geral, como muito boas e excelentes, tendo um tempo de residência superior a 5 anos. Esses resultados estão diretamente associados à condição socioeconômica das famílias que participaram da pesquisa.

Os dados referentes à configuração familiar, no que tange a ordem de nascimento e posição familiar, seguem os resultados de outros estudos que tratam da família de superdotados (Aspesi, 2007; Chagas, 2003, 2008). A literatura destaca que os filhos superdotados são predominantemente posicionados na família como unigênitos, primogênitos ou caçulas (Chagas, 2003, 2007, 2008; Silva & Fleith, 2008), independente da ordem de nascimento.

As famílias participantes da pesquisa possuíam alto nível de escolaridade, tendo a maioria dos participantes nível superior com especialização, além de mestres e doutores. A renda familiar apresentada nos resultados dessa pesquisa sugere que o estudo não atingiu a camada socioeconômica menos favorecida, o que corrobora os dados de escolarização resultantes da pesquisa.

Com relação às questões de lazer, os dados registraram que essas famílias consideram as atividades de lazer como muito importantes para o desenvolvimento do superdotado, bem como da família. Das atividades de lazer indicadas pelas famílias percebemos a predominância de atividades ligadas ao lazer escolar e/ou cultural, do tipo eventos culturais, visitas à museus, participação em gincanas escolares ou o estudo como lazer. Embora haja uma grande inclinação dos dados relativos ao lazer escolar e/ou cultural, as atividades não estão associadas ao isolamento social, o que parece coincidir com os achados de Maia-Pinto (2012).

O Desenvolvimento do Superdotado e sua Influência na Dinâmica Familiar

Os resultados desta pesquisa indicam que a família é um dos principais contextos responsáveis pela identificação do superdotado e promoção do desenvolvimento do potencial dessa população. O que é evidenciado em vários estudos sobre a família, com relação a aspectos mais amplos do desenvolvimento humano (Maia-Pinto, 2015; Wilson, 2015). No caso dos superdotados, essa mediação ultrapassa as questões de sobrevivência, cuidados, socialização ou transmissão de cultura, como aponta Dessen (2005), é talvez, a fonte primária propulsora para a identificação das potencialidades do superdotado e o seu adequado atendimento.

A literatura já tem sinalizado que há influência mútua e recíproca da família em relação ao desenvolvimento do filho superdotado, bem como do superdotado em relação

a família (Chagas, 2008; Silva & Fleith, 2008). Essa reciprocidade também foi demonstrada nesta pesquisa. Assim, a organização da família, o que inclui até mesmo a divisão das tarefas domésticas, são modificadas em função das características do superdotado e suas demandas. Nessa direção, as famílias com superdotados se mobilizam a partir da descoberta da superdotação do filho, reorganizam-se em torno das questões que envolvem a busca por proporcionar um ambiente estimulador, adequado e voltado para o pleno desenvolvimento do superdotado, o que ultrapassa às questões escolares ou acadêmicas.

Os pais indicaram a precocidade como sendo o fator de maior evidência no processo de identificação da superdotação do filho, destacando características desenvolvimentais, associadas à fala precoce, a atenção e memória, à leitura, entre outros. A precocidade é recorrentemente mencionada nos estudos, como sendo uma das características do desenvolvimento do superdotado (Alencar & Fleith, 2001; Chagas, 2003, 2007, 2008; Renzulli, 2016; Winner, 1998). Todavia, parece haver uma tendência da família em destacar as características e conquistas acadêmicas e cognitivas dos filhos superdotados como uma forma de validar a sua condição. Esse discurso parece alinhado com a tônica da maioria das pesquisas na área que, segundo alguns autores, privilegia a investigação de aspectos cognitivos como apontada na revisão de literatura deste estudo (Alencar, 2007; Alencar & Fleith, 2001; Almeida et al, 2013; Chagas, 2008; Chagas-Ferreira, 2016; Maia-Pinto, 2015; 015; Winner, 1998).

No decorrer do curso de vida dos superdotados, como acontece com todas as pessoas em desenvolvimento, podem ser observadas mudanças e continuidades que podem implicar em alterações na dinâmica e no contexto familiar (Ribeiro, 2015; Staudigner, Marsiske & Baltes 1995).

As mudanças podem ser classificadas em normativas ou não-normativas. As mudanças que são esperadas e recorrentes, apesar de ainda serem probabilísticas e estarem associadas a certas condições temporais e etárias, são denominadas como normativas. São exemplos de eventos normativos: andar antes de correr, balbuciar palavras antes de formar frases complexas, o casamento até meados da vida adulta, a entrada na escola ou em processo formais de educação em sociedades ocidentais.

As mudanças ou eventos não-normativos compreendem os acontecimentos inesperados, incomuns, que não são regulares e que podem interferir no processo de desenvolvimento de maneira singular (Fortes-Burgo, Neri & Cupertino, 2009). Como exemplo desse tipo de mudança podemos citar: condição incapacitante como seqüela de uma doença adquirida, acidente doméstico ou de carro, a identificação de um filho como portador de necessidades especiais, a morte prematura, entres outros. Nesse sentido, a identificação de um filho como superdotação pode ser considerado um evento não-normativo no curso de vida da família.

A família de superdotados, não diferente de outras famílias, podem perceber esses eventos de diferentes formas, não implicando necessariamente uma reação positiva ou negativa, porém os eventos implicam no funcionamento da família, que buscará resposta, solução ou tomada de decisão – seja por meio das redes de apoio – e na adaptação e enfrentamento das mudanças ocorridas sejam elas normativas ou não normativas (Borges, 2015). No entanto, os resultados deste estudo apontaram eventos, como as trocas de escola, repetência escolar, *bullying*, mudança de cidade, entre outras que se destacaram neste estudo, os quais consideramos como não-normativos, entendendo que estas ocorrências não atingem a totalidade das pessoas deste grupo em particular, que afetam a organização dessa família e sua mobilização para o atendimento das demandas do filho superdotado.

Não obstante, as famílias, representadas em sua maioria pelas mães, revelam nos resultados desse estudo, que têm uma dinâmica acentuadamente voltada para questões adjacentes à identificação e atendimento do(s) filho(s) superdotado(s). Isso as levam a reservar e despende tempo e recursos (transporte, material de apoio, atenção, busca por avaliação, mentoria, entre outros) de forma que o superdotado possa ser adequadamente atendido na escola. Nesta perspectiva, os resultados indicaram que as famílias priorizavam as questões voltadas para a educação, investiam tempo e recursos variados visando atender as demandas do superdotado voltadas às suas potencialidades, características peculiares e tipo de superdotação.

Esses resultados demonstram que houve um processo de adaptação e reestruturação na organização e dinâmica familiar com objetivo claro de dar ao filho condições plenas para o desenvolvimento de suas potencialidades. Em alguns casos, implicou abandono da carreira profissional, na mudança de domicílio, inclusive para outra unidade federativa e na troca de instituições escolares. Essa centralidade na educação do superdotado, engajamento e investimento parental tem sido uma característica amplamente apontada na literatura acerca do envolvimento familiar na busca pelo desenvolvimento integral do superdotado (Aspesi, 2007; Almeida et al. 2013; Chagas-Ferreira, 2016, Winner, 1998).

A Relação Família-Escola na Identificação e Atendimento do Superdotado

Os resultados da pesquisa inclinaram-se aos aspectos das circunstâncias adversas, em que os participantes destacaram os fatos de maior dificuldade no processo de identificação do filho superdotado, bem como a preocupação com as questões escolares,

sejam elas relacionadas às condições de preparo da escola, seja nas relações sociais dos filhos no ambiente escolar.

Os dados demonstraram que os filhos dessas famílias, em geral, estudavam em escolas particulares em período parcial. Cabe ressaltar que a pesquisa não se limitou à uma faixa etária específica em relação ao filho superdotado, tendo o estudo conglomerado as etapas desde a infância até a fase adulta. No entanto, os dados apontam que é a mãe a principal responsável pelos cuidados com o filho quando não estão na escola, sugerindo que a jornada de trabalho da mãe é combinada ou compatível com o horário em que o filho está na escola.

Ainda no que se refere a escola, as famílias apresentaram fortes críticas à essa instituição. Os resultados indicaram que a escola nem sempre está preparada para atender e compreender as necessidades e demandas dos alunos superdotados, causando conflitos na relação família-escola. Embora não seja essa a nossa investigação para este estudo, ficou claro que a família enfrenta muita dificuldade com relação ao sistema educacional tradicional.

No que diz respeito à falta de conhecimento da escola, apontada pelas famílias, os resultados indicaram que as escolas carecem de mais informações, sem a qual não conseguem prestar o suporte adequado aos alunos e às famílias. Queixas voltadas para a falta de conhecimento da escola esteve presente na fala das famílias em quase todos os momentos da pesquisa, questões relacionadas ao processo de identificação do superdotado que foram negligenciadas pela escola e que colaboraram para um falso diagnóstico. Outra questão relacionada com o despreparo da escola diz respeito aos problemas relacionado à discriminação. Já com relação ao preparo da escola para atender esses alunos e suas famílias, foi verificado que o currículo tradicional é um fator problemático no que diz respeito às demandas do aluno superdotado. Na percepção das

famílias, há um despreparo por parte da escola, em que relatam a falta de habilidade e acolhimento, como também uma negligência do Estado em relação ao atendimento desse grupo.

O sistema de ensino tradicional parece não atender às demandas dos superdotados, que podem apresentar, por exemplo, um assincronismo no desenvolvimento, como a leitura prematura não acompanhada em igual desenvolvimento da escrita. Essas características contrariam o modo tradicional de ensino, além de não acompanhar e desenvolver o pensamento criativo e, normalmente, acelerado do aluno superdotado. Nesta visão, muitos profissionais da educação tendem a não concordar com a aceleração ou avanço de série, alegando possíveis prejuízos no desenvolvimento dos alunos, o que não é confirmado nos estudos de Maia-Pinto (2012).

Sobre a aceleração, os dados da pesquisa revelaram que 1/4 das famílias participantes informaram que seus filhos superdotados foram acelerados, em três casos com aceleração de 3 séries escolares. No entanto, não foi possível identificar se houve outro tipo de aceleração diferente do avanço de série.

É importante ressaltar que a família, ao necessitarem de apoio especial para o filho, tendem a se sentirem frustrados e desamparados na forma de lidarem com as demandas do filho, tendo em vista as dificuldades enfrentadas em todo processo de identificação e avaliação do filho, além das diversas dificuldades de acesso e atenção que proporcione além de estimulação adequado para suas habilidades, sensação de inclusão social.

É fundamental que haja harmonia entre a família e a escola, uma vez que são estas as organizações fundamentais para o desenvolvimento das potencialidades do superdotado. Todavia, apesar de muitos estudos acerca das relações entre essas duas

instituições, ainda são poucos os estudos de intervenção (Maturana & Cia, 2015; Saraiva-Junges & Wagner, 2016).

Os resultados indicam ainda que a escola é também local de identificação dos comportamentos que caracterizam a superdotação, apontando o professor como o principal profissional responsável pela percepção inicial desses comportamentos, corroborando com a literatura (Almeida et al., 2013), o que evidencia a necessidade de estes profissionais participarem de formação continuada permanente para que estejam não somente mais sensíveis à estas questões, mas para que possam planejar estratégias adequadas para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Desta forma, os resultados da pesquisa indicaram que o processo de identificação representou para a família um grande desafio, constituindo-se em forte fator de estresse, uma vez que a identificação não se configura como um processo fácil, devido heterogeneidade do perfil do superdotado como defende Pederro et al, (2017). Nesse sentido, várias de suas características podem ser confundidas e, com isso, gerar falsos diagnósticos, indicando Autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), conforme apontam Ourofino e Fleith (2011).

O falso diagnóstico representou outro fator de grande estresse para as famílias. A dificuldade e confusão relacionada à avaliação e identificação, pode estar conexas à falta de conhecimento da escola, já que muitas características não são exclusivas da superdotação. Assim, os resultados apresentaram o Autismo e o Transtorno de Déficit de Atenção - TDAH como um dos principais equívocos nesse processo avaliativo.

Apesar das objeções, controvérsias e dificuldades apontadas pelos pais, os resultados indicam que a família valoriza a escola como ambiente de desenvolvimento do filho, e revelam a necessidade de uma parceria mais eficaz entre a família e a escola, no sentido de proporcionar acesso a oportunidades e recursos favoráveis ao desenvolvimento

do potencial identificado como área de habilidade ou de maior capacidade do superdotado.

Outros problemas relacionados com a escola, foram observados pelos pais como preocupantes dada a sua incidência e dizem respeito ao *bullying*. Esses resultados apontam para um processo de violência, muitas vezes, naturalizados em filmes, quando crianças e adolescentes considerados “nerds” são provocados, humilhados e desrespeitados por colegas, professores e gestores escolares, em função de seus conhecimentos diversos e aprofundados sobre muitos temas. Esse é um fato que consideramos grave, que merece atenção especial de professores, gestores e demais profissionais que compõem as equipes interdisciplinares que estão no espaço escolar, uma vez que representam os eventos de maior constância, indicando a ocorrência por mais de uma vez.

Este resultado, ainda, nos faz refletir sobre o impacto destes eventos na vida do superdotado e o seu reflexo na família. Dalosto e Alencar (2016) assinalam que o *bullying* apresenta consequências diretas e indiretas, tanto ao agressor, quanto ao agredido, considerando que, em muitos casos, os envolvidos levarão marcas profundas dessas agressões para a vida adulta, além de prejuízos nos processos de aprendizagem. Esse dado é preocupante também, por que pode desencadear desajustes socioemocionais que podem levar ao isolamento social, ideação suicida, frustração, estresse e depressão (Ourofino & Guimarães, 2007; Ourofino et al., 2011).

A discriminação, no entanto, não fica restrita ao ambiente escolar, várias famílias indicaram que essa discriminação pode perpassar a própria família, quando seus filhos são alvo de preconceitos e comentários pejorativos de parentes e amigos próximos; corroborando o resultado de outras pesquisas (Antipoff & Campos, 2010; Fleith, 2007). Esse cenário pode ser parcialmente explicado pela disseminação de mitos relacionados à

superdotação, como: (a) a ideia de que são produto da super estimulação da família que lhes proporciona um ambiente altamente enriquecido; (b) a concepção equivocada de que são excelentes em tudo o que fazem, apresentando sempre um desempenho extraordinário; (c) a argumentação imprecisa de que não precisam de atendimento educacional especializado, por já desfrutarem de uma condição excepcional superior ou ainda (d) a defesa de que são pessoas desajustadas do ponto de vista socioemocional com tendências à loucura e não precisam de suporte. Esses mitos parecem incentivar ações discriminatórias fora e dentro da família.

Rede de Apoio e Suporte às Famílias com Superdotados

Com relação demandas associadas aos recursos para o apoio ou suporte do desenvolvimento da pessoa superdotada, os resultados indicaram que há pouco ou nenhuma estrutura de suporte às famílias. Os resultados apontaram que as famílias se organizam de maneira informal, busca apoio entre seus membros, ou em colaboração de terceiros, para garantir o atendimento das demandas dos filhos, desperdiçando muito tempo e recursos com falsos diagnósticos, com indicações inadequadas de profissionais, com a espera prolongada em filas de apoio psicopedagógico. Essa situação também foi verificada por outros estudiosos (López-Aymes et al., 2014; Pederro et al., 2017).

Muitas vezes, esse estado precário leva a criação de redes de apoio informais constituídas no próprio seio familiar, formada por parentes próximos, ou pela formação de redes sociais virtuais entre famílias que compartilham dos mesmos percalços, desafios e processo de estresse parental. Daí a necessidade de serem planejados e ofertados serviços de apoio às famílias do superdotado, como: associações, cursos de formação,

programas de aconselhamento e espaços para troca de saberes (Brito & Faro, 2016; Ferreira & Rangni, 2017).

Como resultado dessa pesquisa, uma vez que foi utilizado as redes sociais para a disseminação da mesma, evidenciamos que as famílias, especialmente as mães, trocam informações, avaliação de escolas, indicação de escolas, aconselham-se, sugerem especialistas, narram fatos ocorridos com os filhos, postam fotos e vídeos relacionados aos filhos, comunicam eventos em suas cidades. Essa é uma forma de associação possibilitada pela internet que pode ser instituída como uma rede de apoio às famílias.

Questões Metodológicas, Limitações do Estudo e Perspectivas para Pesquisas

Futuras

A amplitude e representatividade da amostra com relação à população, por si só, constituem um grande desafio para pesquisas que considerem o mapeamento de perfil. Nesse sentido, pode-se destacar alguns aspectos considerados nesse processo como: (a) a escolha por instrumentos capaz de atingir o maior número de famílias com superdotados em todo território nacional; (b) a grande extensão territorial do Brasil, considerando as limitações de acessos da população brasileira; (c) as limitações de recursos financeiros e fomento para a pesquisa; e (d) o tempo para a realização da pesquisa. Entendemos que estes fatores tiveram implicações não somente no planejamento, mas também na sua execução e resultados.

É importante ressaltar quanto ao instrumento utilizado na coleta de dados, que o questionário *online*, teve um grande número de acesso (N = 805), sendo completado e enviado por cerca de 17,5% daqueles que visualizaram ou começaram a responder. Entre as 140 famílias que responderam, verificamos um comprometimento e entusiasmo por

poder participar da pesquisa, sendo que algumas delas entraram em contato para complementar respostas ou para elogiar a iniciativa.

No entanto, ainda é importante ressaltar dois aspectos relacionados à aplicação do questionário. Primeiro, a baixa participação de famílias oriundas de ambientes socioeconômico mais desfavorecidos e segundo, o fato de ser respondido, em sua maioria pelas mães. Com relação à participação de famílias de camadas socioeconomicamente mais desfavorecidas da população podemos inferir que: (1) pode ter havido alguma restrição quanto ao domínio da tecnologia ou recursos necessários: microcomputador ou celular do tipo *smartphone* conectado à internet; (2) a participação das famílias com situação socioeconômico mais desfavorecidas pode ter sido cerceada pelas características do instrumento *online* utilizado; ou (3) também pela constatação de outros estudos de que essa é ainda uma parte da população sub representada nos programas e atendimentos educacionais especializados frequentemente denunciado em estudos brasileiros (Carneiro, 2015, Fleith, 2006; Maia-Pinto, 2012).

O fato do questionário ter sido respondido, em sua maioria, por mães, corrobora os resultados de muitos estudos sobre família (Dessen & Braz, 2000; Chagas, 2008; Kreppner, 1995). A figura materna não tem somente maior participação nas pesquisas, mas ainda é aquela responsável pela educação e cuidados com os filhos, o que pode estar associado a estereótipos sociais. No caso das mães deste estudo, a maior parte possuía atividade laboral e tinham um alto nível de escolarização. Podemos inferir com relação a esse aspecto, que essa condição de dupla jornada e a responsabilidade pela educação e cuidados tem haver também com às características nucleares dessas famílias, que eram constituídas por laços de consanguinidade e tinham uma configuração tradicional formada por pai, mãe e filhos.

Em síntese, esse estudo visou preencher uma lacuna nos estudos com superdotados no Brasil, a saber a escassa literatura sobre a família. Nesta direção, seus resultados contribuem para entender a dinâmica de famílias com superdotados, em termos de seu funcionamento e enfrentamento dos desafios que são subjacentes à identificação e atendimento de crianças e adolescentes superdotados no Brasil. Ainda revela, mesmo que de forma exploratória, aspectos importantes sobre o desenvolvimento do superdotado

Com o delineamento do perfil das famílias deste estudo, espera-se também fornecer subsídios teóricos e empíricos para o planejamento, melhoria e avanço nas estratégias que visam atender às especificidades das famílias com superdotados tanto no âmbito da escola quanto das políticas públicas. Há que se considerar ainda, a necessidade do fortalecimento das redes de apoio à essas famílias, seja por meio da organização de associações de pais, oferta de formação continuada ou serviços de orientação e aconselhamento presenciais e *online*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo descrever o perfil de famílias brasileiras com filhos superdotados. Neste capítulo são apresentadas considerações que emergiram desta pesquisa em termos de implicações para a família, a escola e a formulação de políticas públicas que visem o atendimento educacional especializado de alunos superdotados e o suporte e apoio às famílias com filhos superdotados. Por fim, pondera-se sobre perspectivas para pesquisas futuras.

Implicações para as Famílias com Superdotados

Em função dos resultados deste estudo sugerirem que as mães são, ainda, o membro da família que se mobiliza na identificação do filho superdotado, e que participa de forma mais direta e ativa na vida escolar, é importante que essas mães encontrem suporte e apoio por meio da participação em:

- Grupos de estudo com famílias – poderiam ser formados na escola grupos de estudo que discutissem periodicamente vários tópicos importantes acerca do desenvolvimento de crianças e adolescentes superdotados, com funcionamento em horário paralelo ao atendimento oferecido ao superdotado, incluindo além de profissionais especializados, famílias de superdotados.
- Grupos de orientação para pais – na parceria entre escola, família e instituições de ensino superior e de pesquisas, manter serviços permanentes de orientação às famílias com superdotados, com agendas permanentes e contínuas de atendimento.

- Grupos de aconselhamento – que tivessem como objetivo a promoção de escuta das inquietações e angustias que estão subjacentes aos processos de identificação e avaliação dos superdotados, inclusive fortalecendo a parceria entre escola e família no atendimento dos aspectos socioemocionais peculiares de crianças e adolescentes superdotados. Esses grupos de aconselhamento poderiam ser organizados pelas associações de pais e amigos dos superdotados ou mesmo por movimentos livres, como foi possível evidenciar neste estudo nas redes sociais em formato virtual.
- Redes sociais – a criação de espaços virtuais que pudessem agregar as famílias de superdotados para a troca de experiências como: blogs, páginas no Facebook, sites etc.
- Associação de Pais e Amigos – reunir pais, professores, representantes da sociedade civil em geral para discutir e propor políticas públicas e articular ações que favoreçam o atendimento das demandas do superdotado.

Essas estratégias se justificam pelo fato das famílias, por exemplo, indicarem ter um alto custo pela busca de atendimento especializado, por serem vítimas de diagnósticos equivocados, e por terem desconhecimento de seus direitos, de aspectos do desenvolvimento peculiar do superdotado entre outros. Esses grupos representariam não somente uma oportunidade de formação continuada ou suporte, mas também poderia ter influência no empoderamento dessas famílias quanto aos seus direitos, muitos dos quais preconizados em leis.

Implicações para a Escola

Os resultados demonstram a necessidade de maior investimento na formação de professores e na infraestrutura que acolhe os superdotados, especialmente no ensino regular ao longo de toda a Educação Básica. Entendemos que a partir de uma formação continuada voltada para o entendimento da superdotação, a escola passa a compreender a importância de um investimento voltado para esse grupo.

Quanto à formação continuada de professores, é importante que os temas ligados à superdotação ocupe a pauta das coordenações pedagógicas nas escolas, de forma que os professores e demais atores escolares tenham:

- Acesso a publicações e pesquisas acadêmicas – há um crescente número de pesquisas e publicações na área da superdotação que estão disponíveis gratuitamente na internet e que podem ser facilmente acessadas.
- Participem de encontros pedagógicos planejados com a finalidade de apresentar e debater temas relevantes acerca do desenvolvimento de superdotados.
- Organizem trocas de experiências entre os profissionais que atuam na área, professores do ensino regular, pais, alunos e outros profissionais de áreas afins: psicólogos, assistentes sociais, médicos, gestores etc.
- Trabalhem de forma articulada de maneira a ampliar as parcerias entre escola, família e sociedade em geral com a finalidade de fortalecer as estratégias de atendimento dos superdotados.
- Articulem estratégias para a prevenção da violência, *bullying* e discriminação.

Com relação à infraestrutura, é importante que haja equipes especializadas que possam orientar pais e alunos superdotados, que haja ambientes equipados e estratégias pedagógicas adequadas e formalmente planejadas no sentido de atender às

especificidades de cada tipo de talento. Não é possível, por exemplo, que as habilidades musicais superiores floresçam e se desenvolvam, sem que haja instrumentos, partituras, mentores, cadernos pautados e outros artefatos. Cada tipo de domínio exige diferentes organizações e disposições infraestruturais.

Também fica evidente, a necessidade de que haja o estreitamento das relações família-escola, favorecendo o diálogo, já que a família e os professores integram continuamente a rede educativa do superdotado. Nesse sentido, os pais e os superdotados deveriam participar de forma mais ativa da formulação dos projetos pedagógicos da escola, desde o seu planejamento, seja no acolhimento do superdotado, seja com relação às adaptações curriculares, estratégias de enriquecimento escolar ou aceleração curricular.

Implicações para Políticas Públicas

Observou-se que número de superdotados oficialmente registrados cresceu significativamente entre os anos de 2006 e 2016, em todo Brasil, conforme dados do Censo Escolar. No entanto, podemos observar que as famílias, ainda ressentem da qualidade do atendimento recebido e do acesso mais precoce à esse atendimento. Há um descompasso entre as demandas das famílias do superdotado com as políticas públicas e a legislação em vigor. Diante das denúncias reverberadas pelas famílias que participaram desta pesquisa como: a falta de vagas para o ensino especializado em escolas públicas e uma formação docente deficitária sobre aspectos relacionados aos processos de identificação dessa população, consideramos a emergência:

- Na ampliação de vagas nos programas e serviços especializados vinculados à educação especial, sejam em salas multifuncionais, salas de

recursos, programas de iniciação científica, como também em estratégias de enriquecimento que atendam esses alunos no ensino regular.

- Da destinação de investimentos específicos na formação de professores acerca de temáticas associadas à superdotação abrangendo a formação inicial, a formação continuada em serviço e cursos especialização *Lato e Strictu Senso*.
- O fortalecimento dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades – NAAHS por meio de investimento em infraestrutura e ampliação dos serviços de orientação à família e professores.

Perspectivas para Pesquisas Futuras

Com base nos resultados obtidos neste estudo, apontamos algumas sugestões para pesquisas futuras. A primeira, diz respeito à realização de pesquisa longitudinal que poderia abarcar um maior detalhamento das características do desenvolvimento de famílias com filhos superdotados, considerando as mudanças e transições do ciclo de vida dessas famílias. Também consideramos importante a realização de estudos comparativos de famílias com superdotados que possuem acesso ao atendimento especializado em relação àquelas que não possuem acesso, observando as alternativas que as famílias encontram para darem conta das demandas de seus filhos superdotados.

Uma das limitações desta pesquisa está associada a baixa representatividade de famílias oriundas de ambientes socioeconômico desfavorecidos, o que sugere a necessidade de serem realizadas pesquisas que considerem o perfil dessas famílias em termos de suas dinâmicas, configurações e desafios.

Referências

- Abad, A. P.; & Abad, T. M. M. (2016). Altas habilidades/superdotação: um olhar para o desenvolvimento cognitivo, ajuste emocional e seus impactos na vida profissional. *Revista Foco Adm*, 9(2), 97-119.
- Abad, A. P., & Marques, T. M. (2015). A escola contemporânea e a violência escolar: um paradigma obsoleto aos alunos com altas habilidades / superdotação. *Revista Foco Adm*, 8, 6-36.
- Abidin, R. R. (1995). *The parenting stress index professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Alencar, E. M. S. (2007). Indivíduos com altas habilidades/superdotação: Clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas. In D. S. Fleith (Ed.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. Orientação a Professores* (pp. 13-24). Brasília: MEC/SEESP.
- Almeida, L. S., Fleith, D. S., & Oliveira, E. P. (2013). *Sobredotação: Respostas educativas*. Coleção: Psicologia & Educação. Associação para o Desenvolvimento da Investigação em Psicologia da Educação – ADIPSIEDUC.
- Alencar, E. S., & Fleith, D. S. (2001). *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2009). Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 191-199.
- Antipoff, C. A., & Campos, R. H. F. (2010). Superdotação e seus mitos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(2), 301-309.

- Aspesi, C. C. (2003). *Processos familiares relacionados ao desenvolvimento de comportamentos de superdotação em crianças de idade pré-escolar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Aspesi, C. C. (2007). A família do aluno com altas habilidades/superdotação. In D. S. Fleith (Ed.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. O aluno e a família* (pp. 29 - 47). Brasília: MEC/SEESP.
- Baptista, F. & Garcês, I. (2001). A família e intervenção social. In: Silva, Luísa (coord) *Ação social na área da família*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Barreto, L. S. (2013). *Evolução histórica e legislativa da família*. Série Aperfeiçoamento de Magistrados 13.10 Anos do Código Civil - Aplicação, Acertos, Desacertos e Novos Rumos, 1, 205-214.
- Bolsoni-Silva, A. T., Rodrigues, O. M. P. R., Abramides, D. V. M., Souza, L. S., & Loureiro, S. R. (2010). Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(2), 265-282.
- Borges, L. (2015). *Relação família e escola: Programa para profissionais pré-escolares de alunos públicos alvo da educação especial* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Brasil (2008). *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC, SEESP,
- Brasil (2002). *Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002* (2002). Instituto Código Civil. Brasília, 2002. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/2002/L10406.htm#art2045.

- Brito, A. & Faro, A. (2016) Estresse parental: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Psicologia em Pesquisa, UFJF*, 10(1) 64-75.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Carneiro, L. B. (2015) *Características e Avaliação de Programas Brasileiros de Atendimento Educacional ao Superdotado*. 178 p. Tese (Doutorado - Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) -- Universidade de Brasília.
- Carvalho, T. A. O. P, & Lopes, R. G. C. (2016). *A família brasileira numa perspectiva histórica, baseado nos estudos de Engels*. Revista Portal de Divulgação, 48(VI). Recuperado de: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/588/644>.
- Cerqueira-Silva, S., Dessen, M. A., & Costa Júnior, A. L. (2011). As contribuições da ciência do desenvolvimento para a psicologia da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(Suppl. 1), 1599-1609. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-1232011000700096>.
- Chagas, J. F. (2008). *Adolescentes talentosos: Características individuais e familiares* (Tese de doutorado não publicada), Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Chagas, J. F., & Fleith, D. S. (2011). Perfil de adolescentes talentosos e estratégias para o seu desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27, 385-392.
- Chagas-Ferreira, J. F. (2014). As características socioemocionais do indivíduo talentoso e a importância do desenvolvimento de habilidades sociais. In A. M. R. Virgolim & E. C. Konkiewitz (Orgs.). *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: uma visão interdisciplinar* (pp. 283-308). Campinas, SP: Papirus.

- Chagas-Ferreira, J. F., & Fleith, D. S. (2012). Características e dinâmica da família de adolescentes talentosos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(1), 15-23.
- Chagas-Ferreira, J. F. (2013). Hannah, uma trajetória de superação. In D.S. Fleith, & E. M. L. S., Alencar (Eds.). *Superdotados – trajetórias de desenvolvimento e realizações*. Curitiba: Juruá.
- Chagas-Ferreira, J. F. (2016). Psicologia escolar e desenvolvimento humano: articulação de saberes para a promoção do sucesso escolar. In M. V. Dazzani & V. L. T. Souza (Orgs.). *Psicologia escolar crítica: Teoria e prática nos contextos educacionais*. São Paulo: Alínea.
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pai-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16(35), 395-406.
- Colangelo, N., & Dettmann, D. (1983). A review of research on parents and families of gifted children. *The Council for Exceptional Children*. 50(1), 20-27.
- Costa, F. A. O., & Marra, M. M. (2013). Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: Risco e proteção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 141-153.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A, & Silveira, A. (2008). *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2 (4). Recuperado de: https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/9.1b%20metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf
- Dalosto, M. M., & Alencar, E. M. L. S. (2016). *Os Superdotados e o bullying*. Curitiba: Appris.

- Delou, C. M. C. (2007). O papel da família no desenvolvimento de altas habilidades e talentos. In D. S. Fleith (Ed.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: o aluno e a família*. Volume 3: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Dessen, M. A. (2007). A Família como contexto de desenvolvimento. In D. S. Fleith (Org.) *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: Volume 3: O aluno e a família*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Dessen, M. A., & Cerqueira-Silva, S. (2009). Desenvolvendo sistemas de categorias com dados de entrevistas. In L. Weber & M. A. Dessen (Eds.). *Pesquisando a família: Instrumentos para coleta e análise de dados* (pp. 43-56). Curitiba, PR: Juruá.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(spe), 202-219.
- Dessen, M. A., & Szelbracikowski, A. C. (2006). Estabilidades e mudanças em padrões familiares de crianças com problemas de comportamento exteriorizado. *Paidéia*, 16(33), 71-80.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras. In M. A. Dessen & A. L. Costa Jr. (Orgs.), *A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artmed.
- Dias, M. B. (2015). *Manual de direito das famílias* (Vol. 10). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

- Dias, M. O. (2011). *Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica - O processo de comunicação no sistema familiar*. Revista Gestão e Desenvolvimento, 139-156.
- Dill, M. A., & Calderan, T. B. (2011). *Evolução histórica e legislativa da família e da filiação*. Recuperado de: <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/evolu%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-e-legislativa-da-fam%C3%ADlia-e-da-filia%C3%A7%C3%A3o> .
- Faco, V. M. G., & Melchiori, L. E. (2009). Conceito de Família: adolescentes de zona rural e urbana. In T.G.M.,Valle (Org). *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Falcão, D. V. S. (2006). *Doença de Alzheimer: Um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares* (Tese doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Faleiros, F., Käßpler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Goes, F. S. N., & Cucick, C. C. (2016). Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto & Contexto*, 25(4).
- Feldhusen, J. F. (1992). Early admission and grade advancement for young gifted learners. *The Gifted Child Today*, 45 - 49.
- Ferreira, D. M., & Rangni, R. A. (2017). Altas habilidades/ superdotação e família: levantamento e análise de produções acadêmicas. *Série-Estudos*, 22(44),239-253.
- Fleith, D. S. (2007). Conceitos e práticas na educação de alunos com altas habilidades/superdotação. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(3), 479-480.
- Fleith, D.S., & Alencar, E.M.L.S. (Orgs.) (2007) *Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades – Orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed.

- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Freitas, H., Janissek-Muniz, R., Andriotti, F. K., Freitas, P., & Costa, R. S. (2004). *Pesquisa via internet: Características, processo e interface*. Recuperado de: http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2004/2004_140_rev_eGIANTI.pdf.
- França, M. L. P., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Habilidades sociais e bem-estar subjetivo de crianças dotadas e talentosas. *Psico-USF*, 22(1), 1-12.
- Freitas-França, M. L. P., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2018). Dotação, habilidades sociais e bem-estar subjetivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(3), 133-149.
- Freitas, H., Janissek-Muniz, R., Andriotti, F. K., Freitas, P., & Costa, R. S. (2004) *O papel do correio eletrônico na forma de comunicação e tomada de decisão: a percepção de brasileiros e franceses*. Porto Alegre: PPGA/EA/UFRGS. Recuperado de: http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2004/2004_140_rev_eGIANTI.pdf
- Fortes-Burgos, A. G., Neri, A. L., & Cupertino, A. P. F. (2009). Eventos de vida estressantes entre idosos brasileiros residentes na comunidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(1), 69-75.
- Gagné, F. (2004). The DMGT: Changes within, beneath, and beyond. In F.H. R. Piske, J. M. Machado, S. Bahia, & T. Stoltz (Orgs.). *Altas habilidades/superdotação (AH/SD): Criatividade e emoção* (pp. 21-44). Curitiba: Juruá Editora.
- Gama, M. C. S. S. (2007). Parceria entre Família e Escola. In. Fleith, D. S. (Ed.) *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: O aluno e a família* (pp. 61-73). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Guenther, Z. C. (2012). *Crianças dotadas e talentosas... não as deixem esperar mais!* Rio de Janeiro: LTC.

- Henn, C. G., & Sifuentes, M. (2012). Paternidade no contexto das necessidades especiais: Revisão sistemática da literatura. *Paidéia*, 22(51), 131-139
- Hironaka, G. M. F. N. (2000). *Direito civil: Estudos*. Belo Horizonte: Del Rey.
- Hironaka, G. M. F. N. (2003). Comentários ao Código Civil. In. A. J., Azevedo (Org.). *Direito das Sucessões* (Vol. 20). São Paulo: Saraiva.
- Hironaka, G. M. F. N. (2018). Casamento e regime de bens. *Revista Jus Navigandi*. Recuperado de: <https://jus.com.br/artigos/4095> .
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). *Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010)*. Censo Demográfico. Recuperado em: <<http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos>>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1991). Síntese Censo Demográfico 1991. Recuperado em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=782&view=detalhes>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2003). Síntese Censo Demográfico 2003. Recuperado em: <https://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos.html>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011a). *Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011)*. Censo Demográfico. Recuperado em: <<http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos>>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2011b). *Indicadores Sociais Municipais: Uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010*. Estudos e Pesquisas: Informações Demográficas e Socioeconômicas. MPOG. (n. 28). Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016). *Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016)*. Censo Demográfico. Recuperado em: <<http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos>>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro.
- López-Aymes, G.; Acuña, S. R., & Damián, G. G. D. (2014). Families of Gifted Children and Counseling Program: A Descriptive Study in Morelos, Mexico. *Journal of Curriculum and Teaching*. 3(1).
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Machin, R. (2016). Homoparentalidade e adoção: (re) afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 350-359.
- Maia-Pinto, R. R. (2012). *Aceleração de ensino na educação infantil: percepção de alunos superdotados, mães e professores* (Tese de Doutorado não publicada) Universidade de Brasília, Brasília. Retirada de: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11225>.
- Maturana, A. P. P. M., & Cia, F. (2015). Educação especial e a relação família-escola: análise da produção científica de teses e dissertações. *Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo. p. 349-358
- Meireles, F. S., & Teixeira, S. M. (2014). *As Diversas Faces da Família Contemporânea: conceitos e novas configurações*. Informe Econômico. UFPI: Piauí
- Morris, A. S., Cui, L., & Steinberg, L. (2013). Parenting research and themes: What we have learned and where to go next. In: R. E. Larzalere, A. A. Morris, & A. W. Harrist, (Eds.). *Authoritative parenting: Synthesizing nurturance and discipline*

- for optimal child development*. DC. American Psychological Association: Washington, DC.
- Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filho e desafios*. (Tese de doutorado não publicada) Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social. UNESP: São Paulo.
- Oliveira, J.C., Barbosa, A. J. G., & Alencar, E. M. L. S. (2017). Contribuições da Teoria da Desintegração Positiva para a Área de Superdotação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 33, e3332. Epub.
- Olszewski-Kubilius, P. (2001). Parenting practices that promote talent development, creativity, and optimal adjustment. In M. Neihart, S. M. Reis, N. M. Robinson, & S. M. Moon. (Eds). *The social and emotional development of gifted children: What do we know?* Washington, DC: Prufrock Press, Inc.
- Olszewski-Kubilius, P., Lee, S., & Thomson, D. (2014). Family Environment and Social Development in Gifted Students. *Gifted Child Quarterly*, 58(3) 199–216.
- Ourofino, V. T. A. T., & Guimarães, T. G. (2007). Características intelectuais, emocionais e sociais do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (Org). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação*. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: Orientação a professores. p.41-51.
- Ourofino, V. T. A. T., Fleith, D. S., & Gonçalves, F. C. (2011). Fatores Associados à Baixa Performance Acadêmica de Alunos Superdotados. *Psicologia em Pesquisa*, 5(1), 28-38.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: A educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 21(1), 29-40.

- Pederro, M. F. P., Brero, D. R. B. A., Silva, R. V., Cunha, A. M. T.; Gonçalves, L. F., Campos, E. B. V, & Neme, C. M. B (2017). Revisão das produções científicas sobre altas habilidades/superdotação no Brasil no período de 2011 a 2015. *Revista Educação Especial*, 30(58), 499-514.
- Pedro, K. M., Odega, C. M., Moraes, L. A. P., & Chacon, M. C. M. (2016). Altas Habilidades ou Superdotação: Levantamento dos artigos indexados no SciELO. *Interfaces da Educação*, 7(19), 275-295.
- Pereira, C. E. S. (2010). *Identificação de estudantes talentosos: uma comparação entre as perspectivas de Renzulli e Güenther* (Dissertação de Mestrado não publicado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Recuperado de: <http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/±les/2010/01/Carlos-Eduardo-de-Souza-Pereira.pdf>.
- Pereira-Silva, N. L., & Dessen, M. A. (2006). Famílias de crianças com Síndrome de Down: Sentimentos, modos de vida e estresse parental. *Interação em Psicologia*, 10(2), 183-194.
- Pérez, S. G. P. B. (2011) O culto aos mitos sobre as altas habilidades/superdotação? *Psicologia Argumento*, 29(67), 513-531.
- Petzold, M. (1996). The psychological definition of “the family”. In M. Cusinato, (Org.), *Research Family: Resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milão: LED - Edizioni Universitarie.
- Piske, F. H. R. (2013). *O desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no contexto escolar: Contribuições a partir de Vygotsky* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Recuperada de: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/30123?show=full>.

- Piske, F. H. R., & Stoltz, T. (2012). O Desenvolvimento Afetivo de Alunos Superdotados: Uma Contribuição a partir de Piaget. *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética*, 4(1). Recuperado de: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/view/2400/1953>
- Pinheiro, M. H. C., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2008). A família como base. In L. N. D. Weber (Org.), *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp. 21- 36). Curitiba: Juruá.
- Pocinho, M. (2009). Superdotação: conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 15(1), 3-14.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia, (Campinas)*, 25(3), 405-416.
- Poupart J., Deslauriers, J. P., Groulx L. H., Lapemère A., Mayer R., & Pires A. P. (Orgs.) (2008). *Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Reichenberg, A., & Landau, E. (2009). Families of gifted children. In L. Shavinina (Ed.), *The International Handbook on Giftedness* (pp. 873-883). New York: Springer.
- Renzulli, J. (2014). A concepção de superdotação no modelo dos Três Anéis: um modelo de desenvolvimento par a promoção da produtividade criativa. In A. M. R. Virgolim & E. C. Konkiewitz (Orgs.) *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade* (pp. 209-264). Campinas, SP: Papirus.
- Renzulli, J. S. (2016). *Reflections on gifted education: Critical works by Joseph S. Renzulli and Colleagues*. S. M. Reis (Ed). USA: Prufrock Press Inc. Waco, Texas.

- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In: C. Hutz (Ed.), *Violência e risco na infância e adolescência: Pesquisa e intervenção* (pp. 9-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ribeiro, M. F. M., Porto, C. C., & Vandenberghe, L. (2015). Estresse parental em famílias de crianças com paralisia cerebral: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(6), 1705-1715.
- Rodrigues, O. M. P. R., & Nogueira, S. C. (2016) Práticas Educativas e Indicadores de Ansiedade, Depressão e Estresse Maternos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 32(1), 35-44.
- Rooke, M. I., & Pereira-Silva, N. L. (2012). Resiliência familiar e desenvolvimento humano: Análise da produção científica. *Psicologia em Pesquisa*. 6(02), 179-186.
- Sabatella, M. L. P. (2005). *Talento e superdotação: Problema ou solução?* Curitiba: Ibpx.
- Sabóia, A. L., Cobo, B., & Matos, G. G. (2012). *Desafios e possibilidades da investigação sobre os novos arranjos familiares e a metodologia para identificação de família no Censo 2010*. Recuperado de <http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/ST40%5B161%5DABEP2012.pdf>.
- Sampaio, I. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano* 17 (2), 44-152.
- Santana, E. L. F. F. (2014). Família Monoparental Feminina: Fenômeno da Contemporaneidade? *Polêmica*, 13(2), 1225-1236.
- Saraiva-Junges, L. A., & Wagner, A. (2016). Os estudos sobre a relação família-escola no Brasil: uma revisão sistemática. *Revista Educação*. Porto Alegre. 39,114-124.

- Staudinger, U. M., Marsiske, M., & Baltes, P. B. (1995) Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria do curso de vida. Trad.: Anita Liberalesso Neri e Lucila L. Goldstein de Staudinger. In: A. L. NERI (Org.) *Psicologia do envelhecimento* (pp. 195-228). Campinas: Papirus.
- Sakaguti, P. M. Y. (2010). *Concepções de pais sobre as altas habilidades/superdotação dos filhos inseridos em atendimento educacional especializado* (Dissertação de mestrado não publicada), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. PR.
- Sbicigo, J. B., & Dell'Aglio, D. D. (2012). Family environment and psychological adaptation in adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 615-622.
- Silva, P. V. C., & Fleith, D. S. (2008). A influência da família no desenvolvimento da superdotação. *Psicologia Escolar e Educacional* (Impressa), 12(2), 337-346.
- Silverman, L. (1986). *Personality development and the gifted*. Gifted Development Center. Mensa Bulletin, C-175.
- Silverman, L. K. (1993). Counseling families. In L. K. Silverman (Org.), *Counseling the gifted and talented* (pp. 151-177). Denver, CO: Love.
- Stasiak, G. R., Weber, L. N. D., & Tucunduva, C. (2014). Qualidade na interação familiar e estresse parental e suas relações com o autoconceito, habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Psico*, 45(4),404-501.
- Stasiak, G. R., Weber, L. N. D., & Tucunduva, C. (2014). Qualidade na interação familiar e estresse parental e suas relações com o autoconceito, habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Psico*, 45(4),404-501.
- Szelbracikowski, A. C., & Dessen, M. A. (2006). Problemas de Comportamento exteriorizado e as relações familiares: Revisão de literatura. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 12(1), p. 33-40.

- Szymanski, H. (2001). *A relação família-escola: Desafios e perspectivas*. Brasília: Plano.
- Thomas J. R., Nelson J. K., & Silverman S. J. (2007). *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed; 2007.
- UNESCO (1998). *Declaração mundial sobre educação para todos, plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem*. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos.html>
- Virgolim, A. R. (2007). *Altas habilidades/superdotação: Encorajando potenciais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Virgolim, A. M. R. (2014). A inteligência em seus aspectos cognitivos e não-cognitivos na pessoa com altas habilidades/superdotação: uma visão histórica. In A. M. R. Virgolim & E. C. Konkiewitz (Orgs.) *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade* (pp. 23-64). Campinas, SP: Papirus.
- Weber, L. (2007). *Eduque com carinho: Equilíbrio entre amor e limites*. (2ª ed. Revista e atualizada). Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D. (2008). Interações entre família e desenvolvimento. In L. N. D. Weber (Org.), *Família e desenvolvimento: Visões interdisciplinares* (pp. 9-20). Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.
- Wilson, H. E. (2015). Social and emotional characteristics and early childhood mathematical and literacy giftedness: Observations from parentes and childcare

providers using the ECLS - B. *Journal for the Education of the Gifted*, 38, 377 - 404.

Winner, E. (1998). *Crianças superdotadas: Mitos e realidades*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da Pesquisa UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DE FAMÍLIAS COM SUPERDOTADOS NO BRASIL sob a responsabilidade da pesquisadora Sheila Perla Maria de Andrade. Sua participação é voluntária e se dará por meio de respostas ao questionário de pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o desenvolvimento empírico e teórico acerca do referido tema no contexto brasileiro.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. **Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Será resguardado sua integridade física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, e espiritual.** Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço eletrônico sperlaandrade@unb.br ou pelo telefone (61) (98259-4836).

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/CHS. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/CHS cep_chs@unb.br e telefone (61) 31071592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ___/___/_____
Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Anexo II: Questionário sobre Família com Superdotados

Questionário sobre Família com Superdotados

Convidamos o(a) Sr.(a) a participar da Pesquisa U M EST U D O SOB R E O P E R F I L D E F A M Í L I A S COM SUPERDOTADOS, sob a responsabilidade da me Sheila Perla Maria de Andrade. Sua participação é voluntária e estará contribuindo para a caracterização das famílias no contexto brasileiro. Você tem o direito de e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Responda as perguntas que se seguem de acordo com a sua percepção, opinião ou realidade familiar. Não há respostas certas ou erradas.

O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada. Para qualquer outra informação, entre em contato com Sheila Andrade pelo e-mail: sperlaandrade@unb.br ou celular (61) 98259-4836.

Agradecemos a sua participação!

IDENTIFICAÇÃO

Nome do superdotado:

Data de nascimento do superdotado:

Série escolar do superdotado:

Questionário respondido por:

Pai

Mãe

Responsável. Qual grau de parentesco?

Qual é o seu nome?

Telefone para contato:

E-mail para contato:

Qual é a sua escolaridade?

Alfabetizado

Ensino Fundamental I (séries iniciais) -
Incompleto

Ensino Fundamental I (séries iniciais) - completo

Ensino Fundamental II (séries finais) - incompleto

Ensino Fundamental II (séries finais) - completo

Ensino Médio – incompleto

Ensino Médio - completo

Ensino Superior - incompleto

Ensino Superior - completo

Especialização

Mestrado

Doutorado

Qual é o seu curso superior?

Qual é o seu curso superior e o de especialização?

Qual é o seu curso superior e a área do Mestrado?

Qual é o seu curso superior e a área do Doutorado?

Qual é a sua Região:

Norte

Nordeste

Centro-Oeste

Sudeste

Sul

Estado:

AC

MA

RJ

AL

MT

RN

AP

MS

RS

AM

MG

RO

BA

PA

RR

CE

PB

SC

DF

PR

SP

ES

PE

SE

GO

PI

TO

Qual é o tipo de residência da família?

Área Urbana – Centro

Área Urbana – Periferia

Área Rural

Qual é o tipo de moradia?

Casa

Apartamento

Barraco

Outro:

Qual é a situação da moradia?

Própria

Alugada

Cedida

Invasão

Outro:

Como você avalia a qualidade das condições de moradia?

Excelente

Muito boas

Boas

Razoáveis

Precárias

Quanto tempo reside nesta localidade?

Menos de 1 ano

de 1 a 3 anos

de 3 a 5 anos

de 5 a 10 anos

a mais de 10 anos

DADOS DEMOGRÁFICOS

Qual é seu estado Civil Atual?

Casado(a)

União estável (viverem juntos)

Separado(a)/divorciado(a)

Viúvo(a)

Solteiro(a)

Este é seu/sua:

1º Companheiro(a)

2º Companheiro(a)

3º Companheiro(a)

4º Companheiro(a) ou mais

Quanto tempo estão juntos? (anos e meses)

Você está empregado?

Sim

Não

Qual é a sua ocupação?

Quantos dias na semana você trabalha?

Segunda a Sexta-feira

Segunda-feira a Sábado

Segunda-feira a Domingo

Trabalho por escala

Outro

Qual é a Renda Familiar?

Instruções da pergunta: *Salário mínimo (2017) = R\$ 937,00*

Até um salário mínimo

1 salário mínimo a 3 salários mínimos

3 salários mínimos a 6 salários mínimos

6 salários mínimos a 10 salários mínimos

Acima de 10 salários mínimos

Quem mora com a família?

Instruções da pergunta: *(mãe, pai, madrasta, padrasto, avós, tios, empregados, primos, amigos...)*

Quantas crianças moram com a família?

Qual é a escolaridade dos filhos?

	Ensino Fundamental - Séries Pré - Iniciais (1º -	Ensino Fundamental - Séries finais (6º -	Ensino	Ensino	Não
Creche	5º ano)	9º ano)	Médio	Superior	se aplica
escola					

Primogênito

2º filho

3º filho

4º filho

5º filho

Qual o período escolar dos filhos?

Instruções da pergunta: *Marcar a opção "NÃO SE APLICA" para quantidade de filhos não existentes.*

Integral Parcial Não se
aplica

Primogênito

2º filho

3º filho

4º filho

5º filho

Qual é o tipo de Escola dos filhos?

Instruções da pergunta: *Marcar a opção "NÃO SE APLICA" para quantidade de filhos não existentes.*

Pública Particular Não se aplica

Primogênito

2º filho

3º filho

4º filho

5º filho

Há algum filho que não está frequentando creche ou escola? Qual o motivo?

CARACTERÍSTICAS DA FAMÍLIA

Assinale as atividades de lazer que a família costuma participar:

- Ir ao cinema
- Assistir TV em casa
- Jogar jogos de tabuleiro
- Jogar vídeo games
- Jogar bola na rua ou praça
- Soltar pipa/papagaio
- Participar de gincanas escolares
- Outras. Quais?

Liste as atividades sociais mais frequentes na rotina da família:

- Religiosas
- Estudos
- Festas/aniversários
- Encontros Familiares e/ou com amigos
- Visitas (em sua própria casa)
- Eventos culturais
- Festas típicas ou regionais
- Restaurantes/lanchonetes
- Visitas em centros culturais/museus
- Outras. Quais?

Como você classifica o nível de importância das atividades de lazer para a sua família?



Como é feita a divisão de trabalhos domésticos e os cuidados com os filhos?

Mãe/Pai/Filhos mais velhos /Avós/ Empregado(a)/ Vizinhos/Sozinho/ Não se aplica

- Alimentação/banho
- Levar à escola
- Ler/Contar histórias
- Levar à atividade de lazer
- Colocar a criança para dormir

Cozinhar
 Limpar a casa
 Lavar/passar roupas
 Comprar comida
 Orientar empregada nas atividades

Quem cuida da criança quando ela não está na Escola?

Mãe
 Pai
 Irmãos
 Avós
 Babá
 Empregada doméstica
 Vizinhos
 Outro

CARACTERÍSTICAS DO SUPERDOTADO

O filho superdotado é:

1º filho
 2º filho
 3º filho
 Outro

Responda o quadro de frequência de eventos em relação ao filho SUPERDOTADO:

	Sempre acontece única vez	Mais de uma vez Nunca aconteceu	Uma
--	------------------------------	------------------------------------	-----

Mudança de Escola
 Repetência na escola
 Suspensão na Escola
 Bullying
 Discriminação

Problemas de relacionamento

Problemas de comportamento

Envolvimento com brigas

Mudança de cidade

Houve aceleração escolar do filho superdotado?

Sim

Não

Quantas séries foram aceleradas?

Faz algum acompanhamento psicopedagógico?

Sim

Não

superdotado costuma adoecer com frequência?

Não

Sim. Informe quais os problemas de saúde apresentados pelo filho:

O superdotado possui outro diagnóstico?

Não

Sim. Qual?

Faça um breve relato de como foi o processo de identificação do superdotado?

Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas no processo de identificação?

Descreva como é ter um superdotado na família?

Como a família se organiza para dar conta da rotina do superdotado?

Na sua opinião, quais são os maiores conflitos, dúvidas ou dilemas pelos quais os pais de superdotados costumam passar?

O que você acha que é primordial para que os pais eduquem um filho superdotado?

Qual foi o momento mais marcante no processo de desenvolvimento do superdotado?

Você possui disponibilidade para participar de uma entrevista pelo Whatsapp?

Sim

Não